

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO NUM LAR  
DE INFÂNCIA E JUVENTUDE - PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES LÚDICAS,  
ARTÍSTICAS E DE MEDIAÇÃO DE CONFLITO**

**Maria Margarida Pereira Ribeiro**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

**Área de Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural**

**Relatório de Estágio Orientado pela Prof<sup>ª</sup>. Doutora Ana Paula Caetano e pela Prof<sup>ª</sup>.  
Doutora Catarina Sobral**

**2017**

## **Agradecimentos**

Agradeço antes de mais a orientação das Professoras Ana Paula Caetano e Catarina Sobral. Foram duas pessoas importantes por toda a disponibilidade e apoio incondicional.

Agradeço à Matilde, diretora do Lar de Infância e Juventude, Casa dos Búzios, na Instituição “A Hera” e igualmente ao Doutor Carlos por ter aceite ser meu orientador de estágio no local e a todos os outros profissionais, também eles envolvidos de corpo e alma neste projeto, a equipa técnica e a equipa educativa constituídas pela Carina, Joana, Bárbara, Nadja, Patrícia, Rosarinho, Rita, Alice, Tânia, Zé Maria, Nuno, Dora. Agradeço-lhes por me acolherem bem, por toda a confiança depositada em mim, e pela sua pronta disponibilidade para me ajudarem.

À Inês, estagiária de serviço social, grande companheira de trabalho e amiga, que sempre se disponibilizou a ajudar-me nos momentos de maior dificuldade. Também para ela o meu obrigado.

Às minhas colegas de curso pelas partilhas, desabafos, por acreditarem que sou capaz e pela ajuda mútua, que se tornou muito importante ao longo de todo este processo.

À Mila, não só pelas aprendizagens, que são muitas, mas também por ser uma grande amiga. Agradeço-lhe a paciência, a sua capacidade de boa ouvinte com uma personalidade maravilhosa que eu tanto admiro. Porque nunca desistiu de mim e acreditou que eu era capaz, obrigada.

Aos meus Pais e Irmã por todo o apoio incondicional. Obrigada por acreditarem em mim, por sempre disponibilizarem ajuda quando mais precisei, por verem sempre o lado positivo das coisas, por me incentivarem quando me sentia mais em baixo psicologicamente, por reconhecerem o meu trabalho. Acima de tudo por acreditarem que sou capaz, trabalhadora e persistente. Sem eles nada disto seria possível.

À minha Avó, aos meus Tios e Tias e aos meus Primos pelas partilhas, ajuda e valentes gargalhadas, que sempre me dispuseram bem quando mais precisava.

Um agradecimento muito especial aos meus Padrinhos, sobretudo à minha Madrinha Tita, que recorro particularmente neste momento.

E saliento um obrigado muito carinhoso às crianças e jovens da Casa dos Búzios que me fizeram compreender o que é a vida. Acima de tudo guardo os sorrisos, a galhofa e os abraços, o afeto incondicional e os laços criados. Aprendi que com humildade conseguimos chegar mais longe. São crianças e jovens sonhadores com um enorme potencial.

## Resumo

Este relatório foi realizado no âmbito do estágio curricular inserido no Mestrado de Educação e Formação, na área de especialização Desenvolvimento Social e Cultural. Este trabalho está associado ao projeto CONVERCIDADE - Convergência na Diversidade. Participação das crianças na cidade.

O estágio curricular foi desenvolvido num Lar de Infância e Juventude, na Casa dos Búzios, Instituição “A Hera” e teve a duração de nove meses.

A minha intervenção iniciou-se com um apoio mais técnico junto dos profissionais técnicos e educadores. O desempenho dessas tarefas centrou-se no acompanhamento personalizado das várias áreas de atuação, tais como saúde, educação, família e meio social das crianças e jovens institucionalizados. Posteriormente, colaborei em projetos já existentes, como a sala de estudo e as assembleias dos mais novos. Esta intervenção inicial permitiu-me compreender o funcionamento da Casa dos Búzios, nomeadamente os horários estipulados para as diferentes tarefas que devem ser desempenhadas diariamente com as crianças e jovens. Além disso, disponibilizei-me para participar nos jogos e atividades de tempos livres dedicados às crianças. Desta forma, foi possível criar novas dinâmicas, ligações e laços afetivos, tornando mais fácil a realização das atividades propostas, promovendo um maior interesse e maior participação ativa por parte crianças e jovens. As atividades pedagógicas desenvolvidas basearam-se na educação não formal e tiveram como principal objetivo estimular a criatividade, a imaginação e a expressão artística. Foram identificadas algumas dificuldades no campo das relações humanas, sobretudo a existência de alguns conflitos que resultavam da interação entre crianças e jovens. Assim, outros dos objetivos foram a aprendizagem de uma abordagem positiva do conflito, pelo diálogo e mediação, a aprendizagem da gestão de sentimentos e emoções e a melhoria da autoestima e confiança, através de jogos dinamizados no âmbito da valorização do *self*.

Em suma, as atividades pedagógicas e jogos implementados foram dinamizados num contexto de educação não formal, explorando a participação ativa, promovendo o equilíbrio emocional e o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens institucionalizados.

**Palavras-Chave:** Crianças e Jovens em Risco; Educação Não Formal; Atividades Lúdico-Pedagógicas; Mediação de Conflitos; Desenvolvimento Pessoal e Social.

## **Abstract**

This report was carried out as part of the curricular internship in the Training and Education Master's Degree, in the field of Social and Cultural Development. This work is associated with the project CONVERCIDADE - Convergência na Diversidade. Participation of children in the city.

My curricular intership was developed in a home for Children and Youth, at Casa dos Búzios, "A Hera" Institution and lasted for nine months.

My intervention was based on support functions to the technical staff and educators; the performance of these tasks centered in personalized follow-up in the various areas of health, education, family and social environment of institutionalized children and youth. Later, I collaborated on existing projects such as the study room and the assemblies of the youth. This initial phase allowed me to understand the operation of Casa dos Búzios, in compliance with the stipulated schedule of tasks that should be performed daily with children and young people. I decided to participate in games and leisure activities. This was a way of creating new dynamics and affective bonds, making it easier to carry out the suggested activities without resistance and bringing out the children's interest and involvement. The pedagogical activities developed with institutionalized children and young people were conceived to stimulate creativity, imagination and artistic expression. There were some difficulties in the field of human relations, mainly some conflicts resulting from the interaction between children and young people. Thus, other aims were learning a positive approach to conflict, namely through dialogue and mediation and learning emotional self-awareness and self-regulation, through several games that improved self-appreciation, self-esteem and confidence.

In brief, the developed pedagogical activities and games were carried out in a non-formal context, exploring active participation, encouraging emotional balance and also personal and social development of institutionalized children and youth.

**Key-words:** Children and Young People at Risk; Non-formal Education; Ludic-Pedagogical Activities; Conflict Mediation; Personal and Social Development.

# Índice

Agradecimentos

Resumo

Introdução .....	1
Parte I – Enquadramento Teórico .....	3
1. Crianças e Jovens em Risco .....	3
1.1. Direitos das Crianças .....	5
1.2. O papel da Escola e da Família.....	8
1.3. Entidades Promotoras de Proteção das Crianças .....	10
1.4. Histórias de Vida .....	15
1.5. Resiliência e <i>Coping</i> : As Estratégias de Superação .....	17
2. O Lúdico e as Artes na Educação Não Formal .....	18
2.1. A Educação pela Arte .....	21
2.2. A Criatividade.....	23
2.3. Os Jogos Lúdico-Pedagógicos.....	25
3. Desenvolvimento de Competências Emocionais do Sujeito.....	26
4. Conflito e Mediação de Conflitos .....	28
4.1. Conflito: Conceito, Causas e Estratégias.....	29
4.2. Estratégias de Gestão do Conflito.....	29
4.3. Mediação de Conflitos.....	33
4.3.1. A Participação nas Assembleias de Jovens .....	35
Parte II – Estágio: Contexto e Atividades Desenvolvidas .....	39
5. Caracterização da Instituição “A Hera” .....	39
5.1. Descrição de Alguns Projetos de Integração Social da Instituição .....	40
5.1.1. Projeto “Agarra a Oportunidade” .....	40
5.1.2. Sê Mudança .....	41
5.1.3. A Casa da Praia.....	43
5.1.4. A Casa das Sereias.....	44

5.2. A Casa dos Búzios – O Local de Estágio.....	45
5.2.1. Espaço Casa dos Búzios .....	47
5.2.2. Horário de Funcionamento do Lar.....	48
5.2.3. Organograma do Lar de Infância e Juventude Casa dos Búzios .....	51
5.2.4. Recursos Humanos .....	51
5.2.5. Equipa Técnica e Equipa Educativa .....	52
5.2.6. Caracterização do Grupo de Crianças e Jovens.....	53
6. Diagnóstico da Situação.....	57
6.1. Identificação das Necessidades.....	57
6.2. Análise SWOT.....	57
7. A Organização e Desenvolvimento das Atividades de Estágio .....	60
7.1. Horário da Estagiária .....	60
7.2. Atividades Técnicas.....	63
7.3. Dinamização de Atividades e Objetivos Gerais .....	64
7.4. Plano de Atividades .....	65
7.5. Atividades Pedagógicas – Apresentação Global .....	67
7.5.1. Sala de Estudo.....	68
7.5.2. Assembleias dos Mais Novos .....	74
7.6. Desenvolvimento das Atividades .....	82
8. Reflexões – Cruzando Teoria e Prática .....	97
8.1. As Crianças e Jovens em Risco e o Conflito.....	97
8.2. Os Jogos Lúdico-Pedagógicos e a Educação pela Arte.....	109
Conclusão.....	114
Referências bibliográficas.....	117
Anexos .....	123
Anexo A – Diários de Bordo.....	124
Anexo B – Congresso Caminhos e Desafios em Jovens de Risco.....	171
Anexo C - Visita ao Bairro da Torre.....	173

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Esquema de Triangulação dos Factos Jurídicos-----	14
<b>Figura 2:</b> Gráfico com a distribuição das atividades desenvolvidas no Projeto “Sê Mudança”-----	43
<b>Figura 3:</b> Planta da Casa dos Búzios-----	47
<b>Figura 4:</b> Organigrama Estrutural de Cargos-----	51

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Situações de Perigo Tipificadas na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) e sua Operacionalização-----	11
<b>Quadro 2:</b> Estratégias de Resolução de Conflitos-----	32
<b>Quadro 3:</b> Horário de Funcionamento da Casa dos Búzios-----	49
<b>Quadro 4:</b> Colaboradores da Instituição-----	51
<b>Quadro 5:</b> Técnicos e Educadores – Áreas de Formação Profissional-----	52
<b>Quadro 6:</b> Dados relativos às Crianças e Jovens-----	53
<b>Quadro 7:</b> Análise SWOT-----	58
<b>Quadro 8:</b> Horário da Estagiária-----	61
<b>Quadro 9:</b> Funções Desempenhadas-----	62
<b>Quadro 10:</b> Atividades técnicas-----	63
<b>Quadro 11:</b> Quadro Síntese de Atividades-----	66
<b>Quadro 12:</b> Jogos-----	67
<b>Quadro 13:</b> Expressões Artísticas-----	67
<b>Quadro 14:</b> Culinária-----	68
<b>Quadro 15:</b> Atividades da Sala de Estudo-----	70
<b>Quadro 16:</b> Atividades da Assembleia dos Mais Novos-----	76

## **Lista de Siglas**

**CAFAP** – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento

**CASA** – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens

**CJCP** – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

**DEB** – Departamento de Educação Básica

**DGPJ** – Direção-Geral da Política de Justiça

**EATTL** – Equipa de Apoio Técnico ao Tribunal de Lisboa

**ECJ** – Equipa de Crianças e Jovens em Risco

**ISS** – Instituto da Segurança Social

**LIJ** – Lar de Infância e Juventude

**LPCJP** – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

**MPP** – Medida de Promoção e Proteção

**PIEF** – Programa Integrado de Educação e Formação

## **Introdução**

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Formação, com especialização na área de Desenvolvimento Social e Cultural. O principal objetivo é refletir criticamente, partindo dos conceitos teóricos adquiridos, sobre o trabalho desenvolvido no estágio curricular. O estágio foi desenvolvido na Casa dos Búzios, da Instituição “A Hera” e teve a duração de nove meses, tendo sido realizado entre Setembro e Maio.

A Casa dos Búzios é designada como Lar de Infância e Juventude e, como o próprio nome indica é considerado um lar que garante o bem-estar de crianças e jovens, que sofreram de negligência parental, englobando os maus-tratos, a ausência de uma família estruturada e condições precárias de vida, entre outros. É assegurado às crianças e jovens um plano de vida e aos pais um acompanhamento familiar. Frequentemente fazem-se visitas domiciliárias para verificar as condições de habitação. Esta avaliação é feita regularmente por técnicos especializados e os relatórios são apresentados ao tribunal de família e de menores.

As observações que foram sendo realizadas apontavam principalmente, para a ausência de coesão no grupo, quer isto dizer que existem muitos atritos e conflitos entre os pares. Uma curiosidade observada foi a existência de irmãos, tendo esta instituição também o papel de garantir a fraternidade, o fortalecimento de laços afetivos entre irmãos.

Sendo assim, este estágio incidiu essencialmente na dinamização de atividades lúdico-pedagógicas, de especial importância para as relações humanas, que contemplaram temas como o conflito, os sentimentos, a responsabilidade e a cooperação. O intuito das atividades implementadas foi promover a coesão no grupo, melhorar as relações humanas e incentivar a participação ativa das crianças nas tomadas de decisão da Casa dos Búzios, capacitando-as para uma livre expressão das suas ideias e opiniões.

Pretendi, ainda, aperfeiçoar algumas competências no campo da intervenção educativa e pedagógica, nomeadamente ao nível da gestão de conflitos interpessoais, tendo como objetivo geral o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens, dotando-os de mecanismos de negociação e de adaptação às situações. Para além disso, procurei adquirir um maior conhecimento sobre o complexo e vasto tema de crianças e jovens em risco. Tudo isto foi assegurado através de uma componente mais teórica aliada à componente prática, e mediante observações dos espaços de convivência, experiências vividas e reflexões produzidas.

Relativamente ao relatório, este é constituído primeiramente pelo enquadramento teórico, que aborda vários temas de interesse para a fundamentação do trabalho desenvolvido. Estes relacionam-se com as crianças e jovens em risco; as entidades promotoras de promoção e proteção; a resiliência e o *coping* como processos de superação de episódios traumáticos; as histórias de vida; o lúdico e as artes na aprendizagem; o desenvolvimento pessoal, emocional e social, tendo em conta a importância do grupo nas relações humanas, o papel da família e escola no desenvolvimento das categorias mencionadas anteriormente; o conflito e a sua mediação.

De seguida, apresenta-se a planificação, descrição e reflexão de todas as atividades desenvolvidas. Sucintamente, através das reflexões, com base no diálogo entre a teoria e a prática, pretendi explorar esta dinâmica entre teoria abordada no enquadramento teórico e as experiências vivenciadas no local de estágio.

Nas conclusões finais foi pertinente refletir sobre todo o processo e trajeto traçado, ou seja, ponderei sobre as dificuldades, experiências, conhecimentos e aprendizagens apreendidas e que serão da máxima utilidade como futura profissional.

## Parte I – Enquadramento Teórico

### 1. Crianças e Jovens em Risco

O conceito de crianças e jovens em risco apresenta alguma ambiguidade devido à complexidade deste domínio. A componente cultural e social tem influência sobre o indivíduo, “(...) certas características que numa determinada fase do desenvolvimento do indivíduo ou num determinado contexto são indicadores de risco podem oscilar em função de variáveis de natureza cultural ou social.” (Kraemer, 2003, citado por Silva, Fonseca, Alcoforado, Vilar & Vieira, 2004, pág. 17)”.

A família tem um papel fulcral no desenvolvimento das crianças e jovens, sendo a principal responsável na promoção da educação e formação daqueles, inculcando-lhes regras de sã convivência e comportamento social adequado. Uma família saudável gera e forma jovens felizes com potencial humano e social, capazes de se tornarem cidadãos realizados, íntegros e ativos no seu meio sociocultural. Ao invés, numa família desestruturada os filhos poderão sofrer com os desequilíbrios constantes e as violências infligidas sobre os membros do agregado familiar. Segundo McWhirter e McWhirter (1998), a expressão de crianças e jovens em risco aplica-se àqueles que,

“se encontram perturbados, deprimidos e ansiosos, que sofrem em casa e na escola, que têm medo, que andam aborrecidos ou furiosos, que andam confusos por causa dos conflitos na família, do divórcio ou da ausência dos pais, e estão receosos da violência no recreio da escola”. (Silva, Fonseca, Alcoforado, Vilar & Vieira, 2004, pág.12)

As formas de abuso podem ir de negligência, abuso psicológico, emocional, físico e sexual. Em situações de negligência, a criança é “vivenciada como ar que não é visível, não é considerada, não é valorizada, quer nas suas necessidades biológicas quer psicológicas.” (Alberto, 2010, p. 25).

Foi nos textos de Magalhães (2005) que encontrei a definição mais atual e alargada de maus-tratos:

“Como qualquer forma de mau tratamento físico e/ou emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações entre crianças ou

jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e/ou poder. Podem manifestar-se por comportamentos ativos (físicos, emocionais ou sexuais) ou passivos (omissão ou negligência nos cuidados e/ou afetos). Pela maneira reiterada como geralmente acontecem, privam o menor dos seus direitos e liberdades afetando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) e/ou dignidade.” (p. 33)

Strecht (1997) refere que as crianças institucionalizadas não são valorizadas ou confirmadas pelas figuras parentais, manifestando défice de autoestima, tristeza, timidez, dificuldades de aprendizagem e/ou problemas de comportamento, pré-delinquentes, com falhas de identidade sexual e risco de suicídio.

Pais que já foram maltratados têm tendência a reproduzir os mesmos comportamentos, tornando-se num ciclo transgeracional viciado. Daí, a importância dada à terapia como forma de solução.

“Apesar de tudo, nestas famílias os elos mais viáveis para quebrar o ciclo de patologia transgeracional continuam a ser as crianças. Os seus Pais maltratantes, habitualmente também maltratados na infância, organizaram-se patologicamente devido às suas falhas precoces, e uma abordagem terapêutica é uma missão teoricamente viável, mas muitas vezes traduzidas na prática pelas suas dificuldades em aceitar o seu próprio mal-estar, sistematicamente denegado ou agido contra o meio exterior ou contra os seus filhos.” (Strecht, 1997, p.83)

As crianças têm tendência a desenvolver certos traços de sinais de alerta como atraso global de desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem e dificuldades de socialização.

**Atraso global de desenvolvimento** – do ponto de vista físico verifica-se “mau crescimento estato-ponderal e doenças agudas de repetição (otites, amigdalites, bronquiolites, pneumonias, gastroenterites, por exemplo) sinal de vulnerabilidade psicossomáticas” (Ibidem, 1997, p. 106). Do ponto de vista psíquico, “os vulgares atrasos de linguagem, de expressão gráfica, coordenação psicomotora, capacidade simbólica” (Ibidem, 1997, p. 106).

**Dificuldades de aprendizagem** – têm um conhecimento muito concreto, absorvem o conteúdo por adesividade (“colagem”) e posteriormente esquecem. Strecht (1997) considera que estas crianças “apesar de vulgarmente terem um potencial intelectual normal, não aprendem. Desatentas, instáveis, hiperativas ou apáticas, desinteressadas, as crianças estão distantes do espaço da Escola.” (p. 106).

**Dificuldades de socialização** – Alguns jovens por vezes têm dificuldades em aceitar e compreender regras sociais. Eles falham no controle dos seus impulsos ou denegam a sua

responsabilidade em certas atuações, colocando-se em situações perigosas, já que o sentimento de auto-preservação é frágil, como acontece nos acidentes físicos, que são extremamente frequentes.

Dependendo da criança, esta pode relacionar-se com os outros, adultos e crianças, de forma superficial, não adquirindo qualquer tipo de vínculo. Ou pode ser demasiadamente dependente de um adulto, demonstrando ser uma criança fragilizada: “As crianças são frequentemente imaturas ou desenvolvem um lado (falsamente) independente como mecanismo de luta por uma sobrevivência: caretaker selves, isto é, auto-prestadoras de cuidados” (Ibidem, 1997, p.106). Este conceito de auto-prestadoras de cuidados refere-se à proteção e responsabilidade que um irmão mais velho tem sobre os seus irmãos mais novos, por exemplo.

Strecht (1997) conta-nos uma das suas histórias para ilustrar este conceito: “Posso falar-vos da Sofia, a mais velha de três irmãos, agora com 9 anos. Abandonados pelos pais durante todo o dia numa barraca, à Sofia cabia tratar de todos, um bebé incluído. Hoje, a Sofia e os irmãos estão numa Instituição há quase dois anos. Ver se há comida no frigorífico, vestir os mais pequenos, limpar a casa, continuam a ser atividades muito importantes para ela, apesar de estar mais tranquila do que no início” (p. 106).

No meu local de estágio, a **Casa dos Búzios**, na Instituição “A Hera” convivem crianças de várias idades e diferentes proveniências. O contacto com essas crianças permitiu-me conhecer as suas fragilidades: umas, devido à sua história de vida, ficaram marcadas pelo negativismo, mantendo-se instáveis no seu dia-a-dia, num estado de renúncia e não-aceitação da realidade, apresentando bastantes desequilíbrios. Outras, apesar de marcadas pelas suas histórias de vida, lutam para que o passado não as impeça de viverem o presente e assegurar um futuro melhor.

Como estratégias utilizadas temos a resiliência e o *coping*, conceitos que serão desenvolvidos posteriormente.

Entretanto importa mencionar o papel das entidades promotoras de proteção de crianças e jovens em risco para investigar, interceder, solucionar os casos em que as crianças são postas em perigo.

## **1.1. Direitos das Crianças**

Até aos anos 70, a preocupação recaiu sobre a importância de outros grupos etários, demonstrando-se indiferença e despreocupação em relação às crianças, que apresentam maior dependência dos adultos e fragilidades, “Cada criança é um tesouro. Mas, um tesouro frágil” (Soares, 2009, p. 1). A mesma autora, ainda afirma: “Hoje, em Portugal, as famílias, a sociedade e o Governo preocupavam-se muito com os mais novos mas nem sempre foi assim. (...) Dantes as crianças não eram obrigadas a ir à escola e muitas começavam a trabalhar aos seis, sete, oito anos.” (Ibidem, 2009, p. 1). Segundo a Lei de Proteção à Infância criada em 1911, “A criança abandonada ou desprotegida nunca despertou a atenção das leis que nos tem regido. E em poucos países, como Portugal, a indústria da exploração infantil se exerce em tam larga escala e tam impunemente”. (Lei de Proteção à Infância, 1911, p. 1316)

As visões paternalistas tradicionais consideravam as crianças, objetos de controlo parental dos adultos. Antigamente, o papel e funções das crianças eram outras, sujeitavam-se ao trabalho árduo para assim ajudar economicamente as suas famílias, rapidamente se tornavam adultos.

“As crianças, até o século XIX, recebiam um tratamento muito semelhante ao dos adultos e, inclusive, começavam a trabalhar cedo, sujeitando-se muitas vezes a trabalhos pesados que colocavam em perigo, por exemplo, a sua saúde. Até o século XIX, não existia a noção de responsabilidade social pelas crianças, e muito menos havia leis para protegê-las. A família era a única responsável pela sua proteção e defesa, sendo elas dependentes dos meios materiais, intelectuais e morais que a família lhes pudesse proporcionar.”. (Tomás & Fonseca, 2004, p.385)

O mesmo considerava Silva (2001):

“Outrora, as crianças rapidamente se tornavam adultas porque logo a partir de tenra idade punham-nas a trabalhar duramente, constituíam fonte de rendimento familiar “O que hoje nos parece egoísmo e indiferença, levou então mais de cem anos a dar lugar ao sentimento de ternura e a ideia de que as crianças necessitam de cuidados especiais indispensáveis à sua sobrevivência e desenvolvimento”. (p. 20)

A sociedade tem reconhecido cada vez mais a importância das crianças, adotando um papel mais responsável e de defesa do bem-estar e segurança das mesmas. Lentamente transformou-se o modo de vida das famílias e foi surgindo um clima afetivo em torno da educação da criança e da vida familiar em geral, “Gradualmente, transformou-se a maneira de viver da família que desenvolveu um clima afetivo particular em torno da educação da criança e das preocupações domésticas”. (Ibidem, 2001, p. 8)

Só em 1959, mais precisamente no dia 20 de Novembro, se considerou por direito a constituição da Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Mais tarde, deu-se a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU em 1989, um tratado universal que constitui a base da proteção internacional dos direitos humanos das crianças. No entanto, apesar da existência destas normas não foi fácil a sua implementação.

A criança é um ser dotado de imaturidade física e mental, que precisa de proteção e cuidados especiais. Os direitos das crianças centram-se sobretudo em aspetos como a saúde, a segurança, higiene, educação, entre muitos outros. O cumprimento destes princípios garante os direitos e liberdade das crianças. Os pais, as organizações voluntárias, as autoridades locais, os governos nacionais e a sociedade em geral devem estar em conformidade com os princípios enunciados. De seguida apresentam-se alguns dos direitos sugeridos por Soares (2009), adaptado à linguagem simples das crianças, segundo a Declaração dos Direitos da Criança:

1. “Todas as crianças têm os mesmos direitos”
2. “Sempre que possível as crianças devem viver com a sua família”
3. “Todas as crianças têm direito a uma identidade: a um nome e a uma nacionalidade”
4. “Todas as crianças têm direito a crescer com saúde”
5. “Todas as crianças têm direito à educação”
6. “As crianças têm o direito de brincar”
7. “As crianças deficientes têm os mesmo direitos que as outras”
8. “Todas as crianças têm direito à vida privada”
9. “As crianças têm o direito de dar opinião sobre os assuntos que lhes dizem respeito”
10. “As crianças devem ser protegidas de todas as formas de violência”
11. “As crianças não podem ser exploradas”
12. “As crianças têm direito a uma justiça adequada à sua idade”
13. “As crianças não podem ser soldados” (Pp. 5-29)

Considerarei apenas estes princípios porque são os que melhor se relacionam com a problemática de crianças e jovens em risco. As crianças são retiradas das suas famílias porque alguns destes princípios são postos em causa ou são-lhes privados nomeadamente, aqueles que se relacionam com a saúde, educação, higiene, hábitos alimentares, segurança e proteção.

## 1.2. O papel da Escola e da Família

A educação é uma ferramenta importantíssima para o desenvolvimento pessoal e social. Todo o ser humano inicia o seu processo de educação na família e só depois na escola e entre amigos. A família, a escola e a sociedade têm um papel preponderante na transmissão de valores: a honestidade, a verdade, a justiça, o respeito, a ética, a disciplina, a integridade, a paz e o amor. Canuto (2009) afirma que “Os valores definem as balizas do que se pretende em termos de padrão de comportamentos de todos os membros do grupo na busca da paz, do bem-estar e do desenvolvimento.” (p. 9). Contudo, a complexidade das relações humanas conduz à ocorrência de conflitos na família, na escola, nas instituições e grupos sociais em que os jovens estão inseridos. Muitas vezes, as diferenças de opiniões e crenças sobrepõem-se ao que é verdadeiramente importante: assegurar a educação, contributo essencial para garantir o desenvolvimento pessoal e social da criança e do jovem com vista a uma plena integração na sociedade.

O conceito de família está associada a um grupo constituído por vários elementos familiares, “A palavra família evoca em nós espontaneamente a representação mental de um grupo de pessoas em que existe uma mãe, um pai e as crianças” (Silva, 2001, p. 17).

Para além disso, ajusta-se,

“A essa imagem que na verdade não o é já que não representa ninguém em concreto, vem associada também à ideia de um lar, habitação comum daquelas pessoas com vida partilhada, afetos mútuos, entreatudas, convívios quotidianos e outras pessoas – familiares mais afastados como sejam avós, genros, noras, tios, etc.”. (Ibidem, 2001, p.17)

É na família que ocorre a socialização primária centrada na realidade a partir da relação com o mundo. Segundo Valadão e Santos (1997, citados por Sousa & Filho, 2008, p. 3), “Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores”. Silva (2001, p. 21) acrescenta “A família é uma instituição social que regula grande parte do sistema de relações entre as pessoas e destas pessoas com o resto do mundo”. A criança aprende valores, normas e cultura na família que contribuem para o seu desenvolvimento moral.

Porém, quando a família apresenta distúrbios e é desestruturada, há uma maior dificuldade no desenvolvimento da aprendizagem, da personalidade e caráter. Além disso, manifesta instabilidade psicológica e emocional que tenderá a piorar na vida adulta.

A família tem vindo a demarcar-se do seu papel na educação, sendo-lhe exigida uma maior participação por parte da escola nesse sentido. Hoje em dia a relação família/escola é bastante complexa uma vez que há conflitos sobre a quem cabe a tutela da educação. A escola afirma que a família se demite das suas funções educativas, delegando para a escola essa função. Em contrapartida, a família considera que a escola não tem cumprido as suas funções enquanto instituição educadora. Segundo Sampaio (1996) os pais atualmente estão extremamente ocupados, e não têm “tempo” para dar atenção aos filhos. Esquecem-se de que a escola não pode educar sem o apoio dos pais/encarregados de educação e precisa da ajuda e participação/cooperação da família para auxiliar os alunos a superarem as suas dificuldades e assim evoluírem de forma saudável.

“Uma condição importante nas relações entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo claramente delimitado os âmbitos de atuação de cada uma (...) a intermediação da comunidade com a participação de seus representantes, também abre perspectivas de uma parceria, na qual a troca de saberes substitua a imposição e o respeito mútuo possa fazer emergir novos modelos educativos, aberto a contínua mudança”. (Szymanski, 2001, p. 75)

É imprescindível que a família e a escola ponham de parte os conflitos e as divergências, é necessário trabalharem em conjunto, garantindo o bem comum e o desenvolvimento das crianças e jovens a nível físico, psicológico, intelectual e emocional.

O desenvolvimento pessoal e social processa-se mediante a comunhão de vivências. O grupo influencia grandemente as atitudes e comportamentos do sujeito, sensibiliza quanto às vivências emocionais, possibilita a expressão de sentimentos e estimula a criatividade.

Vygotsky *et al* (1988, citado por Rabello & Passos, s/d), p. 4) acredita que as características individuais e até mesmo as atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por individual de um ser humano foi construído a partir da sua relação com o indivíduo.

Creche (2004) considera que é no âmago das interações no interior do coletivo, das relações com o outro, que a criança terá condições para construir as suas próprias estruturas

psicológicas. Por isso, a “formação da consciência social numa criança pode não significar mais do que a interiorização dos padrões de valor do seu grupo.” (Titiev, 1991, p. 278). E quando tal não acontece, a “interiorização dos padrões de valor do seu grupo” fica estabelecido o quadro para a ocorrência de conflitos culturais e de crise identitária (Ibidem, 1991, p. 278).

Segundo Costanzo e Shaw (1966), os adolescentes apresentam alterações profundas nas suas relações sociais. É um tempo de afastamento e por vezes de rutura com a unidade familiar. Enquanto as relações com os pares se vão tornando cada vez mais importantes, durante a última fase da infância, na adolescência os pares tornam-se as pessoas mais importantes para a vida individual. Esta viragem da orientação para os pares poderá entender-se na crescente conformidade com as ideias e concepções do grupo de pares que surge no início da puberdade (dos 11 aos 13 anos), enfraquecendo a partir dos 15 anos.

É importante realçar que a educação e interiorização de valores pelos jovens é influenciada por diversos grupos sociais nos quais aqueles que se inserem, as interações, convivências e relações estabelecidas.

### **1.3. Entidades Promotoras de Proteção das Crianças**

As instituições sociais promotoras de proteção das crianças têm um importante papel a desempenhar na sociedade. Entidades como o tribunal, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), a assistência social garantem cada vez mais, o vigor da sua presença em casos de abuso para assim diagnosticar a situação e preservar o bem-estar físico e psicológico da criança ou jovem. Assim, uma vez sinalizada uma criança ou jovem em situação de risco na família, procede-se ao diagnóstico, avalia-se a gravidade do problema, decidindo-se sobre a necessidade ou não de a retirar do seio familiar. Só depois de uma cuidada avaliação é possível tomar decisões para a retirada da criança ou jovem das suas famílias de origem.

De seguida, estão tipificadas as situações em que a criança ou jovem em risco se encontra.

## Quadro 1: Situações de Perigo Tipificadas na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) e sua Operacionalização

SITUAÇÕES TIPIFICADAS (n.º 2, art.º 3.º, LPCJP)	CATEGORIAS TIPIFICADAS NA APLICAÇÃO INFORMÁTICA DAS CPCJ (2011)
<p>a) Está abandonada ou vive entregue a si própria</p> <p>b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;</p> <p>c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;</p> <p>d) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;</p> <p>e) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;</p> <p>f) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.</p>	<p><b>Abandono:</b> criança/jovem entregue a si própria, não tendo quem lhe assegure a satisfação das suas necessidades físicas básicas e de segurança: i) abandono à nascença ou nos primeiros seis meses de vida; ii) abandono após os seis meses de vida; iii) ausência permanente de suporte familiar ou outro; iv) ausência temporária de suporte familiar ou outro; v) crianças e jovens não acompanhados.</p> <p><b>Maus tratos físicos:</b> ação não acidental que provoca danos físicos ou doenças na criança ou jovem, ou que o coloca em grave risco de os ter como consequência de alguma negligência: i) ofensa física; ii) ofensa física em contexto de violência doméstica; iii) ofensa física por castigo corporal.</p> <p><b>Maus tratos psicológicos ou indiferença afetiva:</b> não são tomadas em consideração as necessidades psicológicas da criança/jovem, particularmente as que têm a ver com as relações interpessoais e com a autoestima: i) castigos não corporais que afetem o bem-estar a integridade da criança; ii) depreciação/humilhação; discriminação; iii) exercício abusivo de autoridade; iv) hostilização e ameaças; instigação a condutas da criança contrário a valores morais e sociais; v) privação de relações afetivas e de contacto sociais próprios do estágio de desenvolvimento da criança.</p> <p><b>Abusos sexuais:</b> i) aliciamento sexual; ii) importunação sexual pela linguagem ou pela prática perante a criança de atos de caráter exibicionista ou constrangimento a contacto; iii) pornografia infantil; iv) prostituição infantil; v) violação ou outro ato sexual.</p> <p><b>Negligência:</b> situação em que as necessidades físicas básicas da criança/jovem e a sua segurança não são atendidas por quem cuida dela (pais ou outros responsáveis), mesmo que de uma forma manifestamente não intencional de lhe causar danos: negligência i) a nível da saúde; ii) ao nível educativo; iii) ao nível psicoafetivo; iv) falta de supervisão e acompanhamento/familiar, v) outras situações de perigo.</p> <p><b>Exploração do trabalho infantil:</b> para obter benefícios económicos, a criança/jovem é obrigada à realização de trabalhos, sejam ou não domésticos, que excedem os limites estabelecidos por lei, que deveriam ser realizados por adultos e que interferem claramente na vida escolar da criança/jovem. Exclui-se a utilização da criança/jovem em tarefas específicas por temporadas conforme previsto na lei.</p> <p><b>Mendicidade:</b> i) prática de mendicidade; ii) utilização da criança na prática da mendicidade.</p> <p><b>A criança/jovem assume comportamentos que afetam o seu bem-estar e desenvolvimento sem os pais (ou outros responsáveis), se oponha de forma adequada:</b> i) bullying; ii) comportamentos graves antissociais ou/e de indisciplina; iii) consumo de bebidas alcoólicas; iv) consumo de estupefacientes; v) outros comportamentos.</p> <p><b>Exposição a comportamentos que possam comprometer o bem-estar e desenvolvimento da criança/jovem:</b> i) ingestão de bebidas; consumo de álcool; ii) droga: consumo de estupefacientes; iii) violência doméstica.</p> <p><b>Prática de facto qualificado como crime:</b> comportamento que integra a prática de factos ilícitos punidos pela Lei Penal.</p> <p><b>Situações de perigo em que está em causa o direito à Educação:</b> abandono da frequência obrigatória do Ensino Básico por crianças/jovens em idade escolar, i.e., entre os 6 e os 18 anos de idade, de acordo com a legislação aplicada: i) abandono escolar; ii) absentismo escolar; iii) insucesso escolar.</p>

Fonte: Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (2012, adaptado por Carvalho, 2013, p. 11)

Como já foi mencionado anteriormente, as formas de abuso podem ser bastante diversificadas e por esse motivo torna-se difícil identificar os tipos de abusos e as circunstâncias em que ocorrem. Para Magalhães (2010), as dificuldades na identificação do abuso devem-se às seguintes razões: 1) muitas vítimas não entendem os maus-tratos, pelo que não os podem revelar; 2) outras ocultam-nos; 3) a maior parte dos casos acontecem dentro de casa, sendo de baixa visibilidade; 4) ainda há pessoas, incluindo profissionais que trabalham com as vítimas, que não consideram certos comportamentos como maus-tratos (por exemplo: castigos corporais); 5) muitas pessoas não foram alertadas e adequadamente informadas sobre esta problemática.

É cada vez mais urgente sensibilizar a sociedade para esta causa da proteção das crianças em risco. Tem vindo a aumentar o apoio social e o investimento nos mais variados apoios sociais. Eis apenas alguns:

- a) Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP)
- b) Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens
- c) Acolhimento Familiar
- d) Centro de Acolhimento Temporário
- e) Lar de Infância e Juventude
- f) Apartamento de Autonomização.

Estes têm o dever de promover os direitos e proteger as crianças e jovens em perigo através de respostas vocacionadas para o desenvolvimento pessoal e social da criança e do jovem num ambiente seguro e familiar que lhes proporcione segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Quando existe a possibilidade de eliminação do perigo iminente com acompanhamento dos técnicos, a criança ou jovem poderá permanecer na sua família de origem. Se o perigo se mantém, a criança ou jovem é encaminhada para um Lar de Infância e Juventude (LIJ) de acolhimento prolongado. O acolhimento institucional da criança e do adolescente envolve a aplicação obrigatória de uma MPP<sup>1</sup>, seja pela CPCJ<sup>2</sup>, seja pelo tribunal.

---

<sup>1</sup> MPP – Medida de Promoção e Proteção

<sup>2</sup> CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

Segundo o Artigo 35º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei 147/99, de 1 de Setembro (Procuradoria-Geral da República). As medidas de promoção e proteção são as seguintes:

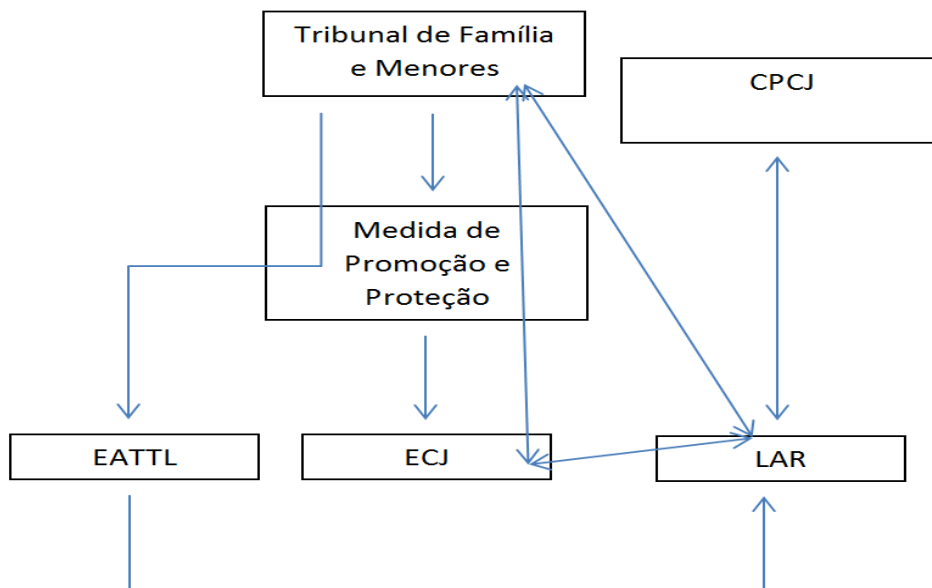
- a) Apoio junto dos pais;
- b) Apoio junto de outro familiar;
- c) Confiança a pessoa idónea;
- d) Apoio para a autonomia de vida;
- e) Acolhimento familiar;
- f) Acolhimento em instituição.

Alves (2007) considera ainda que um acolhimento prolongado deverá ser sempre alvo de avaliação, para assim determinar a viabilidade do regresso à família, a adoção, a integração no agregado familiar alargado ou o início da sua vida independente, ao atingir a maioridade.

Os LIJ<sup>3</sup> têm como objetivo receber crianças e jovens que sofreram abusos por parte da família ou quando esta não reúne condições necessárias.

---

<sup>3</sup> LIJ – Lar de Infância e Juventude: De acordo com o Artigo 50 da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei 147/99 de 1 de Setembro (Procuradoria-Geral da República). 4 – O acolhimento prolongado tem lugar em lar de infância e juventude e destina-se à criança ou ao jovem quando as circunstâncias do caso aconselhem um acolhimento de duração superior a seis meses. Para além disso, o Artigo 51 define que, 1 — Os lares de infância e juventude podem ser especializados ou ter valências especializadas. 2 — Os lares de infância ou juventude devem ser organizados segundo modelos educativos adequados às crianças e jovens neles acolhidos.



**Figura 1:** Esquema de Triangulação dos Factos Jurídicos

Perante casos em que seja iminente a ameaça dos direitos essenciais da criança, o Estado é obrigado a intervir mediante a atuação do tribunal de Família e de Menores e a CPCJ. Cabe à EATTL<sup>4</sup> ou à ECJ<sup>5</sup>, relacionada com o ISS<sup>6</sup>, apresentar o caso ao Tribunal. O trabalho em conjunto destas entidades facilita o processo de promoção e proteção da criança ou jovem em risco. Posteriormente será explicitado como se processa a partilha de informações sobre os casos e como funciona a triangulação dos factos jurídicos, tendo em conta o esquema representado.

Os técnicos têm a função de informar as entidades responsáveis do processo, havendo uma triangulação de informações entre o Lar, que envia o seu relatório para a EATTL ou ECJ que, posteriormente, é reenviado para o Tribunal já com o relatório da EATTL ou ECJ, onde constam informações adicionais.

Trimestralmente faz-se uma nova reavaliação do projeto de vida da criança ou jovem consoante as condições em que se encontram e o progresso alcançado até ao momento. A partir daí, o Tribunal delibera sobre o projeto de vida das crianças ou jovens nomeadamente a sua

<sup>4</sup> EATTL – Equipa de Apoio Técnico ao Tribunal de Lisboa

<sup>5</sup> ECJ – Equipa de Crianças e Jovens

<sup>6</sup> ISS – Instituto da Segurança Social

permanência no Lar de Infância e Juventude ou pode também optar pelo projeto de autonomização, regressar à família, entre outras possíveis decisões.

Estas instituições, destinam-se ao acolhimento de crianças e jovens de forma prolongada, realizando um trabalho construtivo com a criança e regular aconselhamento parental e familiar, tentando deste modo assegurar que as crianças e/ou jovens possam regressar às suas famílias biológicas. Estas medidas permitem promover formas de relação equilibradas e seguras. Segundo o Artigo 54 da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei 147/99 de 1 de Setembro (Procuradoria-Geral da República), diz respeito à equipa técnica:

1 — As instituições de acolhimento dispõem necessariamente de uma equipa técnica, a quem cabe o diagnóstico da situação da criança ou do jovem acolhidos e a definição e execução do seu projeto de promoção e proteção.

2 — A equipa técnica deve ter uma constituição pluridisciplinar, integrando as valências de psicologia, serviço social e educação.

3 — A equipa técnica deve ainda dispor da colaboração de pessoas com formação na área de medicina, direito, enfermagem e, no caso dos lares de infância e juventude, da organização de tempos livres.

Porém, o trabalho a desenvolver com as famílias e as crianças e jovens é exigente e passa por trabalhar as suas histórias de vida, requer a reconstituição de episódios passados causadores de traumas.

#### **1.4. Histórias de Vida**

O que são as histórias de vida? É o relato do sujeito que a vivenciou e não a avaliação do pesquisador ou terapeuta. É um processo centrado no Eu e nas suas vivências.

Queiroz (1998, citado por Maccali, Minghini, Walger & Roglio, 2013) explica que “o relato de um indivíduo sobre a sua vida, a reconstrução de acontecimentos vivenciados, juntamente com a experiência adquirida, desvelando factos significantes que revelam a identificação do narrador com o seu grupo social, familiar e profissional na construção de sua identidade é a “invenção de si mesmo” baseada nos factos reais de sua vida.” (p. 3)

Para Boje (1995, citado por Maccali, Minghini, Walger & Roglio, 2013), “o método de história de vida permite que os indivíduos apresentem as suas histórias, falem de si, recorram à

sua memória e seus testemunhos. Ou seja, as pessoas não contam apenas histórias, elas contam histórias para declarar algo de si mesmas e de sua comunidade.” (p.3)

As histórias de vida podem compreender relatos orais, autobiografias, entrevistas em profundidade e outros documentos orais ou testemunhos escritos (Marre, 1991). Através da escrita, do desenho e do testemunho oral expressam-se sentimentos, reflexões, acontecimentos traumáticos, pondo em evidência o sucedido e o porquê disso ter acontecido.

“No ato de solicitar a alguém que relate sua vida está contido um reconhecimento da individualidade, um respeito àquela vida que afinal não é qualquer vida, mas uma vida particular, a sua vida. E a entrevista dá voz, tira do anonimato uma vida marcada pelo sofrimento, pela angústia, pela luta: uma vida cujo relato só pode ser marcado pelo sofrimento, pois além de ser sua parte integrante, é ele que de alguma maneira lhe confere dignidade”. (Caldeira, 1980, citado por Meneghel, 2007, p. 119)

Deste modo, todo este processo permitirá o desenvolvimento pessoal, social e emocional da pessoa. Esta adquirirá um maior conhecimento de si própria, dos grupos sociais e seus modos de atuar. Além disso, ao trabalhar as questões da identidade e com as aprendizagens realizadas ao longo do processo, o sujeito será capaz de formar a sua própria identidade.

As histórias de vida também podem ser exploradas através de atividade lúdicas e artísticas quer em processos formais como em processos de educação não formal. É incontornável abordar a história de vida de uma pessoa em sofrimento porque permite identificar e compreender os seus sentimentos. Falar sobre acontecimentos passados funciona como uma terapia, uma vez que a pessoa toma consciência dos factos marcantes do passado mas que não a define enquanto pessoa. É um processo que desencadeia o desbloqueio. Há quem viva tão presentemente o passado que se esquece do futuro, deixa de ter ambições e projetos de vida. A pessoa tem de passar pelo processo completo de vivências passadas para poder ultrapassar as adversidades. Este método permite a recuperação da sua própria identidade que estava “perdida” num passado sombrio.

## 1.5. Resiliência e *Coping*: As Estratégias de Superação

Perante as adversidades da vida, há sempre aqueles que superam experiências traumáticas. Há crianças e jovens que conseguem enveredar por estratégias de *coping*, ferramenta que permite encarar a realidade como um desafio e não como uma ameaça. A criança ou jovem é capaz de vencer os traumas, as adversidades do meio familiar e as agressões do meio social: “O conceito de resiliência baseia-se no facto de certos indivíduos parecerem mais facilmente imunes à adversidade, à privação e ao *stress* do que as outras pessoas do seu meio.” (Silva, Fonseca, Alcoforado, Vilar & Vieira, 2004, pág.19).

Lazarus e Folkman (1984), por sua vez, acrescentam uma característica diferenciadora de *coping* resiliente, como a capacidade para promover uma adaptação positiva perante a existência de *stress* elevado.

Além disso, Lazarus e Folkman (1984) consideram que o modelo envolve quatro conceitos principais: (a) *coping* entendido como um processo ou uma interação entre o indivíduo e o ambiente; (b) a sua função principal é a de controlo da situação de *stress*; (c) os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, ou seja, o modo como o fenómeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado; (d) o processo de *coping* define-se como uma mobilização de recursos, através do qual os indivíduos empreendem recursos cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir, minimizar ou tolerar) as necessidades internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente.

Masten e Powell (2003) defendem que crianças ou adolescentes resilientes são aqueles que, apesar das circunstâncias adversas, revelam um desenvolvimento positivo e que, apesar dos desafios ou ameaças, adotam estratégias de *coping* eficazes face às situações traumáticas que poderiam ter um impacto negativo no seu desenvolvimento físico, psicológico e social.

A resiliência é, pois, um fator determinante para garantir a autoproteção de crianças e jovens. A resiliência é a “arte de se adaptar às situações adversas (condições biológicas e sociopsicológicas), desenvolvendo capacidades ligadas aos recursos internos (intrapésíquicos) e externos (ambiente social e afetivo) que permitem aliar uma construção psíquica adequada e a inserção social” (Anaut, 2005, p. 43).

Se a criança ou jovem reagir de forma negativa aos acontecimentos da sua vida, estes terão um impacto destrutivo no seu desenvolvimento físico, psicológico e social.

Assim, a resiliência refere-se à adaptação positiva ou à capacidade de manter ou recuperar a saúde mental após uma experiência adversa (Herrman, Stewart, Diaz-Granados, Berger, Jackson & Yuen, 2011). Existe uma manutenção estável e saudável a nível psicológico e físico.

A capacidade de resiliência também depende da personalidade e do modo de reagir ao acontecimento traumático, ou seja, a existência de uma autoestima elevada, pensamento positivo, capacidade de regulação emocional, de autogestão e eficácia em resolver as situações de maior crise, as crenças, cultura, apoio familiar e comunitário. Estes são alguns dos fatores que determinam a resiliência do sujeito. Tal como Gross e Capuzzi (2000, citado por Silva, Fonseca, Alcoforado, Vilar & Vieira, 2004) o consideram,

“Entre as características individuais habitualmente incluídas sob este conceito encontram-se as boas capacidades intelectuais, o ter uma boa autoestima, o encarar a vida de maneira positiva, o ter um temperamento dócil ou fácil, a capacidade de antecipar as consequências dos seus próprios atos, a facilidade de relacionamento com os outros, a tendência a encarar de maneira positiva as experiências frustrantes ou negativas e, de modo geral, uma grande flexibilidade ou capacidade de se adaptar às diferentes situações”. (pág. 20)

Dito isto, a resiliência é um mecanismo de autoproteção em que existe uma maior facilidade de adaptação às situações do mundo exterior.

## **2. O Lúdico e as Artes na Educação Não Formal**

A educação não-formal é acima de tudo um processo de aprendizagem social, sendo estruturada, mas muito flexível, e adaptada à heterogeneidade dos públicos-alvo.

Segundo Delors *et al.* (1997, citado por Santos, 2014, p. 21), a educação não é importante apenas na infância, processa-se ao longo de toda a vida e completa todo o processo de crescimento. Em todas as etapas de vida, o indivíduo necessita de investir na sua educação e formação, pelo que a educação não formal é um investimento continuado que completa o crescimento e desenvolvimento humano. O conceito de educação formal suscita um termo de complementaridade com a educação não formal. Enquanto aquela está centrada em

aprendizagens especificamente decorrentes do processo educativo ortodoxo, a educação não formal investe no desenvolvimento pessoal e social através de uma estrutura fundamentada nas necessidades e aspirações dos envolvidos. Os jogos e brincadeiras são meios importantes na aprendizagem não tão formalizada, verificando-se uma maior adesão por parte dos vários públicos-alvo: crianças, jovens, adultos e idosos.

A educação não formal abrange diferentes tipos de públicos-alvo e pode ser concretizada em várias áreas. Bernet (2003, citado por Bernardo, 2015, p. 27) destaca a educação permanente, a formação de base, a alfabetização de adultos, a educação nos tempos livres, a animação sociocultural, educação ambiental, cívica, sexual, artística, projetos e atividades comunitárias. A educação não formal pretende melhorar as vertentes do saber-saber, saber-fazer, saber-estar e saber-ser.

Ainda segundo Gohn (2006, citado por Santos, 2014, p. 19), a educação não formal pretende ajudar a complementar a educação formal no propósito da formação de um cidadão pleno. Contudo, é a educação não formal que possibilita a concretização de alguns objetivos que lhe são específicos, como a educação para a cidadania, para os direitos humanos, sociais, políticos, culturais, e para a igualdade, assim como a educação pelo exercício da cultura e para a manifestação das diferenças culturais.

A arte e a criatividade são duas dimensões importantes no desenvolvimento da criança, jovem, adulto ou idoso, por isso torna-se fundamental o desenvolvimento destas quer em contextos de educação formal quer em contextos de educação não formal. Na educação não formal propõe-se a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e criação cultural e artísticas. Este tipo de educação deverá ser sugerida à “criança sob a forma lúdica-expressiva, de modo livre, num clima que proporcione a inspiração, motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade” (Read, 1958, citado por Santos, 2014, p. 20)

As atividades do foro da educação não formal têm em conta o desenvolvimento e a experiência pessoal do educando no seu todo. É considerado um processo de aprendizagem, mas os resultados alcançados não são avaliados formalmente.

As atividades lúdicas assumem particular importância na vida da criança pois permitem a comunicação, a socialização com familiares e pares, a descoberta de experiências, o conhecimento do mundo das sensações e emoções. Por último, englobando tudo o que foi

mencionado anteriormente, permitem o desenvolvimento completo e integral da criança a nível psicológico, emocional, sensitivo e físico.

“O lúdico é a mediação universal para o desenvolvimento e a construção de todas as habilidades humanas. De todos os elementos do brincar, este é o mais importante: o que a criança faz e com quem determina a importância ou não do brincar. A brincadeira vai desde a prática livre, espontânea, até como uma atividade dirigida, com normas e regras estabelecidas que têm objetivo de chegar a uma finalidade. Os jogos podem desenvolver a capacidade de raciocínio lógico, bem como o desenvolvimento físico, motor, social e cognitivo”. (Redin 2000, p. 46)

É direito da criança ter oportunidade de brincar. As crianças devem ser consideradas como seres ainda em fase de crescimento e não como adultos em ponto pequeno. É obrigação da sociedade através das várias instituições de educação não formal proporcionar-lhes momentos lúdicos. De acordo, com a Declaração dos Direitos da Criança, princípio 7º - “A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos.” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1959, p. 2).

É importante estimular as crianças para a realização de atividades que fomentem a aprendizagem, a experiência e o desenvolvimento global. Por sua vez, as atividades lúdicas, dado o seu carácter facultativo, permitem à criança de forma voluntária usufruir de momentos de lazer, aderindo mais facilmente à atividade proposta ou motivação própria para jogar ou brincar.

As crianças e jovens aprendem melhor através de jogos e brincadeiras, pois não há a obrigatoriedade do trabalho escolar. Através do lúdico desenvolve-se a criatividade nas mais variadas áreas artísticas como a música, a dança, a poesia, a expressão dramática, entre outras.

As atividades artísticas permitem a expressão livre do sentir da pessoa e a criação de algo que não esteja sujeito à apreciação do adulto, “é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” (Rodrigues, 2002, citado por Moser, 2015, p. 2).

A arte deve ser utilizada para estimular a aprendizagem e dar um carácter mais criativo, livre e lúdico à educação e ensino. A arte explora e desperta os sentidos, torna o ser humano mais

reflexivo, crítico, sensitivo, sentimentalista e emotivo. Ressalva a importância do equilíbrio humano e evidencia os traços pessoais e sociais.

## **2.1. A Educação pela Arte**

Segundo Read (1943), a arte deve constituir a base da educação.

“A educação pela arte, que deve o nome a Herbert Read (...) propõe-se o desenvolvimento harmonioso da personalidade, através de atividades de expressão artística. Com a educação pela arte introduzem-se no sistema educativo a imaginação, a espontaneidade e uma dimensão da sensibilidade”. (Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 18)

A arte através do teatro, música e dança torna-se num veículo formativo com princípio na liberdade, fomentando a participação social e a experimentação de diferentes culturas. Para além disso, permite o equilíbrio físico e psíquico, isto porque através da dança, a criança desenvolve a coordenação motora e no caso do teatro ou música, desenvolve as emoções, sentimentos e memória. A expressão livre também é um processo inerente ao que intitulamos por educação pela arte. Daí, a importância de trabalhar este conceito de educação pela arte torna-se fundamental no desenvolvimento humano, ganha-se faculdades tanto ao nível pessoal como social.

“Reforçar as atividades de expressão oral, físico-motora, musical, dramática e plástica – na medida em que concorrem para o alargamento das possibilidades da criança compreender e interpretar o mundo, pensar e exprimir os seus sentimentos e ideias. O desenvolvimento sensorial e motor e o equilíbrio emocional para que elas contribuem são componentes fundamentais da formação dos alunos e condições indispensáveis para uma boa aprendizagem e qualquer domínio”. (Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 21)

A arte desperta no ser humano novas sensações, “uma nova porta abre-se” repleta de sensações. A arte fundamenta a criação e desenvolvimento humano. Há um “acordar” interino para a sensibilidade, descoberta, conhecimento, aprendizagem, curiosidade, inovação ou um despertar de emoções por vezes “adormecidas”. Cria assim um entrosar entre a complexidade do mundo e a arte.

“A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de ‘aprendizagem’. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade:

domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade”. (Coli, 1998, p.109)

A arte possibilita a beleza e a fruição, derruba preconceitos e constrói novas conotações positivas. Para além disso, também capacita o indivíduo na sua forma de ver o mundo, dá origem a novas visões e sensibiliza-o para a realidade dos factos. O indivíduo tem de proporcionar uma abertura para que este seja educado e sensibilizado pelo olhar. Deve-se questionar, refletir através da simplicidade, perguntar-se a si próprio o que aquela obra de arte representa para si, não havendo o certo ou o errado. A arte

“provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo. [...] Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de ‘pré-conceitos’, mas repleto de atenção”. (Canton, 2009, p. 12)

Cada vez mais se observam obras de arte sobre as vivências diárias do artista, ou seja, deparamo-nos com as diferenças sensoriais e culturais. Encontram-se nas exposições rituais de culturas diferentes que proporcionam uma abordagem aos fenómenos culturais ocorridos no Mundo.

“o acontecer da cultura não está tanto em seus produtos materializados [...] mas na tessitura de sensações, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades com que pessoas e grupos de pessoas atribuem socialmente palavras e ideias, visões e versões partilhadas ao que vivem, criam e fazem ao compartilharem universos simbólicos que elas criam e de que vivem”. (Brandão, 2009, p. 717)

Através da arte podem trabalhar-se inúmeros temas como, a cultura, o preconceito, as diferenças de género, o conflito, a guerra, o racismo, a violência, entre muitos outros. Por isso, é que a arte é tão importante na educação e dá azo a novas aprendizagens, conhecimento e experiências, que conduzem ao desenvolvimento humano nas várias áreas, tornando-o uno e distinto de todos os outros sujeitos.

Não há forma correta de se aprender a fazer arte, importante é que esta desperte algo na pessoa. A arte é um campo vasto, é alheia à objetividade e caracteriza-se por uma subjetividade plena, simbolizada pelo inócuo e amplo teor de mensagens suscetíveis aos sujeitos. A arte destaca-se pela sua diversidade e subjetividade. Aponta-se como exemplo a contemplação de uma pintura, que pode suscitar diversas “leituras”, a mensagem é interpretada individualmente, desencadeando diferentes percepções, sentimentos e ilações. Sendo assim, a arte não tem fronteiras nítidas, põe em evidência os “traços” de cada pessoa, as experiências, a sensibilidade, os sentimentos e emoções, o pensamento crítico que a vida lhe traduz, transparecendo na tela. Através da arte é exposta a relação entre o indivíduo e o mundo, entre o universo interior e o universo exterior.

“Uma paisagem, um rosto, as cores do pôr-do-sol, um velho muro, uma flor, uma folha que cai, uma simples linha ou mancha de cor, uma forma abstrata são elementos sugestivos que podem desencadear os mecanismos de expressão e da criatividade”. (Rodrigues, 2002, p. 14)

Para analisar outro aspeto da arte, imaginemos uma cena de teatro em que o ator manipula um objeto qualquer, um lápis por exemplo. Nesta cena, o ator pode utilizar o lápis para escrever, mas também pode fazer de conta que aquele objeto é um cigarro, um telefone ou mesmo uma arma. Cabe ao espetador imaginá-lo. Se um lápis pode ser e ter outro significado, o mundo tal como o conhecemos também pode ser diferente consoante a criatividade das pessoas.

## **2.2. A Criatividade**

Ser criativo significa ser original no que se idealiza e concretiza. A criatividade é uma característica positiva do ser humano que desenvolve outras capacidades e também influencia a maneira de ser, estar e fazer.

A criatividade está presente quando a imaginação humana combina, muda e cria algo novo. Fleith e Alencar (2005) consideram que “O processo criativo pode envolver uma maneira original para produção de ideias incomuns, combinações diferentes ou transformação de uma ideia já existente”. (p.86).

A criatividade capacita o ser humano de novas ideias e depende das seguintes variáveis: domínio do saber e conhecimento, campo da prática e das experiências adquiridas, motivação intrínseca. Deste modo, a criatividade é sustentada pelos valores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo. O ato criativo se não for um processo estimulado, pode conduzir a “bloqueios” na execução da ação.

Hoje em dia vive-se numa sociedade competitiva e corrompe-se o valor da criatividade. Devido às mutações sociais, deixaram de existir respostas plausíveis capazes de atenuar os desafios impostos pelo mundo moderno. Se pretendemos avanços no conhecimento, tanto teórico como prático, é necessário investir na criatividade como forma de solução.

A criatividade pode ser trabalhada em várias áreas, resultando da interação entre o indivíduo e o contexto social. Daí, a importância dada à socialização e às instituições sociais que fomentam o uso da criatividade, “Nesta perspectiva, criatividade é o resultado de um grande sistema de redes sociais, domínios de cultura e campos (ou instituições sociais)” (Ibidem, p.87).

É necessário providenciar contextos que desafiem as pessoas no uso da criatividade. No entanto, formou-se um antagonismo entre educação/formação e criatividade/inação. A escola, instituição social e educativa, tem um importante papel no potencial desenvolvimento de crianças e jovens, mas não os desafia para a manifestação da sua criatividade.

Tal como Hameline (1973) assim o considera, acreditando que a criatividade se tem vindo a transformar no pivô de um sistema de crenças educativas que reivindica a espontaneidade e que denota a ação esclerosante e asfíxiante da escola.

Por vezes, as crianças e jovens limitados por uma educação escolar produzida em conhecimento não aderem ao processo de criatividade pois não foram exercitados, treinados, persuadidos ou até estimulados ao uso recorrente da imaginação, curiosidade e criatividade.

Sternberg (1988) apela à perspectiva do potencial criatividade-escola uma vez que a escola está focalizada na aquisição de conhecimentos, tornando-se num impedimento, para que crianças e jovens tenham liberdade criativa individual. Estes ficam entregues à visão convencional da realidade, suscetíveis apenas de um parecer de paradigmas e pontos de vistas já existentes.

A formação do indivíduo sem a arte limita o ser humano. De que forma podemos conjugar a educação e criatividade para promover o desenvolvimento das crianças e jovens? Por exemplo através de um maior investimento na educação artística, que confere à criança ou jovem novas experiências positivas e importantes no desenvolvimento do processo criativo, “A

Educação Artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções”. (Rodrigues, 2002, p. 14)

Neste sentido, fomentar o desenvolvimento da criatividade na infância através da educação artística é crucial, uma vez que “todo o futuro da humanidade depende da imaginação criativa”. (Vygotsky, 2004, p. 88)

A educação artística muitas vezes desenvolvida nas escolas é catalogada apenas pela pintura e o desenho. Contudo, a educação artística deve ser expansiva a outras formas de expressões artísticas como teatro, a dança e o canto.

A arte estimula a criatividade. O processo criativo advém de uma liberdade expressiva, rompendo com os limites impostos. Por exemplo, porque não desenhar uma bola quadrada? Ou até pintar numa tela, arte abstrata em que o nada parece tudo? Através da arte somos capazes de atingir o inatingível. Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo, em qualquer que seja o campo de atividade.

### **2.3. Os Jogos Lúdico-Pedagógicos**

Os jogos e brincadeiras são “(...) um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a socialização, sendo, portanto reconhecidos como uma das atividades mais significativas – senão a mais significativa – pelo seu conteúdo pedagógico social.” (Oliveira, 1985, citado por Salomão, Martini & Jordão, 2007, p. 2).

Jogo é a “atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho.” (Ferreira, 1999, citado por Gumieri & Treviso, 2016, p. 69). Aqui a característica principal são as regras e não o carácter livre da brincadeira. No entanto, apesar das regras o jogo é uma atividade prazerosa, “O impulso lúdico não é forma nem sequer um elemento interno da percepção, mas afeta-a, sem dúvida, pois é ele que permite achar graça a uma determinada atividade, orientando-a para a repetição em ordem ao prazer” (Cabral, 2001, p. 201).

Schwartz (2003) é um autor que partilha da mesma opinião, mas vai mais além. Define jogo e também esclarece dois outros conceitos inteiramente relacionados, a brincadeira e o brinquedo, a “brincadeira refere-se, basicamente, à ação de brincar, ao comportamento

espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar.” (p.12).

Brincar e jogar ajudam a criança no seu desenvolvimento pessoal, social, físico, intelectual e afetivo. Para além disso, o jogo infantil também pode conjugar as artes e a criatividade.

“É preciso realçar que o jogo infantil se apresenta carateristicamente como jogo a que chamarei total ou integrado e do seu estudo depende em muito o conhecimento do desenvolvimento da criança, já que esta só se desenvolve, jogando. É um jogo total, porque tende para a expressão não apenas motora e mental, como sucede no adulto, mas ainda para a musical, a coreográfica, a teatral, a poética, o que como sabemos acontece muitas vezes”. (Cabral, 2001, p. 41)

A interligação da criatividade com o lúdico garante o desenvolvimento pessoal e social da criança. O intuito desta interligação é educar e ensinar, conviver, interagindo com os outros e simultaneamente poderem divertir-se como crianças.

### **3. Desenvolvimento de Competências Emocionais do Sujeito**

O desenvolvimento pessoal e social pressupõe a capacidade da pessoa se desenvolver em e sob a influência de grupos de convivência, consoante o grupo e de conhecer os seus direitos e deveres, valores, cultura, interesses pessoais e gostos. Os aspetos mencionados anteriormente também vão de encontro à influência dos grupos de convivência sobre o Eu.

Na perspetiva de Zabalza (1992, citado por Cró & Pinho, 2011, p. 2), o desenvolvimento pessoal e social das crianças está intimamente ligado ao desenvolvimento da sua personalidade, implicando o desenvolvimento das suas capacidades, dotando-as de instrumentos e recursos necessários para assumirem um comportamento autónomo e responsável e serem capazes de enfrentar os problemas com flexibilidade e espírito inovador, e ainda pelo estabelecimento de parâmetros de relação entre a criança e os outros, o que pressupõe a aprendizagem de valores, normas e regras de conduta, modos de pensar e de agir e a apropriação de capacidades expressivas e comunicativas. Tudo isto só se torna viável no caso de o método de trabalho pedagógico se encontrar devidamente estruturado. Segundo Vygotsky (1984), a “estrutura

humana complexa é o produto do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (p. 33).

O desenvolvimento pessoal consiste em adquirir saberes, encontrar o sentido do seu Eu, procurar a felicidade através do seu projeto de vida e adquirir competências sociais que permitam aos indivíduos estabelecer uma relação harmoniosa com o outro. Por sua vez, o desenvolvimento relacional ou social baseia-se na capacidade de interagir com outros que se encontram no mesmo espaço social. As relações estruturam-se a partir de uma convivência pacífica e contemplam o respeito pelas diferenças, tendo em conta o benefício mútuo (necessidades e desejos do Eu e do Outro). Esta interação requer maturidade, caso contrário o Eu vai mais frequentemente entrar em conflito com o Outro. Assim, a prioridade para o ser humano é alcançar a maturidade pessoal, social e cívica, ou seja, proporcionar um desenvolvimento harmonioso de todas as suas potencialidades para saber lidar melhor com as diferenças do Outro.

A educação emocional também deveria ser trabalhada pela família e escola. No entanto, não tem havido grande sucesso e hoje em dia muitas crianças e jovens continuam a manifestar dificuldades em lidar, expressar e até controlar as suas emoções e sentimentos.

Goleman (2000) realizou vários estudos através dos quais pretende evidenciar que o modo como os pais lidam com os seus filhos (com compreensão, dureza, indiferença ou com ternura) pode ter consequências profundas na vida emocional da criança.

Também a escola desempenha um importante papel, na medida em que o professor, como profissional educativo, deve conciliar o desenvolvimento cognitivo com o desenvolvimento emocional, sendo ambos imprescindíveis para o equilíbrio e desenvolvimento global da personalidade do indivíduo. Goleman (2000) defende a importância de “educar” as emoções para permitir aos alunos lidar com diversos tipos de situações como frustrações, reconhecer os seus medos e angústias e trabalhar em grupo.

A aquisição das competências emocionais do indivíduo é importante porque estas influenciam o seu modo de estar, agir e fazer. Para Buckley, Storino & Saarni (2003, citado por Moreira & Oliveira, 2012), as competências emocionais referem-se às capacidades que são necessárias para dar resposta às exigências do contexto social imediato, ajudando o indivíduo a atingir os seus objetivos, a lidar com os desafios, e a reconhecer como a comunicação das emoções e a autoapresentação afetam as relações. Segundo Damásio (1994, 1998), existe um crescente corpo de evidências acerca da influência que as emoções exercem ao nível de

processos como a cognição e percepção. Por exemplo, perante uma situação, o indivíduo terá de agir, tomando certas atitudes ou comportamentos, segundo o seu estado emocional. Daí a importância de se desenvolver a parte emocional com o intuito do indivíduo saber controlar e expressar os sentimentos de forma clara. Este deve desenvolver competências emocionais de forma integrada que alguns autores associam ao conceito de inteligência emocional.

Segundo Caruso, Mayer & Salovey (2002, citados por Moreira & Oliveira, 2012), a inteligência emocional refere-se:

“à capacidade para perceber, avaliar e expressar emoções; para aceder e/ou gerar sentimentos quando facilitam o pensamento; para perceber emoções, conhecimento emocional e; para regular as emoções no sentido de promover o crescimento emocional e intelectual.” (p.43)

A aprendizagem sócio emocional é necessária para estabelecer relações com os outros, apesar das dificuldades, atritos, conflitos ou problemas que possam surgir. As pessoas devem estar aptas para negociar e resolver as adversidades que põem em causa a relação existente. O importante é facilitar a vivência em sociedade e fomentar o respeito pelo outro, independentemente das diferenças humanas e sociais.

A aprendizagem sócio emocional é “a capacidade para reconhecer e gerir emoções, resolver problemas eficazmente e estabelecer relações positivas com os outros” (Zins & Elias, 2006, p.43).

Conclui-se que a compreensão dos estados emocionais e a gestão emocional não são tarefas fáceis e requerem, acima de tudo, aprendizagem. É importante promover nos vários espaços sociais o desenvolvimento de competências, de simbolização e de compreensão das experiências emocionais, desde a infância. Deve ser uma formação contínua ao longo da vida.

#### **4. Conflito e Mediação de Conflitos**

Tendo em conta que o desenvolvimento pessoal, social e emocional resulta das interações humanas, torna-se igualmente relevante definir o conceito de conflito e abordar estratégias para a sua gestão e resolução.

#### **4.1. Conflito: Conceito, Causas e Estratégias**

As relações interpessoais implicam a existência de duas pessoas únicas e distintas entre as quais pode haver desentendimentos. Estas situações ocorrem quando há um fator de desequilíbrio, ou seja, quando estão perante objetivos, desejos, valores e opiniões ou pareceres diferentes.

O conflito resulta da “interação de pessoas interdependentes que proporcionam a existência de objetivos, desejos e valores opostos e que encaram a outra parte como potencialmente capaz de interferir na realização desses desideratos.” (Putnam & Poole 1987, p. 552). Quanto ao modo como termina o conflito, tudo depende dos envolvidos e da sua capacidade de negociar o sucedido. Por um lado, temos a negociação/mediação como ferramenta utilizada para fortificar a relação, por outro, quando nenhuma das partes dá o “braço a torcer”, agrava-se a situação e a relação deteriora-se.

O conflito não é positivo nem negativo em si, as consequências construtivas ou destrutivas daquele dependem da forma como é gerido (Thomas, 1983, citado por Sobral, 2014, p. 39). Este deve ser visto como algo frequente e normal, um desafio que põe à prova as relações humanas. Torrego (2003) olha os conflitos como situações em que duas ou mais pessoas entram em desarmonia porque as suas posições, interesses, necessidades, desejos ou valores são incompatíveis. Acontece que situações extremas de conflito podem conduzir à violência porque as pessoas não conseguem geri-lo.

Há várias formas de lidar com o conflito, depende muito da personalidade da pessoa, sua cultura e espaço de socialização. De seguida, saliento as várias estratégias de gestão de conflito, que põem em evidência diferentes formas de interação entre os envolvidos na sua gestão do conflito.

#### **4.2. Estratégias de Gestão do Conflito**

O grupo é importante porque permite relações de socialização e põe em confronto várias opiniões decorrentes de situações de conflito, “a participação no grupo permite à criança confrontar-se com opiniões e posições diferentes das suas, experimentar situações de conflito.” (Departamento de Educação Básica, 1997, p. 37).

O conflito e a agressão não são sinónimos. O conflito é bidirecional, um evento interativo entre duas ou mais pessoas que apresentam opiniões contrárias. Este processo antagónico desencadeia um estado de confronto ou desacordo, oposição ou resistência. A agressão é uma consequência da existência de um conflito. Este é definido como “ocasiões quando a criança A faz ou diz alguma coisa que influencia a criança B, a criança B resiste, e a criança A persiste.” (Shantz, 1987, citado por Sobral, 2014, p.47).

Sobral (2014), baseando-se em Shantz e outros autores, apresenta quatro situações passíveis de gerar conflito:

- Posse de objetos: retirar objeto a outra criança;
- Atuar sobre a ação de outra criança, interferir com a atividade de outrem;
- Intrusão social, interferir com a atividade que decorre entre pares;
- Violação de regras convencionais ou morais, não cumprimento de regras definidas pelo grupo e/ou de justiça (o bem vs o mal; o certo vs o errado);

Somos todos diferentes pela educação e cultura que adquirimos e pelo modo de ser e estar. Como tal, cada um afirma-se pela forma como lida com os conflitos interpessoais, podendo optar por geri-los, mediante estratégias diversificadas.

Apresentam-se, de seguida, cinco estilos pessoais de gestão de conflitos, mencionados no estudo de Sobral (2014): evitamento; acomodação; competição; compromisso; e colaboração ou cooperação.

**Evitamento (eu perco/tu perdes).** Quando o objetivo não é importante ou a pessoa não necessita de manter a relação com a outra parte, o sujeito recorre ao evitamento. Não toma qualquer partido face ao problema, evita o seu envolvimento procurando retirar-se, desviar a atenção e evitar a resposta.

**Acomodação (eu perco/tu ganhas).** Quando o objetivo é irrelevante mas a relação entre os pares é muito importante, um deles irá ceder face aos pontos de vista do outro. A pessoa sente necessidade de pedir desculpa mesmo não havendo razão para tal. É uma estratégia utilizada frequentemente para manter a relação.

**Competição (eu ganho/tu perdes).** Reflete a tentativa de satisfazer unicamente os interesses do próprio sem considerar os interesses da outra parte. É uma tentativa de alcançar os objetivos sacrificando os do adversário.

**Compromisso (eu ganho/perco algo, tu ganhas/perdes algo).** Representa uma tentativa moderada de satisfazer os interesses das partes envolvidas, é uma busca parcial de atingir um objetivo, a procura de um acordo parcial ou a aceitação parcial de culpa.

**Colaboração ou Cooperação (eu ganho/tu ganhas).** Consiste na tentativa de satisfazer completamente os interesses de ambas as partes. Pode significar a tentativa de uma solução “ganhas-ganha”, permitindo a ambas as partes o alcance dos seus objetivos ou permitir a ambas as partes chegar a um consenso englobando os aspetos mais válidos dos dois lados.

As estratégias de resolução do conflito são várias: a negociação, a conciliação, a mediação, a arbitragem e o julgamento. De seguida analisam-se as estratégias alternativas de resolução de conflitos.

**Quadro 2:** Estratégias de Resolução de Conflito

	<b>Estratégias</b>	<b>Finalidade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Centrada no passado/futuro</li> <li>■ Um ganha, outro perde/ambos ganham</li> </ul>	<b>Intervenção de terceiros</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Não há/ Existe/ É determinante</li> </ul>	<b>Participação das partes</b> Voluntária/ Obrigatória	<b>Comunicação Estruturada</b> Informal/Formal	<b>Quem resolve?</b> As partes ou uma 3ª pessoa?	<b>Força da resolução ou Acordo</b> Vinculador/Recomendação
Partes ↑ Controle de Processos e resultados ↓ Terceira pessoa	<b>Negociação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Futuro/Passado</li> <li>■ Ambos ganham</li> <li>-Fazem-se concessões mútuas e procuram um acordo que satisfaça os interesses comuns</li> </ul>	Não há	Voluntária	A mais informal de todas	As partes	De acordo com as partes: -Contrato vinculador - Acordo verbal
	<b>Conciliação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Passado</li> <li>■ Ambos ganham</li> <li>- Procuram a reconciliação</li> </ul>	Existe: é Juiz ■ Põe as partes a conversar ou vai transmitindo informação entre elas	Voluntária	Informal: não há passos a seguir	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ As partes</li> <li>■ O juiz apenas preside</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Vincular (judicial)</li> <li>■ Recomendação de peso</li> </ul>
	<b>Mediação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Futuro</li> <li>■ Ambos ganham</li> <li>-Procuram a compreensão e colaboram para alcançar um acordo satisfatório para ambos</li> </ul>	Existe: O/Os mediador/es ■ Controlam o processo e ajudam as partes a identificar e satisfazer os seus interesses	Voluntária	Informal/Formal	As partes	Depende de acordo entre as partes
	<b>Arbitragem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Passado</li> <li>■ Há um que ganha e outro perde</li> </ul>	Existe: é o árbitro que dita o laudo	Voluntária/ Obrigatória	Formal. Há regras acordadas pelas partes	O árbitro	Depende de acordo entre as partes: vinculador ou simples recomendação por alto
	<b>Julgamento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Passado</li> <li>■ Um ganha e outro perde</li> </ul>	Existe e é determinante: é o juiz que pronuncia uma sentença	Obrigatória	Formal	O juiz	

Fonte: Torrego (2003, p.43)

### 4.3. Mediação de Conflitos

A mediação é atualmente uma das estratégias alternativas de resolução de conflitos, “Em situações conflituosas, a mediação é um dos processos possíveis para a resolução do conflito.” (Vasconcelos-Sousa, 2002, p. 20)

No entanto, ainda pouco divulgada, Vasconcelos-Sousa (2002) afirma:

“Em Portugal, os conflitos passam muitas vezes diretamente para a via judicial, não se aproveitando as oportunidades oferecidas pelos outros métodos de resolução de conflitos. A mediação apesar de ainda pouco utilizada, reveste um conjunto de características muito atrativas para as partes. Esta pouca utilização tem tendência a mudar: prevemos que num futuro próximo a mediação se torne uma forma muito usada de negociação assistida. Talvez o facto de as metodologias da negociação e da mediação estarem ainda pouco divulgadas entre nós nos contextos académicos e da educação explique pouco recurso à mediação.” (p. 22)

A mediação é então:

“(…) um procedimento consensual de solução de conflitos por meio do qual uma terceira pessoa impessoal – escolhida ou aceite pelas partes – age no sentido de encorajar e responsabilizar pela decisão que melhor a satisfaça. A mediação representa um mecanismo de solução de conflitos utilizado pelas próprias partes que, motivadas pelo diálogo, encontram uma alternativa ponderada, eficaz e satisfatória”. (Sales, 2007, citado por Bordoni & Tonet, 2016, p. 886).

A mediação é um método de resolução de conflitos que tem por objetivo trabalhar as questões do conflito para que ambas as partes possam chegar a um acordo satisfatório. A mediação é um processo com duração variável uma vez que depende do tipo e persistência dos conflitos, da complexidade dos temas e do relacionamento e abertura das partes nelas envolvidas.

Segundo Bacellar (2003, citado por Bordoni & Tonet, 2016, p. 885), a mediação “(…) destina-se a aproximar pessoas interessadas na resolução de um conflito e induzi-las a encontrar, por meio de uma conversa, soluções criativas, com ganhos mútuos e que preservem o relacionamento entre elas”. Para que a técnica de mediação seja bem-sucedida, cumprindo com o seu objetivo de resolver o conflito existente, é fundamental a participação de um terceiro elemento, “O especialista, o mediador, ajuda os interessados na procura de uma zona de possível encontro de interesses que permita fazer satisfazer os respetivos objetivos de forma adequada e que seja satisfatória para as partes” (Vasconcelos-Sousa, 2002, p.19)

O mediador deve ser uma pessoa independente e imparcial, auxiliador no alcance do entendimento, não possui qualquer poder de decisão, “não julga, não procura culpado, não resolve e não impõe verdade” (Rodrigues & Kelly, 2008, citado por Bordoni & Tonet, 2016, p. 886).

Segundo a Direção-Geral da Política de Justiça – DGPIJ (2014, p.4), o mediador deve proceder à mediação da seguinte forma:

- O mediador deve assegurar-se de que as partes envolvidas conhecem as características do processo de mediação, bem como da sua intervenção e do papel do mediador.
- O mediador deve certificar-se de que as partes compreenderam e aceitaram os termos e condições em que esta se irá realizar, incluindo as cláusulas de confidencialidade a que o mediador e as partes estão obrigados.
- O acordo de mediação deve ser lavrado em documento escrito quando solicitado pelas partes.
- O mediador deve conduzir os procedimentos de forma adequada, tendo em consideração as circunstâncias do caso concreto, incluindo as situações em que exista uma desigualdade entre as partes, ilegalidades, manifestações de vontade das partes e a necessidade de uma rápida resolução do conflito.
- As partes são livres de acordar com o mediador, com base num conjunto de normas ou de qualquer outro modo, a forma como pretendem que a mediação seja conduzida.
- Caso considere oportuno, o mediador pode ouvir as partes separadamente.

Ora, a mediação de conflitos passa por três fases essenciais: a partilha (de sentimentos, opiniões, etc.), a procura de soluções e o acordo. É um meio de pacificação social que gere a existência de relações conflituosas e pretende de certa forma restabelecer a comunicação.

Segundo Vasconcelos-Sousa (2002), é certo que a mediação e o mediador são fundamentais na resolução de conflitos. Contudo, pretende-se que esta metodologia seja aceite por todos e que os cidadãos passem a resolver os seus conflitos de forma autónoma.

“Através do processo de mediação, os cidadãos aprendem a melhorar as suas capacidades de comunicação e de resolução de conflitos para que, num próximo problema, o possam resolver por eles. Muitas das pessoas envolvidas em mediação nas comunidades acreditam que este processo melhora a interação social através do poder que atribui a todos os cidadãos.” (p. 51)

No entanto, sabemos que o conflito estará sempre presente nas relações humanas. De acordo com Jares (2002, citado por Sobral & Caetano, 2008, p.1), o conflito é algo “natural e consubstancial à vida”.

#### **4.3.1. A Participação nas Assembleias de Jovens**

Antes de iniciar a abordagem das assembleias de jovens, uma das técnicas pedagógicas do Movimento da Escola Moderna, torna-se importante primeiro defini-lo. O Movimento pretende dar resposta à sociedade em constante transformação, um método assente na democracia, nos valores e numa participação ativa por parte de todos os envolvidos.

O Movimento da Escola Moderna não se baseia apenas na formação de professores e na construção de alternativas pedagógicas. Este modelo pedagógico também caracterizado por “pedocêntrico” e “sociocêntrico” (Esteves, 2007, p. 193), centra-se principalmente na criança, no desenvolvimento da pessoa como ser social, “procura-se que a educação incida sobre as dimensões pessoal e social dos indivíduos” (González, 2003, p. 87).

Américo Poças testemunhou numa entrevista realizada por González (2003), o motivo que o levou a aderir ao Movimento, “a minha adesão (...) não veio tanto das técnicas (...) mas sobretudo deste princípio de uma escola para o povo, de uma escola de intervenção social, onde os meninos eram cidadãos e faziam ali a aprendizagem intensa da cidadania” (p. 59).

Este Modelo fundamenta-se a partir da educação, da cidadania, dos valores assentes na democracia, ciente de uma participação ativa na vida do grupo/turma. Estes fundamentos são trabalhados nas assembleias de turma.

“As assembleias de turma são dispositivos de gestão da sala de aula, onde o grupo-turma funciona como um coletivo de gestão dos seus próprios assuntos, podendo ser entendido, entre outras dimensões, como um mediador de conflitos, contribuindo para a resolução e regulação de problemas interpessoais que os

alunos não conseguem, à partida, gerir de forma autónoma.” (Caetano, 2007, p.73)

À semelhança das assembleias de turma, as assembleias de jovens, incluindo não apenas a escola, têm como objetivo comum, recorrer à mediação de conflitos para melhorar as relações interpessoais entre jovens.

Através do processo de socialização, os jovens confrontam-se com a diversidade, pluralidade, diferenciação e heterogeneidade, muitas vezes não aceite. A diversidade cultural implica a existência de relações sociais de conflitos, opiniões e interesses, que esbarram numa dualidade de confrontos. É necessário uma convivência plena com imposição de regras de socialização reguladoras, “Torna-se, assim, necessário encontrar as regras emergentes da convivência que permitirão e regularão a coexistência.”. (Caetano, 2007, p. 102)

O conflito é imprescindível no ato de socialização, converte-se num processo de aprendizagem para o grupo. “Nessa ótica o sucesso de um grupo humano já não aparece condicionado pela ausência de conflitos, mas por uma boa gestão destes, o que pressupõe a sua clarificação” (Bernoux, 1985, p.13)

Daí, a importância dada às assembleias de jovens como dispositivos de mediação de conflitos. A assembleia de jovens é um espaço de partilha e de aprendizagem mútua. Delors (1996), no relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI salienta os quatro pilares que sustentam a educação, o aprender a aprender, segundo o aprender a conhecer; o aprender a fazer; o aprender a viver juntos e o aprender a ser.

Os jovens desenvolvem o seu sentido cívico, tornam-se participantes ativos. Os debates, onde se partilham opiniões, levam os jovens a questionarem-se e a procurarem conjuntamente soluções para os conflitos. De forma dialógica, os jovens devem ser capazes de gerir estas tensões de maneira criativa. Os jovens despertam para novas questões de educação para a paz e para a resolução de conflitos.

O mediador das assembleias de jovens é o coletivo, terceira parte envolvida na mediação de conflitos. É um processo, que incentiva a cooperação e a colaboração de todos. Criam-se dinâmicas de discussão e reflexão para equacionar soluções alternativas. A cooperação como processo educativo num grupo de jovens, para atingirem um objetivo comum, permite eficácia na aquisição de competências.

O mediador, grupo de jovens, tem de prestar atenção e demonstrar competência na gestão do conflito. Este deve criar momentos de debate, conducentes a tomadas de decisões e compromissos democraticamente aceites, “Uma Assembleia de Turma mostra-nos como esse conflito é ultrapassado através do debate entre alunos e de decisões por eles assumidas, numa aprendizagem da democracia” (Benavente & Carvalho, 1995, p. 146).

As assembleias de jovens como dispositivos de mediação de conflitos asseguram, que progressivamente se notará positivas transformações nos jovens, no sentido de uma educação para a cidadania ajustada ao respeito das diferenças e à aceitação do próximo, “Os sujeitos que participam em mais interações conflituais são os que mais progridem.” (Mugny & Doise, 1983).

Havendo pensamentos convergentes, os jovens têm de desenvolver uma aprendizagem cooperativa para saberem de forma conjunta resolver o problema. As assembleias de jovens pressupõem uma participação democrática ativa. Para além da resolução de conflito propõe-se também as dinâmicas de debate, “Esta instrumentalidade da partilha de saberes acrescenta sentido social à comunicação e à cooperação que sustentam a democracia.” (Niza, 1998, p.8)

A democracia afirma-se “(...) no respeito mutuamente cultivado, a partir da afirmação das diferenças individuais reconhecendo-se muito embora, o outro, como semelhante.” (Ibidem, 1998, p.8).

A participação democrática de crianças e jovens é necessária para que estas possam ser ouvidas, devendo estas ser detentoras do poder e responsabilidade sobre as decisões a tomar. O objetivo deve ser estimulá-los para a participação e não para a acomodação da realidade. No entanto, a não participação de crianças e jovens é ainda uma realidade muito presente. Segundo Hart (1995), as etapas de não participação são o uso da manipulação, a decoração e o *tokenismo*<sup>7</sup>. O seu modelo auxilia o reconhecimento e a eliminação destes tipos de falsa participação.

Este modelo influenciou outros autores como Shier (2001, p. 110) que define cinco níveis de participação: saber ouvir a criança, saber dar apoio à expressão dos seus

---

<sup>7</sup> O termo *tokenismo* resulta da designação original do autor – *tokenism* – uma vez que não há um termo correspondente em português. De acordo com o *The American Heritage – Dictionary of English Language*, *Tokenism* refere-se a políticas ou práticas de inclusão limitada dos membros de um grupo minoritário, criando geralmente uma falsa aparência de práticas inclusivas, que pode ser ou não intencional” (Fernandes, 2005, p. 118).

pontos de vista, considerar a sua opinião nas decisões, envolvê-la diretamente no processo e partilhar do poder e responsabilidade para a tomada de decisão.

A participação das crianças nas tomadas de decisão deve ser considerada um fator positivo e determinante no seu *empowerment*, que, segundo Who (1998), se define por um processo de capacitação dos indivíduos para o desenvolvimento da sua autonomia.

Banks (1991) opera sobre um outro conceito, “*Kidpower*”, uma conduta do processo *empowerment*, que tem como principal objetivo facilitar o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e comportamentos que conduzam as crianças e adolescentes a refletir, observar, discutir e questionar o que os rodeia, assim como os problemas com que se deparam no dia-a-dia.

Num percurso coletivo, os valores democráticos, morais e éticos são trabalhados e praticados na consolidação de atividades e jogos, nas dinâmicas de debate, de mediação e resolução de conflitos em assembleias de grupo, “no qual o grupo se constitui como o lugar desafiador ideal para o desenvolvimento social, intelectual e moral das crianças”. (Folque, 1999, p.6). Uma prática consensual de construção para uma maior inclusão social.

## Parte II – Estágio: Contexto e Atividades Desenvolvidas

### 5. Caracterização da Instituição “A Hera”

Tudo começou no ano 1927, quando se criou a Colónia Balnear Infantil “A Hera” para acolher todos os verões crianças carenciadas vindas de todos os pontos geográficos do nosso país.

“A Hera” hoje em dia é uma Instituição de solidariedade social que possui o estatuto de uma IPSS, ou seja, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. Mediante atividades de intervenção social, o principal objetivo da Instituição é apoiar crianças e jovens em risco, assistir idosos e pessoas carenciadas.

A instituição em si rege-se pelos seguintes princípios:

**Valorização e Respeito pelo Ser Humano** – Habilitar o ser humano de ferramentas comportamentais importantes para o seu desenvolvimento, respeitando os seus valores individuais

**Transparência na Conduta** – Os colaboradores devem conduzir a sua atuação com profissionalismo, cooperação e lealdade para com a Instituição, bem como devem ser idóneos, independentes e não atender a interesses pessoais.

**Responsabilidade Social** – Integrar as preocupações sociais no quotidiano da Organização e na interação com todas as partes interessadas, contribuindo para uma Sociedade mais justa.

A Instituição estabelece parcerias e protocolos com as mais variadas instituições, nomeadamente a Segurança Social, Câmara Municipal de Cascais, Centro de Emprego (IEFP), Cruz Vermelha Portuguesa, Juntas de Freguesias e outras entidades. A sua missão é promover condições e criar oportunidades com vista ao desenvolvimento sócio cultural das crianças, assistência social a idosos e a pessoas carenciadas e/ou em risco social.

Os projetos desenvolvidos pela Instituição estão bem estruturados e organizados, uma vez que auxiliam e abrangem a comunidade, facilitando o seu bem comum. A Instituição possui um importante papel na vida da comunidade, disponibilizando aos seus utentes projetos de integração social: Lares de Acolhimento de crianças e jovens em risco, “Casa das Sereias”, “Casa dos Búzios” e as “Casas da Praia”, apartamentos de autonomização; a “Hera dos Pequenininhos” que alberga a Creche e o Pré-escolar; o Centro de Atividades de Tempos Livres “Crescer”; o Programa Integrado de Educação e Formação (Educa); o Projeto “Agarra a Oportunidade - Talentos, Artes e Kriatividade; a Loja Social; o Serviço de Apoio Alimentar; o Serviço de Apoio Domiciliário; o Centro de Acolhimento de Emergência que recebe pessoas em risco; o Centro de Apoio à Família e Aconselhamento Parental, “Sê Mudança”; as Empresas de Inserção Social e Profissional “Aurora” e “Rejuvenescer”. Anualmente faz-se a análise e diagnóstico das necessidades e, segundo o orçamento disponível, decide-se sobre os projetos a dar continuidade.

## **5.1. Descrição de Alguns Projetos de Integração Social da Instituição**

Alguns dos projetos descritos posteriormente são apenas aqueles que de algum modo se relacionam com a intervenção comunitária, a área da educação e da psicologia, uma vez que a minha atuação no local de estágio incide-se sobre uma vertente de intervenção educativa.

De seguida, passo a descrever mais detalhadamente os diferentes projetos, explicitando o modo de funcionamento de cada um deles, os vários agentes de intervenção e os respetivos grupos a que se destinam.

### **5.1.1. O Projeto “Agarra a Oportunidade”**

O Projeto “Agarra a Oportunidade” – Talentos, Artes e Kriatividade – é uma resposta social à problemática da desocupação e desemprego de jovens (16-24 anos) residentes nos territórios de Torre e da Galiza, no concelho de Cascais. Este projeto visa promover a animação territorial em cinco áreas:

- Educação Não Formal
- Formação Profissional e Empregabilidade

- Dinamização Comunitária e Cidadania
- Empreendedorismo e Capacitação dos Jovens
- Inclusão Digital

É um projeto de intervenção social no âmbito do Programa Escolhas que está ao cuidado da Câmara Municipal de Cascais. A Instituição “A Hera” é considerada a entidade que gere todos os projetos. Há uma equipa do projeto em que cada um dos elementos dinamiza as suas próprias atividades, partindo do princípio de que têm um talento ou vocação. É um projeto interventivo que promove o desenvolvimento de competências nos participantes.

### **5.1.2. Sê Mudança**

É um Centro de Apoio à Família e Aconselhamento Parental, projeto inovador, que tem como objetivo ajudar as famílias a lidar com comportamentos desadequados (irrequietude motora, défice de atenção, mau comportamento em sala de aula, *bullying* ou fobia escolar) de crianças e jovens. É um centro especializado em trabalhar o trauma e a violência familiar, de forma a diminuir o impacto dos maus tratos nas crianças e promover a mudança da família, de modo que pais e filhos possam fortalecer as suas relações familiares. O Sê Mudança disponibiliza um conjunto de respostas terapêuticas, especialmente vocacionadas para apoiar as famílias, a saber:

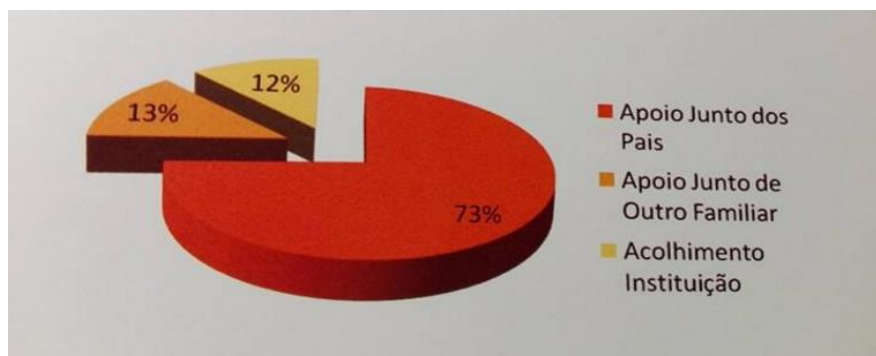
- Arte Terapia
- Grupos de Pais
- Grupos Terapêuticos
- Intervenção Familiar

Arte Terapia – Através da arte (música, dança, escrita, pintura, etc.) pretende-se o desenvolvimento da criatividade, a promoção da mudança e da adaptação pessoal. Estas atividades facilitam a comunicação, o ensaio de relações sociais, a expressão emocional e o autoconhecimento, libertando a capacidade de pensar e a criatividade, adequada a pessoas com dificuldades de verbalização, expressão emocional e baixa autoestima.

Grupos de Pais – As famílias, através da relação que estabelecem com o ambiente social que as rodeiam, constroem uma visão sobre o mundo e sobre a sua identidade, desenvolvendo valores, crenças, sonhos que as definem como microcosmos culturais. Algumas famílias têm uma especial dificuldade em manter uma relação construtiva com outras famílias e com o próprio meio social. São famílias excessivamente coesas ou excessivamente fragmentadas, famílias cuja dinâmica relacional coloca em causa o bom desenvolvimento das crianças, provenientes de famílias que viveram momentos de crise familiar ou traumas. O trabalho de intervenção realiza-se num grupo alargado de famílias, entre cinco a sete, existindo entre elas a oportunidade para trabalhar, de forma colaborativa, um conjunto de temas e conflitos, relacionados com o desenvolvimento e gestão do comportamento das crianças e jovens.

Grupos Terapêuticos – A vivência em grupo permite às crianças a partilha dos seus conflitos, experimentando um sentimento de coesão grupal. Estas sessões de psicoterapia de grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 12 promovem, através de diferentes atividades, e com recurso a técnicas terapêuticas, a comunicação e a interação entre as crianças, permitindo o conhecimento e a potencialização de capacidades. Estas terapias ajudam a controlar a ansiedade, medos e comportamentos impulsivos, promovem o conhecimento de cada criança em relação ao que sente e ao que se passa à sua volta, e desenvolvem a criatividade. O grupo é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança, pois através do “jogo faz-de-conta”, da brincadeira e da dramatização, ela explora os seus sentimentos e dificuldades, aprendendo a lidar com eles.

Intervenção Familiar – Por vezes, as relações familiares são complexas, de modo que se torna necessária uma intervenção especializada para ajudar na mediação dos problemas e conflitos. Assim, a terapia familiar é um recurso terapêutico válido no apoio à família, permitindo uma compreensão não só da pessoa e dos seus problemas, mas também da dinâmica relacional da rede familiar, apostando esta intervenção no reforço de competências da família no seu conjunto.



**Figura 2:** Gráfico das atividades desenvolvidas no Projeto “Sê Mudança”

Como se pode observar pelo gráfico em 73% dos casos realizam-se sessões de apoio junto dos pais, 13% é destinado ao apoio junto de outro familiar e 12% ao acolhimento institucional de crianças e jovens em risco dos lares de infância e juventude envolvido no processo de reabilitação intrínseca e familiar.

### 5.1.3. A Casa da Praia

As Casas da Praia são Apartamentos de Autonomização da Instituição “A Hera” destinados a acolher jovens provenientes dos Lares de Acolhimento (Casa dos Búzios e Casa das Sereias) da Instituição “A Hera”. Dão resposta à autonomização dos jovens, principalmente aqueles que beneficiaram de medidas prolongadas de acolhimento institucional.

Neste espaço, pretende-se que os jovens desenvolvam competências sociais e pessoais adequadas para adquirirem uma vida autónoma fora da Instituição, com vista a uma mais fácil integração na vida ativa, seja no trabalho profissional seja na continuação dos estudos.

Os técnicos da Instituição dão regularmente apoio a estes jovens de modo a facilitar a sua integração na comunidade. Realizam-se regularmente reuniões individuais e de grupo; elabora-se o projeto de autonomização<sup>8</sup>, que é reavaliado de 3 em 3 meses; e ainda se estipula um plano de formação e/ou *workshops* sobre vários temas como: gestão doméstica (tarefas), gestão financeira, confeções de refeições, gestão de tempo, higiene e segurança, sexualidade e planeamento

<sup>8</sup> Projeto de Autonomização – Quando o regresso à família não é possível e o jovem apresenta já ter maturidade suficiente, encaminham-no para os apartamentos de autonomização, onde terá de desempenhar de forma autónoma as tarefas do dia-a-dia fazer compras; cozinhar; cuidar da casa e desempenhar as tarefas inerentes; gestão do orçamento; conhecer e usar os serviços públicos; procura de um trabalho em part-time ou estudar; entre tantas outras tarefas. Disponível em: <http://oseculo.pt/fos/>

familiar, relação com o outro, gestão de conflitos, direitos e deveres dos cidadãos e utilização de serviços públicos. Assim, o grande objetivo deste projeto é proporcionar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais: responsabilidade, respeito por si próprio e pelos outros, confiança e autoestima.

#### **5.1.4. A Casa das Sereias**

A Casa das Sereias destina-se ao acolhimento de jovens adolescentes do género feminino com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos que necessitam de ser afastadas das suas famílias, por serem vítimas de maus-tratos, negligência, abandono e outras situações de perigo.

Elabora-se um projeto de vida pessoal e social com as jovens para que estas tenham ambições e seja possível a concretização dos seus desejos e sonhos. Enquanto lar de acolhimento prolongado, as jovens são ajudadas a progredir no seu percurso escolar/profissional, a cuidar da sua saúde, a conviver com os outros, a cuidar da casa e de si mesmas. Em suma: a ganhar confiança e competências necessárias para a autonomia futura.

A grande maioria das jovens apresenta como projeto de vida a autonomização. Isso implica o aumento do tempo de acolhimento no lar com vista à aquisição de mais competências no campo profissional.

As Equipas da “Casa das Sereias” e da “Casa dos Búzios” trabalham em articulação com a Comissão de Proteção de Crianças Jovens, o Tribunal de Família e Menores, a Equipa Crianças Jovens da Segurança Social e os Núcleos Hospitalares de Apoio à Criança e Jovem em Risco.

## **5.2. A Casa dos Búzios – O Local de Estágio**

A “Casa dos Búzios” é um lar de acolhimento prolongado para 25 crianças e jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 7 e os 20 anos. Para além disso, é um lar de fratrias, pois congrega os irmãos envolvidos no processo.

Neste momento, a Casa dos Búzios situa-se na ala oeste do edifício ainda dentro das imediações da Instituição “A Hera”. O Lar é constituído por uma sala de convívio para as crianças, quartos com zona de estudo (decorados pelas crianças), balneários, cozinha, lavandaria, arrecadação e gabinetes técnicos, sala dos educadores. Cada um destes espaços tem um nome dado pelas crianças e associado ao meio marinho.

A Casa dos Búzios foi criada em Dezembro de 2001, por solicitação da Segurança Social, devido à necessidade de acolher com carácter de urgência crianças e jovens em situação de risco que, por decisão judicial, tiveram de ser retiradas de outra Instituição ou das próprias famílias. Segundo o suporte legislativo de referência, a Casa dos Búzios é um projeto instaurado de forma emergente na Instituição “A Hera”. Como tal, é considerado um lar de Infância e Juventude, possui o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social, conhecida pela sigla, IPSS (Decreto-lei nº119/83, de 25 de Fevereiro). A principal prioridade é o bem-estar e o apoio necessário às crianças e jovens em situações risco, acolhidos no Lar de Infância e Juventude ao abrigo da Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, decretada pelo Tribunal de Menores (Lei 147/99, de 1 de Setembro).

O objetivo principal da intervenção junto destes jovens é definir e apoiar cada um deles na concretização do seu projeto de vida, assegurando-lhes um ambiente seguro; alojamento; alimentação; vestuário; assistência médica; formação escolar e profissional adequadas; e atividades lúdicas, desportivas e culturais. A integração das crianças e jovens em atividades recreativas e desportivas na comunidade, bem como em trabalhos de voluntariado e de verão, são essenciais para a aquisição de valores de cidadania e de competências profissionais. Procura-se incutir nos jovens princípios e valores promotores do respeito por si próprio e pelos outros, estimulando o espírito de cooperação, partilha e solidariedade.

A equipa da Casa dos Búzios tem um importante papel na vida destas crianças e jovens, trabalhando diariamente no sentido de garantir o seu bem-estar físico, psicológico e emocional.

Todas as crianças e jovens têm um adulto responsável (Educador de Referência) pelo acompanhamento nas suas rotinas diárias, tendo em conta as especificidades de cada um, as suas necessidades e o seu processo de crescimento. A intervenção dos técnicos apoia-se no chamado modelo faseado de autonomia é negociado com as crianças e jovens consoante a aquisição de competências e características individuais de personalidade. Existe uma sequência de quatro fases de desenvolvimento, sendo que cada criança ou jovem encontra-se numa determinada fase. Cada fase tem regras de cumprimento relacionados com o deitar, a permissão para sair sozinho do lar, entre outros. A fase quatro destina-se àqueles que demonstram uma maior maturidade e autonomia.

Os indicadores que *à priori* se pretendem desenvolver com as famílias, as crianças e/ou jovens, correspondem a diferentes âmbitos: educação, saúde física e psicológica, desenvolvimento pessoal, social e formação. Sendo assim, os resultados que se esperam alcançar são os seguintes:

- Aumento dos indicadores de boa saúde mental nas crianças e jovens, através de um plano terapêutico em articulação com o projeto “Sê Mudança” da Instituição “A Hera”;
- Aumento do sucesso escolar enquanto resultado indireto da intervenção terapêutica com a criança ou jovem e sua família;
- Aquisição das qualificações profissionais, privilegiando a via profissionalizante de ensino;
- Aumento da inserção de sucesso em mercado de trabalho dos jovens em projeto de autonomia.

Por isso, torna-se importante realçar que a Casa dos Búzios disponibiliza vários projetos e atividades realizados tanto com as próprias famílias como com as crianças e jovens, garantindo a sua formação e educação, nomeadamente o acompanhamento parental. É-lhes proporcionado uma nova noção de família, havendo um maior envolvimento no que concerne à educação, saúde, desenvolvimento pessoal e social. Promove-se igualmente, em conjunto com a família, um estilo de vida mais seguro, afetivo e autónomo, “Ajudar as famílias a melhorar as suas competências parentais é ajudar as crianças que vivem no seio das mesmas, proporcionando-lhes condições potenciadoras de um bom desenvolvimento.” (Gomes, 2010, p. 55).

A fim de alcançar melhorias e proporcionar o desenvolvimento destas famílias, crianças e/ou jovens, são desenvolvidas atividades e igualmente postos em prática projetos promotores

deste desenvolvimento. O acompanhamento parental, as visitas domiciliárias, as atividades realizadas com as crianças e jovens são alguns dos procedimentos tidos para avaliar os progressos obtidos. Trabalham-se uma série de competências para que futuramente a criança e/ou jovem possa integrar-se de novo no seio familiar.

### 5.2.1. Espaço Casa dos Búzios

A Casa dos Búzios é um espaço amplo na medida em que acolhe 25 crianças e jovens e nela trabalham inúmeros funcionários: diretora técnica, técnicos, educadores, estagiários e voluntários. De seguida, apresento a planta da instituição que permite conhecer os diversos espaços da Casa das Cochas:



**Figura 3:** Planta da Casa dos Búzios

Ora, a Casa dos Búzios compreende a sala dos respetivos funcionários trabalhadores, a sala de estar/estudo, a sala multiusos, os quartos, as casas de banho, a cozinha e a lavandaria.

Possui a sala dos educadores, a sala da coordenadora e dos técnicos, compartimentada em gabinetes e ainda a sala da diretora técnica. Seguindo o longo corredor fica a sala de estar/estudo com sofás, uma televisão, um computador e uma grande mesa para reuniões de trabalho/estudo. Os quartos são seis, três das raparigas e três dos rapazes e cada um deles possui quatro camas, o que permite alojar as 25 crianças e/ou jovens, agrupados de acordo com as idades: um quarto é para crianças dos 7 aos 12 anos, um outro para jovens dos 13 aos 15 anos e um terceiro para jovens adultos dos 16 aos 20 anos. Entre os quartos das raparigas e dos rapazes existe outra divisão, a sala multiusos. Esta está subdividida e funciona como local de trabalho e de convívio. De um lado, fica a sala de computadores também utilizada para as assembleias dos mais novos. No espaço de convívio, a sala está mobilada com estantes de livros e jogos, mesa de matraquilhos, sofás e televisão. Ao fundo do corredor ficam as casas de banho e a saída de emergência. É de referir também que a meio do corredor, situam-se a lavandaria, a cozinha e duas casas de banho. Geralmente estas divisórias encontram-se fechadas para não haver uso indevido.

### **5.2.2. Horário de Funcionamento do Lar**

O lar de infância e juventude Casa dos Búzios dispõe de um horário de funcionamento fixo, para que a prática diária das crianças e jovens fomente hábitos de tarefas previamente definidas. É uma forma destes se organizarem no seu quotidiano e de adquirirem uma educação regrada cientes da importância da rotina e do cumprimento dos costumes diários. A tabela que se segue apresenta as atividades e tarefas realizadas diariamente.

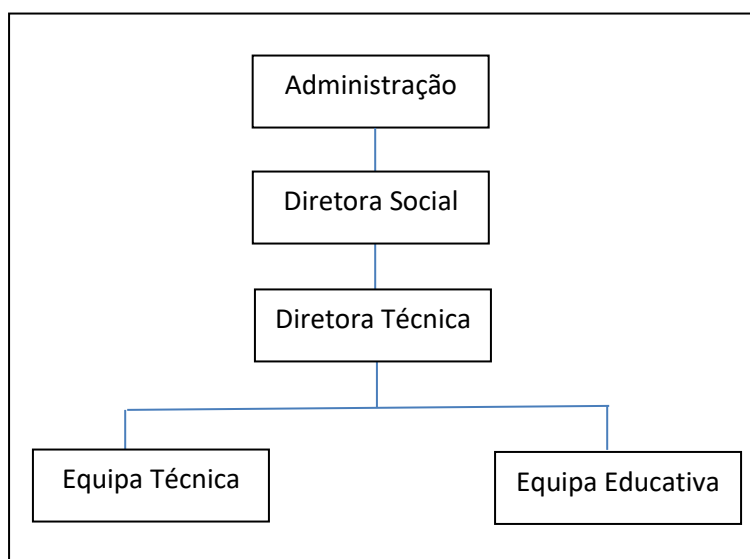
**Quadro 3: Horário de Funcionamento da Casa dos Búzios**

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
07:00-08:15	Acordar	Acordar	Acordar	Acordar	Acordar		
08:15-08:30	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço		
08:30-09:00	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola		
09:00-09:30						Acordar	Acordar
09:30-10:00						Pequeno-almoço	Pequeno-almoço
10:00-11:00						Tarefas/ Limpeza Geral	Tarefas/ Limpeza Geral
12:00-13:00							
13:00-14:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14:00-14:30	Escola	Escola	Apoio ao estudo – mais velhos	Escola	Escola	Recreio	Recreio
14:30-15:30						Trabalhos de Casa – mais novos	Trabalhos de Casa – mais novos
15:30-16:30						Livre	Livre
16:30-17:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

17:00-18:00	Apoio ao estudo – mais velhos	Apoio ao estudo – mais velhos	Apoio ao estudo – mais velhos	Apoio ao estudo – mais velhos	Apoio ao estudo – mais velhos	Livre	Livre
18:00-19:00	Apoio ao estudo – mais novos	Apoio ao estudo – mais novos	Apoio ao estudo – mais novos	Apoio ao estudo – mais novos	Apoio ao estudo – mais novos		
19:00-19:30	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar
19:30-20:00	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
20:00-20:30	Tomar banho/tarefas	Tomar banho/tarefas	Tomar banho/tarefas		Tomar banho/tarefas	Tomar banho/tarefas	Tomar banho/tarefas
20:30-21:00	Livre	Livre	Assembleias mais novos	Livre	Livre	Livre	Livre
21:00-21:30							
21:30-22:00	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos	Seia/ritual de hora de deitar – mais novos
22:00	Hora de deitar – mais novos	Hora de deitar – mais novos	Hora de deitar – mais novos		Hora de deitar – mais novos	Hora de deitar – mais novos	Hora de deitar – mais novos
22:00-22:30	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos	Ver TV – mais velhos
22:30-24:00							
24:00	Hora de deitar – mais velhos	Hora de deitar – mais velhos	Hora de deitar – mais velhos		Hora de deitar – mais velhos	Hora de deitar – mais velhos	Hora de deitar – mais velhos

### 5.2.3. Organigrama do Lar de Infância e Juventude Casa dos Búzios

Na Casa dos Búzios trabalham profissionais de áreas distintas entre si, tendo a seu cargo várias valências. Segue-se um organigrama estruturado da seguinte forma: administração, diretora social, diretora técnica, equipa técnica e equipa educativa.



**Figura 4:** Organigrama Estrutural de Cargos

### 5.2.4. Recursos Humanos

A Casa dos Búzios é composta por técnicos, educadores, crianças/jovens, estagiários e voluntários.

**Quadro 4:** Colaboradores da Instituição

Colaboradores	Número
Técnicos	3
Educadores	10
Estagiários	2
Voluntários	2

De acordo com os dados acima mencionados os colaboradores que compõem a Casados Búzios atuam de acordo com o seu estatuto. Há três técnicos que trabalham com a parte mais burocrática e também comunicam diariamente com as escolas e os centros de saúde para recolha de informações sobre os progressos obtidos nessas áreas de atuação. Por sua vez a equipa educativa trabalha afincadamente para garantir o bem-estar destas crianças no seu dia-a-dia. Pode-se dizer que trabalha com eles e para eles. Tanto a equipa técnica como a equipa educativa trabalham comumente para garantir o equilíbrio emocional e psicológico das crianças e jovens. Neste setor também trabalham dois estagiários de áreas de formação distintas e são elementos de apoio à equipa técnica e educativa e trabalham fundamentalmente com as crianças e jovens.

### 5.2.5. Equipa Técnica e Equipa Educativa

Referindo detalhadamente as equipas, técnica e educativa, a primeira é multidisciplinar, composta por quatro elementos com formação nas áreas de serviço social, psicologia, sociologia e educação. Por sua vez, a equipa educativa é constituída por dez elementos que acompanham permanentemente o crescimento das crianças.

Ambas as equipas se destacam pela sua cooperação, espírito de equipa e de entreatajuda, colaboração nas várias tarefas e trabalhos e, principalmente, no empenhamento mútuo para colmatar dificuldades e problemas quando estes surgem ou estão iminentes.

**Quadro 5:** Técnicos e Educadores – Áreas de Formação Profissional

<b>Equipa Técnica</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Nº</b>
Diretora do Lar	Serviço Social	1
Técnico	Sociologia	1
Técnica	Reabilitação e Intervenção Social	1
Técnica	Licenciatura em Psicologia	1
Técnica Estagiária	Serviço Social	1
<b>Equipa Educativa</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	
Educadora	Licenciatura em Educação de Infância	1
Educadora	Intervenção Psicomotora	1
Educadora	Psicomotricidade	1
Educador	Design	1
Educador	12º Ano	1
Educadora	12º Ano	5

### 5.2.6. Caracterização do Grupo de Crianças e Jovens

Após a sua integração na Casa dos Búzios, as crianças e jovens constroem um projeto de vida com a ajuda dos técnicos e educadores e são orientados para frequentarem a escola ou cursos de formação profissional. Além disso, têm também atividades extracurriculares como o futebol, o voleibol, o rugby, entre outros. Neste momento estão 25 crianças e jovens institucionalizadas, 12 raparigas e 13 rapazes. Têm idades compreendidas entre os 7 e os 20, sendo que a idade média é de 13 anos. As crianças e jovens que compõem o lar são fratrias mistas, permitindo-se a estadia de conjuntos de irmãos, sendo esta uma mais-valia para estimular e fortalecer laços fraternos.

O quadro (**Quadro 6: Dados Relativos às Crianças e Jovens**) seguinte apresenta dados que remetem para uma análise detalhada dos processos individuais das crianças e jovens. Nestes processos pode aceder-se a toda a documentação e informação necessária sobre a criança ou jovem, organizada por áreas gerais de interesse social como saúde, família, decisões do tribunal, escola e atividades extraescolares frequentadas.

**Quadro 6:** Dados relativos às Crianças e Jovens

Criança/ Jovem	Idade (Anos)	Agregado Familiar						Motivos
		Mãe	Pai	Irmãos	Avó/ Avô	Tio/ Tia	Outro	
A	8	√	√	2	-	-	-	Prisão. Alcoolismo.
B	9	√	-	2	-	-	-	As crianças eram muitas das vezes entregues ao seu próprio cuidado.
C	10	√	-	2	-	-	-	As crianças eram muitas das vezes entregues ao seu próprio cuidado.
D	11	-	√	1	-	-	-	Ausência escolar. Discurso incoerente.
E	11	√	-	1	-	-	-	Falta de condições. Instabilidade emocional da Mãe.
F	11	√	-	-	-	-	-	Limitações higiénicas e da habitação. Dificuldades no entendimento das características pessoais da criança e suas necessidades.
G	13	√	-	1	-	-	-	Falta de condições.

								Instabilidade emocional da Mãe.
H	13	-	-	-	√	-	-	A família encontra-se ao cuidado da Avó acamada, da jovem institucionalizada. Por esse motivo, notava-se uma ausência escolar regular da jovem.
I	13	√	-	-	-	√	-	Em clínica de recuperação (percurso desviante). Desgaste e incapacidade para gerir comportamentos da criança.
J	13	√	√	1	-	-	-	Ausência escolar. Discurso incoerente.
K	13	√	√	2	-	-	-	Prisão. Alcoolismo.
L	14	√	√	-	-	-	-	Ausência Parental. Maus-tratos.
M	15	√	√	2	-	-	-	Prisão. Alcoolismo.
N	15	√	√	1	-	-	-	Discussão conjugal com recurso à violência. Sem atividade profissional ou hábitos de trabalhos continuados.
O	16	√	-	2	-	-	-	Falta de condições económicas.
P	17	√	-	-	-	√	-	Alcoolismo.
Q	17	√	-	1	-	-	-	Entregue pela Mãe por falta de condições para o ter.
R	18	√	√	1	-	-	-	Discussão conjugal com recurso à violência. Sem atividade profissional ou hábitos de trabalhos continuados.
S	18	√	√	-	-	-	-	Ausência parental.
T	18	√	√	-	-	-	-	Não cuidava convenientemente da criança, ao nível das suas necessidades (medicamentos e dieta).
U	19	√	√	1	-	-	-	Incapacidade financeira.
V	19	√	√	-	-	-	-	Entregue pela Mãe por falta de condições para o ter (económicas, habitacionais, de saúde, de higiene).
W	19	-	-	-	√	-	-	Incapacidade financeira.
X	19	√	-	-	-	√	-	Entregue pela Mãe por falta de condições para o ter.
Z	20	√	√	1	-	-	-	Ausência parental.

As situações familiares são analisadas e avaliadas em tribunal, cabendo a esta instituição deliberar sobre o futuro da criança ou jovem. Quando um caso é exposto em tribunal, é comunicada à família a decisão. Ao decretar que a família não reúne as devidas competências para cuidar e garantir o bem-estar das crianças estas são-lhe retiradas, integrando a Casa dos Búzios que é uma instituição cujo dever é proteger crianças e jovens em risco e promover situações para a sua recuperação e desenvolvimento global.

A fase de análise dos processos foi relevante para a tomada de conhecimento das histórias de vida que marcam a vida destes jovens. Todos têm como situação jurídica a designada Medida de Promoção e Proteção, devido a fatores como: a negligência parental, as dificuldades económicas, a falta de condições habitacionais, os abusos (físicos ou psicológicos) e os maus-tratos, foram os vários motivos que levaram à retirada das crianças das famílias biológicas.

A situação de afastamento das crianças e jovens das suas famílias pode gerar uma série de conflitos e um grande sofrimento porque, independentemente da problemática existente, não deixam de ser a sua família. Além disso, o que acontece frequentemente é a criança/jovem não compreender o porquê de ser afastada da família. Neste ponto a Casa dos Búzios tem um grande sentido de fraternidade, aceitando os irmãos, e deste modo os laços familiares fraternos não são quebrados. Existem seis conjuntos de irmãos que se encontram nesta instituição: A, K e M; B, C e O; D e J; E e G; N e P; X e R; U e Z.

Atualmente residem no Lar de Infância e Juventude (LIJ) Casa dos Búzios 25 crianças e jovens, 12 são do género feminino e os outros 13 do género masculino. A média de idades é de 13 anos.

Nestes nove meses de estágio, apenas dois jovens saíram da Casa dos Búzios para a vida social autónoma. E uma vez que havia vagas disponíveis a Casa dos Búzios acolheu uma criança com 11 anos de idade.

Estas crianças e jovens apresentam dificuldades de sociabilidade, alguns comportamentos de risco, agressividade e violência entre os pares, fatores que denotam a existência de fraturas nos eixos pessoal e social e que põem em causa o seu desenvolvimento. A muitos deles foram-lhes retirados os bens essenciais ao seu bem-estar físico e ao equilíbrio psíquico e emocional, relacionados com a saúde, educação, higiene, alimentação. São crianças em sofrimento, carentes de amor, carinho e proteção.

É importante conhecer o historial de vida destas crianças e jovens para que o trabalho a desenvolver produza resultados positivos. Frequentemente, apresentam dificuldades de

aprendizagem na escola; não têm noção dos limites; apresentam dificuldades de controle emocional; baixa autoestima e ausência de sentimentos de valorização pessoal. No entanto, não deixam de ser um grupo acolhedor e simpático. É claro que conquistar a confiança destes jovens não foi fácil, senti alguma resistência, mas os nove meses de estágio ajudaram a fortalecer laços afetivos, passo importante para que tornasse possível atingir os objetivos propostos.

## **6. Diagnóstico da Situação**

### **6.1. Identificação das Necessidades**

Através da caracterização da instituição, da análise dos processos individuais das crianças e jovens e das notas de campo retiradas a partir do local de estágio pude avaliar e diagnosticar a situação atual da Casa dos Búzios. Todo este processo permitiu-me averiguar os problemas e necessidades existentes e a partir daí conhecer quais as áreas de atuação mais urgente.

Deste modo, é importante clarificar quais os problemas e necessidades, sabendo que estes têm quase sempre origem comportamental, familiar, social e económica:

- A falta de condições para ter os filhos;
- A falta de comunicação na família ou na ausência da mesma;
- Os comportamentos inadequados dos filhos;
- Os comportamentos de risco que põem em causa as relações familiares;
- Os conflitos existentes entre os filhos e /ou progenitores.

Mediante as informações recolhidas através do diagnóstico da situação conclui-se que na base dos problemas estão sobretudo as dificuldades familiares relativas à falta de condições para ter os filhos, na falta de comunicação na família, no abandono das crianças, nos comportamentos inadequados, nos comportamentos de risco que põem em causa as relações familiares e nos conflitos existentes entre jovens. Partindo deste último tópico pretendo trabalhar as competências com o grupo a fim de que estes possam resolver os seus conflitos.

### **6.2. Análise SWOT**

A análise SWOT é uma ferramenta que serve para diagnosticar os fatores internos e externos da instituição, avaliando-se as forças, as fraquezas, as oportunidades e ameaças.

A partir desta avaliação podemos intervir e determinar quais os próximos “passos” a dar. Este tipo de abordagem permitiu-me detetar quais as dificuldades e necessidades da instituição e de que modo poderia fazer a minha intervenção e quais seriam as prioridades de atuação, de modo a colmatar as falhas ou aspetos em falta, tendo sempre em conta a minha área profissional de intervenção.

## Quadro 7: Análise SWOT

Análise SWOT		
	Forças	Fraquezas
Interno	<ul style="list-style-type: none"><li>• Todos os projetos no ativo;</li><li>• Resiliência no combate às necessidades, problemas e dificuldades;</li><li>• Espírito de equipa e interajuda;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Os comportamentos desajustados das crianças e jovens;</li><li>• Os conflitos existentes entre crianças e jovens;</li></ul>
	Oportunidades	Ameaças
Externo	<ul style="list-style-type: none"><li>• As parcerias estabelecidas com outras instituições;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• A não colaboração por parte das famílias;</li><li>• A falta de condições por parte das famílias;</li></ul>

Através da Análise SWOT pretendo averiguar os pontos fortes e fracos internos da Casa dos Búzios e igualmente as oportunidades e ameaças exteriores ao contexto. Este diagnóstico foi importante para analisar as potencialidades e necessidades recorrentes no dia-a-dia da própria instituição.

Quanto às forças internas foram encontradas as seguintes: todos os projetos no ativo; resiliência dos técnicos no combate às necessidades; problemas e dificuldades e espírito de equipa e interajuda. As fraquezas internas observadas apontam para comportamentos desajustados das crianças e jovens e conflitos existentes entre eles. No contexto externo à instituição salientam-se as oportunidades de parcerias estabelecidas com outras instituições. As ameaças externas traduzem-se pela não colaboração por parte das famílias e a falta de condições das mesmas.

A partir desta análise pude compreender de que modo poderia constituir uma mais-valia para a instituição. Uma vez que a minha área profissional é no âmbito da educação e desenvolvimento social e cultural, considereei que o meu trabalho contribuiria para fomentar o desenvolvimento pessoal, social e emocional.

As atividades desenvolvidas tiveram como público-alvo as crianças e jovens residentes na Casa dos Búzios. As atividades realizadas assentaram na abordagem da arte, do lúdico, do desenvolvimento da criatividade, da autoestima e da autoconfiança.

Em colaboração com uma das educadoras, pessoa que realiza e coordena as reuniões dos mais novos, dinamizámos jogos com uma vertente lúdica mas também educativos e favoráveis a novas aprendizagens.

Preparei um *workshop* de máscaras para comemorar o dia do carnaval e também com o intuito dos participantes criarem as suas próprias personagens a partir das máscaras confeccionadas. Mediante a leitura/análise/reflexão das notas de campo e com o conhecimento adquirido sobre os gostos e interesses das crianças e jovens, introduziram-se outras expressões artísticas como o canto e a dança.

O dia-a-dia destas crianças e jovens torna-se muito rotineiro, de modo que a dinamização de novas atividades são imprescindíveis para o desenvolvimento da criatividade com recurso à arte. Apesar do desafio da sua convivência, pois todos partilham o mesmo espaço houve momentos em que se desencadeou o conflito. No entanto, aprenderam a resolvê-lo, a saber trabalhar em grupo, a entenderem-se, a colaborar e a cooperar. O objetivo destas atividades foi promover o desenvolvimento pessoal e social, o valor da convivência e a aceitação das diferenças de cada um.

Através da Análise SWOT, e considerando os fatores intrínsecos e extrínsecos, debruçei-me sobre as fraquezas internas da instituição, uma vez que se enquadram na área pessoal e social. Quero com isto dizer que, a partir da área educativa pude mobilizar o desenvolvimento da área pessoal e social. Para isso foi necessário planear e dinamizar atividades que pudessem reunir o grupo, fomentando a coesão e união grupal em convivência com as diferenças. Os principais objetivos consistem no desenvolvimento da criatividade, no “despertar” para o gosto das artes e no desenvolvimento das capacidades de comunicação e socialização entre o grupo.

## **7. A Organização e Desenvolvimento das Atividades de Estágio**

Neste ponto serão descritas com maior detalhe algumas das atividades desenvolvidas com as crianças e/ou jovens, umas propostas por mim e outras dinamizadas em colaboração com a equipa técnica e a equipa educativa. Envolvi-me ativamente nos projetos existentes, na qualidade de observadora participante, registei diariamente aspetos e factos relevantes nos momentos em que interagi com os participantes.

Ao longo dos nove meses de duração do estágio pude desenvolver algumas tarefas específicas, nomeadamente atividades técnicas que me permitiram adquirir um maior conhecimento sobre o funcionamento da instituição e recolher algumas informações sobre os dados pessoais e as histórias de vida, consultando sempre que necessário os processos individuais e de saúde das crianças e/ou jovens.

De seguida apresento a planificação das atividades, a sua dinamização e as devidas reflexões que ajudam a perceber se os objetivos estipulados inicialmente foram alcançados, a evolução das relações humanas e a observação geral dos progressos de desenvolvimento pessoal e social dos participantes nas várias atividades.

### **7.1. Horário da Estagiária**

Antes de prosseguir com a apresentação das atividades desenvolvidas convém especificar qual o horário da estagiária e as funções desempenhadas. Inicialmente cumpri um horário completo de oito horas diárias e só depois ficou estipulado que seria de vinte e cinco horas por semana, o que deu uma média de cinco horas por dia, uma vez que só ia à instituição cinco dias por semana.

Mantive um horário organizado de modo a poder desenvolver atividades técnicas e pedagógicas com jogos, expressão artística e culinária. Refiro ainda que pude interagir e colaborar com os vários profissionais (diretora, técnicos e educadores), o que me permitiu conhecer melhor o trabalho realizado com os jovens, e ainda disponibilizei algum do meu tempo para estar com as crianças e jovens, de forma mais direta e informal o que tornou possível a interação direta e a criação progressiva de laços (alguns de maior outros de menor intensidade) com cada um deles.

**Quadro 8:** Horário da Estagiária

<b>Horas/Dias</b>	<b>Segunda-feira</b>	<b>Terça-feira</b>	<b>Quarta-feira</b>	<b>Quinta-feira</b>	<b>Sexta-feira</b>	<b>Sábado</b>
<b>10h-15h</b>					Faculdade	(de 15 em 15 dias)
<b>14h-19h</b>	(de 15 em 15 dias)					
<b>15h-21:30/22h</b>						

Às Segundas, Quintas e Sextas-feiras, o horário era o mesmo, das 14h às 19h. Até às 16:50 organizava o meu tempo no desempenho de tarefas técnicas. Às 17h ia na volta da carrinha para ir buscar as crianças às escolas. Por volta das 18 horas chegávamos à Instituição “A Hera” e as crianças realizavam os seus trabalhos na sala de estudo até às 19 horas.

Às quartas-feiras entrava e saía mais tarde do que nos outros dias acima referidos. O horário iniciava às 15h e terminava por volta das 22h. Este era o dia em que ficava a ajudar no jantar – 19h, posteriormente eu e a educadora reuníamos com os mais novos para a assembleia semanal.

Às terças-feiras, o meu horário era das 10 horas às 15 horas, sendo as manhãs dedicadas às atividades técnicas.

Durante a semana tornava-se difícil realizar atividades porque as crianças e jovens tinham uma rotina estipulada que devia ser cumprida, obedecendo a regras. Aos Sábados não tinha ficado acordado ir, mas uma vez que não havia grandes oportunidades de realizar atividades propus-me ir à instituição, de quinze em quinze dias, das 14h às 19h.

**Quadro 9:** Funções Desempenhadas

<b>Horas/Dias</b>	<b>Segunda-feira</b>	<b>Terça-feira</b>	<b>Quarta-feira</b>	<b>Quinta-feira</b>	<b>Sexta-feira</b>	<b>Sábado</b>
<b>10-11</b>		Atividade Técnica				
<b>11-12</b>						
<b>12-13</b>						
<b>13-14</b>						
<b>14-15</b>	Atividade Técnica		Atividade Técnica	Atividade Técnica	Atividade Técnica	Jogos e Atividades Pedagógicas
<b>15-16</b>						
<b>16-17</b>	Volta da Carrinha		Volta da Carrinha	Volta da Carrinha	Volta da Carrinha	
<b>17-18</b>						
<b>18-19</b>						
<b>19-20</b>				Jantar		
<b>20-21</b>		Tarefas				
<b>21-22</b>		Assembleia dos Mais Novos				

## 7.2. Atividades Técnicas

A fase inicial do meu estágio consistiu no desempenho de tarefas mais técnicas, ou seja, trabalho burocrático relacionado com as áreas da saúde, educação, família e meio social dos jovens. Através da análise de necessidades da instituição detetou-se a importância de organizar e atualizar os processos de crianças e jovens, com os quais os vários profissionais trabalham. Assim, a pedido da diretora e equipa técnica, realizei essa tarefa, em colaboração com a estagiária de serviço social.

Para além disso, realizei outras tarefas técnicas e assinalo como relevantes as que constam no quadro seguinte:

**Quadro 10:** Atividades técnicas

Atividades Técnicas	
Foi um trabalho necessário para o conhecimento das crianças e jovens institucionalizados e da dinâmica interna da instituição. Assinalo como importantes as seguintes:	<ul style="list-style-type: none"><li>• Leitura, organização e atualização dos processos individuais das crianças e jovens, nos quais constam informações pessoais relativas à situação familiar, médica, educativa e jurídica;</li><li>• Atendimento telefónico;</li><li>• Marcações de consultas de variadas especialidades nos Centros de Saúde e Hospitais;</li><li>• Inscrições das crianças e jovens em atividades extracurriculares;</li><li>• Avaliação dos CASA<sup>9</sup>;</li><li>• Registo de saídas para fim de semana;</li><li>• Inventário dos Presentes de Natal;</li><li>• Elaboração de um plano de atividades mensal;</li><li>• Acompanhamento das crianças na ida e regresso da escola;</li></ul>

Estas atividades técnicas permitiram-me adquirir um maior conhecimento de cada criança e/ou jovem institucionalizado. Compreendi alguns traços caracterizadores da personalidade das crianças e dos jovens, os seus gostos pelas atividades extraescolares e, principalmente, as suas

<sup>9</sup> Avaliação dos CASA – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. Anualmente, realiza-se o relatório CASA para obtenção de uma visão global do Sistema de Acolhimento.

histórias de vida através da avaliação dos CASA e também pelo envolvimento na atualização, organização e análise de cada processo individual (dados recolhidos foram incluídos na Caracterização do Grupo de Crianças e Jovens – p. 44 e 45). A avaliação dos CASA pressupõe uma consulta detalhada dos processos individuais para responder criteriosamente aos questionários. No desempenho desta tarefa contei com a colaboração da estagiária de serviço social. Tratava-se de um questionário com várias questões acerca de cada criança e jovem: a idade, o ano de escolaridade, o agregado familiar, a medida de apoio em voga, as previsões futuras (projeto de reintegração na família e/ou projeto de autonomização), entre outras questões. Todas elas eram pertinentes e contribuíram estatisticamente para o relatório Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA).

### **7.3. Dinamização de Atividades e Objetivos Gerais**

As atividades educativas e jogos lúdico-pedagógicos realizados visavam desenvolver competências psicossociais, ou seja, competências que permitem o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens, tendo em vista a integração futura numa sociedade cada vez mais exigente em áreas tão importantes como a intervenção pessoal, a gestão de conflitos, as emoções e a auto-valorização.

À partida, constatei a falta de motivação e interesse dos jovens pela leitura e escrita, por isso, e dada a importância destes fatores para o desenvolvimento global, optei por dinamizar atividades mais lúdicas e criativas, mas com propósitos educativos bem definidos.

Objetivos Gerais das atividades planeadas:

- Desenvolvimento de um espaço de reflexão em que as crianças e/jovens se possam expressar livremente;
- Promoção do desenvolvimento intelectual e emocional;
- Desenvolvimento de competências emocionais e relacionais;
- Potenciação do autoconceito, a autoestima e o autocontrolo;
- Desenvolvimento de estratégias de mudanças de atitudes e comportamentos;
- Implementação de metodologias de resolução de conflitos;

- Expressão de forma clara de pensamentos e sensações;
- Desenvolvimento do espírito de união no grupo;
- Desenvolvimento da Criatividade;
- Promoção do gosto pela Arte;

#### **7.4. Plano de Atividades**

As atividades lúdicas e lúdico-pedagógicas foram surgindo, propostas quer por mim quer pelas crianças ou jovens e tiveram lugar em vários espaços e tempos, que destacarei de seguida.

**Quadro 11:** Quadro Síntese de Atividades

	Dia/mês	Número de participantes			Atividade Semanal	Atividade Pontual	Espontânea
		Adultos	Crianças	Jovens			
Assembleias com os Mais Novos	Outubro-Maio	2	5		X		
Jogo dos afetos – Gostarzinho	26 de Outubro	2	5			X	
Atividade de relaxamento	9 de Novembro	2	5			X	
Jogo dos sentimentos	16 de Novembro	2	5			X	
História sobre violência	24 de Novembro	2	5			X	
Gloobz	4 de Janeiro	1	3	2		X	
Atividade o Amor	8 de Fevereiro	2	5			X	
Saltar à Corda	14 de Janeiro	1	1				X
Jogar Futebol	14 de Janeiro	1	2	3			X
<i>Workshop</i> de máscaras de carnaval	18 de Fevereiro	2	4	3		X	
Jogo da bruxa	15 de Março	2	5			X	X
Fazer um Bolo	1 de Abril	1		1			X
<i>Peddy-paper</i>	25 de Abril	3	5	4		X	
Jogo do Saquinho de Feijão	10 de Maio					X	
Jogar ao Micado	12 de Maio	1	3	1			X

## 7.5. Atividades Pedagógicas – Apresentação Global

Os quadros seguintes apresentam a síntese das atividades pedagógicas desenvolvidas, distribuídas por várias categorias: jogos, expressões artísticas e culinária.

**Quadro 12:** Listagem de Jogos

Jogos	
<p>De um modo geral, as atividades desenvolvidas foram informais e espontâneas porque eram propostas por iniciativa dos jovens. Apesar de serem atividades de lazer e lúdicas, contribuíram para o desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens e fomentaram o fortalecimento de relações com os seus pares. Registei as atividades lúdicas realizadas:</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Jogos tradicionais</li><li>• Quem é quem?</li><li>• Quatro em linha</li><li>• Gloobz</li><li>• Expressão plástica</li><li>• Visionamento de um jogo de futebol</li><li>• Jogo de Matraquilhos</li><li>• Jogo da Bruxa</li><li>• Micado</li><li>• Jogos de futebol</li><li>• Visionamento de filmes, seguido de debate;</li><li>• Jogo dos sentimentos;</li><li>• Jogos de auto-estima;</li><li>• Sala de estudo;</li><li>• Jogo de mímica;</li><li>• Jogo do saquinho de feijão</li></ul>

**Quadro 13:** Expressões Artísticas

Expressões Artísticas	
<p>No decorrer do meu estágio foram acontecendo alguns momentos de atividades artísticas, centradas principalmente em pinturas, aguarelas e desenhos, pelas quais os jovens manifestaram particular entusiasmo, dedicação e empenho. Foram as seguintes:</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeos sobre decoração que envolviam a criatividade artística e estética;</li><li>• Workshop de máscaras de carnaval;</li><li>• Desenhos sobre os seguintes temas: escola, família, relacionamento com os irmãos, Casa dos Búzios, desporto;</li><li>• Criação de Mandalas</li></ul>

## Quadro 14: Culinária

Artes Culinárias	
Num espírito de interajuda, confeccionámos alguns bolos. Proporcionou momentos de diversão, criatividade e invenção. As atividades destacam-se pelas seguintes:	<ul style="list-style-type: none"><li>• Confeção de um bolo de chocolate</li><li>• Confeção de bolachas</li><li>• Confeção de um sumo de laranja</li></ul>

Na realização de atividades, a iniciativa e espontaneidade facilitaram a minha interação com as crianças e jovens. Estar próxima deles foi fundamental para conquistar a sua atenção e confiança, essenciais para conseguir a sua participação nas atividades.

Estes jogos permitiram uma progressiva aceitação e integração no grupo, que muito facilitou o estabelecimento de laços afetivos, essenciais para a concretização dos objetivos gerais definidos previamente.

O principal objetivo destes jogos foi o desenvolvimento pessoal e social dos jovens institucionalizados, mediante uma correta articulação entre o lúdico e o educativo. Foram vários os temas abordados nestas dinâmicas: os sentimentos, o conflito, a violência, a criatividade inserida nas expressões artísticas como o canto, a mimica, a dança, o desenho e a representação. Também nos dedicámos à culinária por iniciativa dos próprios jovens que participaram ativamente.

### 7.5.1. Sala de Estudo

A sala de estudo é um espaço dedicado ao acompanhamento das crianças e jovens nos seus trabalhos de casa e estudo de disciplinas. É essencial que as crianças saibam o verdadeiro significado de disciplina, rotina, trabalho e dedicação.

As atividades aí desenvolvidas diariamente visam adquirir hábitos de trabalho e estudo regular, autonomia, superar o medo de errar, ultrapassar dúvidas, inseguranças, receios e aprender a lidar com a frustração, que é tão frequente. Estas atividades integram todos os jovens, os mais velhos ajudam os mais novos, partilham dúvidas, conhecimentos e saberes, independentemente de terem idades diferentes e de frequentarem diferentes anos escolares.

Foi muito importante a minha integração na sala de estudo uma vez que permitiu inteirar-me sobre as situações decorrentes do dia-a-dia escolar. Auxiliá-los também foi uma forma de estabelecer contato com eles, de criar ligações.

De seguida, apresento um quadro com a análise das atividades desenvolvidas na sala de estudo e ainda as competências trabalhadas com as crianças e jovens.

**Quadro 15:** Atividades da Sala de Estudo

Disciplina	Competências trabalhadas	Citações Importantes
3 de Novembro – Trabalho de Português	<p>O Z é uma criança orgulhosa demais para pedir ajuda mas neste caso teve iniciativa.</p> <p>Trabalhámos as inseguranças, a falta de confiança e o saber lidar com a frustração e raiva, que muitas vezes é motivo para o uso da violência.</p> <p>Utilização do reforço positivo.</p>	<p>Z - “Podes ajudar-me nos trabalhos de casa?” – Sugere um pedido de ajuda.</p> <p>Z - “Não consigo fazer este exercício” – Clara falta de segurança e confiança.</p> <p>Z - “A professora é muito abusada, amanhã vou bater-lhe. Não vou fazer mais isto” – Frustração, raiva e pensamento de agressividade e violência.</p> <p>Estagiária - “Anda lá Z. És tão inteligente, olha que acredito que tu consegues, acho que devias acreditar mais em ti.” – Utilizei reforço positivo.</p> <p>Z – “Deu um berro e partiu o lápis ao meio”. – Frustração e raiva. (Anexo A, 3 de Novembro, p. 131)</p>
21 de Novembro – Trabalho de Ciências Naturais	<p>A É é uma jovem fragilizada, insegura e pouco confiante. Utiliza a vitimização para que tenham pena dela e as queixas como forma de argumentação, comportamento que deve ser evitado e não incentivado. Deve ser autónoma nas suas próprias tomadas de decisões. B uma jovem residente também achou oportuno intervir e dar a</p>	<p>É - “Os educadores estão-me sempre a castigar e eu não faço nada. Porque é a N (educadora de referência) obriga-me a estudar. Não sei porque obrigam a trabalhar e a estudar. Eu não tenho trabalhos de casa nem testes esta semana.” – Uso recorrente da vitimização e de lamúrias e queixas.</p> <p>É - “Mas eu sempre fiz assim. Não quero fazer isto. Por exemplo, a minha irmã não estudava e tinha boas notas” – A irmã para ela tem sempre razão, modelo a seguir, identificação com a irmã mais velha.</p> <p>B – “Achas que eu também gosto de estar aqui? Claro que não, mas faz parte, é importante para nós e para o nosso futuro. Agora que estás no nosso quarto conto contigo, precisas de ter sempre o quarto arrumado, participar nas atividades e fazer devidamente as horas de estudo. Temos de ter boa pontuação na Caminhada para ganharmos. E já sabes quando precisares de falar, tens aqui uma amiga.” – Demonstra preocupação e acima de tudo amizade. (Anexo A, 21 de Novembro, p. 135)</p>

	sua opinião. Transmissão da importância de adquirir bons hábitos de trabalho.	
7 de Fevereiro – Trabalho de Inglês e Português	O R de 15 anos e a M de 13 anos são jovens divertidos e até bastante confiantes. Depois de terminarem os trabalhos, desafiei-os para uma atividade. Utilizei uma estratégia de provocação para os motivar na realização da atividade. Resultou na medida em que concluíram sem grande demora. Aprenderam a superar dificuldades sem desistir, que era o principal objetivo. Permitiu o desenvolvimento da criatividade e imaginação.	Estagiária - “Já que terminaram, vou propor-vos um desafio. Aposto que não conseguem.”  Mostraram determinação, motivação e entusiasmo, que era o pretendido. (Anexo A, 7 de Fevereiro, p. 149)
25 de Março – Atividade de Desenho	Grande maioria das crianças e jovens gostam de expressão artística, principalmente de desenho livre. Aproveitei sempre esses momentos para o uso do reforço positivo, por considerar tratar-se de uma boa estratégia no seu desenvolvimento ao nível da confiança, autoestima e segurança na forma como o realizam e criam.	

	<p>E é uma jovem problemática, explosiva, conflituosa e revoltada. Demonstrou empatia comigo, o que é bom para a criação de vínculos afetivos. Encontrou no desenho de mandala, o seu refúgio, uma forma de se acalmar e relaxar sobre pressão acumulada. No entanto não deixa de ser insegura e pouco confiante. Uso do reforço positivo.</p>	<p>Estagiária - “Que giro! Tens imenso jeito.” – Reforço positivo.</p> <p>E - “Este não ficou bem feito, vai para o lixo.” – Demonstra pouca confiança, desagrado e insegurança.</p> <p>Estagiária – “Não deites ao lixo, se não o queres, fico eu com ele. Olha, eu gosto muito. Quem me dera conseguir fazer isso. É muito difícil.” – Continuação na utilização do reforço positivo.</p> <p>E - “Ajuda-me a escolher um na <i>internet</i> para eu desenhar.” – Demonstração de empatia. (Anexo A, 25 de Março, p. 156)</p>
	<p>O D tem 11 anos e é uma criança carente, com necessidade de afeto (várias vezes recorre aos abraços e beijinhos, principalmente com os adultos). Aproveito sempre estas oportunidades para realizar reforço positivo, e nota-se sempre o seu entusiasmo e felicidade. Reforço da confiança e segurança em si mesmo.</p>	<p>Estagiária - “Está muito bonito, gosto muito”. – Reforço positivo.</p> <p>D - “Gostas? Toma é para ti”. – Demonstração de afeto e empatia. (Anexo A, 25 de Março, p. 156)</p>
27 de Abril – Estudar Inglês	<p>O D costuma ser uma criança passiva, sem grande agressividade. É sempre muito afável e simpático. Enquanto estudava o verbo <i>To Be</i></p>	<p>Cruza os braços amuado e chora.</p> <p>D - “Não vou fazer.” – Fase de negação, pouco confiante.</p> <p>Estagiária – “Eu sei que consegues, eu acredito em ti.” – Utilização recorrente do</p>

	<p>apresentou algumas dificuldades, disse-lhe para escrever sem copiar do livro. Ficou extremamente zangado e chateado. Tentei usar o reforço positivo de modo, a motivá-lo, fazendo acreditar de que era capaz. Estes momentos melhoram a sua confiança e inseguranças demonstradas.</p>	<p>reforço positivo. (Anexo A, 27 de Abril, p. 162)</p>
--	---	---

### 7.5.2. Assembleias dos Mais Novos

A assembleia dos mais novos, com idades compreendidas entre os 8 e 11 anos, realizou-se, semanalmente, todas as quartas-feiras. Também tinham lugar, as assembleias dos mais velhos cujas idades variavam entre os 13 e os 20 anos. Como as atividades se destinavam principalmente às camadas mais jovens, optei por integrar as reuniões dos mais novos, pois poderia ser um espaço com mais potencial para a dinamização de jogos e outras atividades.

A principal tarefa desenvolvida foi a preparação das assembleias. Estas eram organizadas no próprio dia, sendo que se definia antecipadamente os temas a abordar e sempre que possível a preparação de um jogo didático a implementar no final de cada sessão. As crianças envolvidas, encontravam-se numa fase de crescimento em que se torna importante aprender a saber estar e saber ouvir, temática que foi bastante trabalhada nestas assembleias. Uma vez que estas crianças perdiam a concentração facilmente, as assembleias eram dinamizadas de forma a não serem muito exaustivas, recorrendo maioritariamente a atividades e jogos lúdico-pedagógicos. Com vista à criação de momentos de lazer, tentou-se sempre distanciar as atividades desenvolvidas da monotonia do dia-a-dia imposta pela rotina, tais como a escola, a sala de estudo, os cuidados de higiene, atividades sempre com horários rígidos e bem definidos, deixando pouco tempo livre para as brincadeiras e o convívio.

A dinâmica das assembleias dos mais novos era muito importante para me inteirar de como tinha corrido a semana, informar as crianças das atividades futuras e comunicar-lhes os resultados da Caminhada<sup>10</sup>, outro dos projetos posto em prática na Casa dos Búzios. Estas assembleias são essencialmente um “espaço” de partilha onde se pode refletir sobre temas bastantes atuais como o conflito, o *bullying*, a violência, a fome no Mundo, entre outros.

Em todos os momentos, as crianças demonstraram grande à vontade, mostrando-se participativas e curiosas, através da colocação de questões pertinentes. As assembleias dos mais novos, revelaram-se sessões mais dinâmicas, com uma participação ativa e muito positiva, ao contrário das assembleias dos mais velhos. Enquanto as crianças foram capazes de se moldar às

---

<sup>10</sup> Caminhada – Projeto em voga na Casa dos Búzios, que tem como finalidade compreender se as crianças e jovens cumprem os objetivos pedidos. Os núcleos avaliados são a participação em atividades, o comportamento, os contributos, as horas de estudo, a arrumação dos quartos e o cumprimento de tarefas. No final de cada semana são contabilizados os pontos, sendo que estes podem ter cumprido com os objetivos pedidos, podem ficar de consequência ou de bónus. No final do ano são contabilizados os pontos do grupo, que está em cada quarto, quem ganhar tem direito a uma recompensa, por exemplo ir jantar ao McDonald’s ou ir ao Cinema.

situações, os jovens, por estarem na fase da adolescência e por começarem a desenvolver a sua própria identidade, adotaram uma outra postura, menos participativos e interessados.

Ao longo das assembleias, as crianças aprenderam a ser autónomas, mediar os seus próprios conflitos, partilhar opiniões e sentimentos, desenvolver o seu sentido crítico, entre outras competências, potenciando assim o seu *empowerment*.

De seguida, apresenta-se um quadro com a análise das atividades desenvolvidas na assembleia dos mais novos e ainda as competências trabalhadas com as crianças.

**Quadro 16:** Atividades da Assembleia dos Mais Novos

Atividades	Competências Trabalhadas	Citações Importantes
19 de Outubro - Preparação do concerto dos violinos.	Trabalhar a concentração	“Neste momento, já quase no final da reunião estavam todos desconcentrados, por exemplo, Z pega na folha e vai cantar para cima da mesa, C vai apanhar a bagas que estavam debaixo da mesa sem o consentimento da educadora.” (Anexo A, 19 de Outubro, p. 128)
26 de Outubro – Debate de ideias sobre a violência.  Jogo dos Afetos	Esclarecer as crianças sobre o que é a violência. Trabalhar a ponderação de reagir de forma impulsiva, batendo. A mensagem transmitida: <u>uso da violência não é a solução para os problemas.</u> Através do jogo trabalhamos o significado das emoções e sentimentos.	“Z bateu na cabeça de C e esta gritou.”  “Explicou-se ao Z que não se bate, pois este ato pode ter consequências graves.”  “As questões colocadas referiam-se a sentimentos, conflitos, afetos e as respostas dadas pelas crianças foram sinceras e pertinentes.” (Anexo A, 26 de Outubro, p. 129)
2 de Novembro - Debate de ideias as nossas dificuldades.	Como lidar com o outro, respeitar o outro, conhecer o outro, aprender a controlar os seus próprios sentimentos. Todos temos as nossas dificuldades.	“Um dos aspetos a salientar nesta reunião foi o facto de o Z ter chamado deficiente à C que aparenta ter algumas dificuldades.”  “Considerarei que este foi o momento chave da reunião porque permitiu explicar-lhes que não somos mais nem menos que os outros por apresentarmos determinadas dificuldades.”  “Depois disso, referiu-se que, se assim fosse, seríamos todos deficientes, uma vez que cada um tem as suas dificuldades: ter pouca visão, dificuldades de autocontrolo, dificuldades em expor o que se sente ou pensa. Cada um teve

		oportunidade de dar um exemplo.” (Anexo A, 2 de Novembro, p. 130)
9 de Novembro - O menino que nunca tinha visto um espelho.  Atividade de relaxamento.	O não recurso à violência foi a principal competência trabalhada.  Trabalhar a calma, o relaxamento em momentos mais stressantes, criar união no grupo, ver as situações pelo lado positivo.	“Então o menino muito curioso, aproximou-se do espelho e reparou que o menino do outro lado o imitava. E pensando que este estaria a gozar consigo, bateu-lhe, mas percebeu que se aleijou a si próprio.”  “Aprendeu a lição da história: se bates no outro também te aleijas a ti próprio.”  “Antes de se dar por encerrada a reunião, a educadora fez um exercício de relaxamento. Colocaram-se alguns colchões no chão, as crianças deitaram-se e desligaram-se as luzes.”  “Conseguiram relaxar embora a C tivesse apresentado mais dificuldades em se concentrar, no entanto considero que foi um bom momento.”  “No final da sessão, todo o grupo deu abraços e esta foi uma ótima maneira de terminar.” (Anexo A, 9 de Novembro, p. 133)
16 de Novembro - Debate sobre comida que se estraga. Visionamento de fotografias de crianças em África que passam fome.	Não estragar comida quando não gostamos do que comemos, temos de habituar o paladar.	“Analisaram-se alguns comportamentos menos bons como deixar comida no prato. Mencionou-se a importância de não estragar a comida, uma vez que existem muitas crianças a passar fome.”  “Todos quiseram ver as fotografias dessas crianças no computador e alguns ficaram bastante chocados com essas imagens.” (Anexo A, 16 de Novembro, p. 134)
24 de Novembro - Identificação de emoções e	Aprender a identificar emoções e sentimentos. Compreender melhor sobre	“No final, realizou-se um pequeno jogo sobre a identificação de emoções e sentimentos. Mostraram-se alguns cartões com

sentimentos através de uns cartões.	cada um deles.	<p>uma imagem e as crianças tinham que identificar a amizade, tristeza, alegria, amor, gostar e espanto.”</p> <p>“Achei curioso porque para além do que foi pedido ainda conseguiram imaginar uma pequena história.”</p> <p>“Por exemplo, o menino está triste porque não o deixaram andar de patins, o menino está espantado, a menina ama o seu namorado, a menina ama o seu irmão.” (Anexo A, 24 de Novembro, p. 136)</p>
5 de Janeiro - Gloobz	Testar a destreza e rapidez de resposta.	<p>“Eu aproveitei a oportunidade para jogarmos um jogo, o gloobz.”</p> <p>“O meu intuito foi jogar com as crianças e perceber a adesão, ou não, das crianças ao jogo.” (Anexo A, 5 de Janeiro, p. 140)</p>
12 de Janeiro – Debate sobre o <i>bullying</i> .	Saber e admitir quando erramos. Bater ou fazer <i>bullying</i> é errado.	<p>Educadora - “Z estamos à tua espera”</p> <p>Z - “então vocês também têm que tirar os óculos”</p> <p>Z entretanto tirou os óculos da cara e disse: “peço desculpa, prometo que me vou portar bem, estou arrependido”</p> <p>C continuou a brincar e, bruscamente, A deu uma bofetada a C. Nesse preciso momento, a educadora decidiu que A devia sair da reunião, “eu já tinha avisado que não tolerava mais violência”, “não sabem que a violência gera violência?”. (Anexo A, 12 de Janeiro, p. 142)</p>
18 de Janeiro - Jogo da Mimica	Aprender a cooperar e colaborar. Uso da criatividade e imaginação. Usei a estratégia de nomear um líder, escolhi aquele que por vezes não se porta tão bem e resiste às atividades propostas.	<p>“Disse ao Z que ele seria o líder, aquele que mantinha a calma no grupo, ajudava os outros, não batia e compreendeu muito bem.”</p> <p>“Achei curiosa a forma como A representou a palavra afeto.</p>

	<p>Mas que tem sempre uma grande influência sobre o grupo de pares. Considerei oportuno, uma vez que esta foi uma forma de o cativar, colaborou ativamente na atividade.</p>	<p>As duas meninas que têm por hábito agredir-se, desta vez colaboraram uma com a outra. A fazia-lhe festinhas e dizia “que estás a fazer?”, “vou-te ajudar a arrumar os livros”, fez-lhe também cócegas e começaram a rir-se as duas.” (Anexo A, 18 de Janeiro, p. 144)</p>
<p>9 de Março - Teatro de improvisação</p>	<p>Uso da criatividade e imaginação. Trabalhar a improvisação. Foram capazes de abordar no teatro improvisado temas já anteriormente, trabalhados noutras reuniões tais como o <i>bullying</i>, o conflito e a violência. Foi importante perceber que têm aprendido e retido informações referentes a estes assuntos.</p>	<p>“O D era a raposa vermelha, apresentou-se dizendo que comia coelhos ao almoço e pássaros ao jantar. M quis ser a patinadora no gelo, a Elsa da Frozen, disse que gostava muito de patinar (...). As restantes crianças optaram por ser os médicos.” (Anexo A, 9 de Março, p. 152)</p>
<p>15 de Março - Jogo da Bruxa</p>	<p>Jogo dinâmico e lúdico que permite trabalhar as competências de grupo, espírito de interajuda e cooperação.</p>	<p>“Este jogo é muito parecido ao do quarto escuro. A bruxa tinha que os procurar no escuro, enquanto os restantes se escondiam o mais possível para não serem apanhados. Quando eram apanhados iam para o caldeirão e o último a ser apanhado ganhava. C não quis participar porque tem medo do escuro.” (Anexo A, 15 de Março, p. 155)</p>
<p>29 de Março - Debate de ideias sobre a Casa dos Búzios</p>	<p>Revoltados e tristes por estarem na Casa dos Búzios, queriam estar com as suas famílias. Aprender a ter paciência e a trabalhar a empatia pelo outro. Foi um espaço de partilha de emoções e sentimentos. Tinham saudades das suas famílias, muitos choraram.</p>	<p>“Ainda houve tempo para um debate de ideias sobre o facto de considerarem a Casa dos Búzios uma prisão, mas no final compreendeu-se o motivo da revolta. Algumas crianças começaram a chorar por terem saudades das famílias e questionaram-se sobre o motivo de não poderem estar com eles, ao que a educadora tentou responder a tudo com o máximo cuidado.”</p> <p>“Assim, a revolta não era por as janelas da Casa dos Búzios terem grades ou as bicicletas serem em menor número.”</p> <p>“De uma forma involuntária e não planeada criou-se um</p>

		momento de empatia entre todos, bastante importante para a verbalização e partilha de opiniões. Foi bastante terapêutico porque fê-los falar sobre o que os apoquentas e puderam igualmente expressar os seus sentimentos, através do choro, tristeza e saudade.” (Anexo A, 29 de Março, p. 157)
10 de Maio - História da Branca de Neve e os Sete Anões sobre boas maneiras à mesa.  Jogo do Saquinho de Feijão (primeira fase).	Aprendizagem de regras de etiqueta, formas de estar à mesa. O Jogo do Saquinho de Feijão teve como principais finalidades o desenvolvimento da autoconfiança e autoestima.	“A primeira fase foi realizada nesta reunião e teve como primeiro passo desenhar sobre as seis categorias: família, desporto/atividades, amizade, relação com os irmãos, escola e Casa dos Búzios. Esta primeira atividade permitiu o uso da criatividade e imaginação, campos de atuação que devem ser mais desenvolvidos e explorados.” (Anexo A, 10 de Maio, p. 164)
17 de Maio – Continuação do Jogo do Saquinho de Feijão (segunda parte).	Os objetivos deste jogo foram a valorização, o tomarem conhecimento do que fazem bem, melhorarem a autoestima e autoconfiança.	Por exemplo, no tema desporto uma das crianças disse: “Ser bom a jogar futebol.”. Na escola, “Ter boa nota num teste.”, “Ser assíduo e pontual.” e “Estar atento e ser participativo nas aulas.” “Quanto aos aspetos a melhorar, atribuíram maior importância à família e relação com os irmãos, “Ajudar mais a minha Mãe em casa.”. No relacionamento com os irmãos, mencionaram “Ajudar a minha irmã no que ela precisar.”; sobre a Casa dos Búzios disseram: “Ajudar o outro” e “Cumprir com as minhas obrigações (arrumar o quarto, ter bom comportamento, participar em todas as atividades).” e “Ficar de bônus e ganhar a Caminhada.”. (Anexo A, 17 de Maio, p. 165)
24 de Maio – Assembleia conjunta	O meu estágio curricular terminou neste dia. Poderia continuar como voluntária mas não seria o mesmo. Esta reunião final foi importante porque permitiu que todos pudessem refletir sobre os momentos passados juntos. Criámos empatia e fortes laços afetivos.	“Uma das mais velhas mencionou o facto de ter havido muitas faltas de respeito para comigo.”  “Depois desse desbloqueio inicial, alguns deles pediram-me desculpas pela forma como me falavam.”  “Considerarei isso muito importante, pois foi uma forma de eles refletirem sobre as suas ações.”

		<p>Até a jovem com a qual tive alguns atritos e tem sempre muita dificuldade em aceitar que esteve mal, e nunca pede desculpa, desta vez conseguiu pedir desculpas e disse: "Eu peço desculpa pela forma como te falei mal às vezes, quando na verdade eu sei que estiveste sempre lá para mim". (Anexo A, 24 de Maio, p. 169)</p>
--	--	--

## 7.6. Desenvolvimento das Atividades

Semanalmente realizam-se reuniões com os mais novos que constituem momentos de partilha e reflexão. Abordam-se vários temas como a Caminhada, ou seja, como correu a semana, atividades a desenvolver proximamente, reflexão sobre conflitos, *bullying*, as suas atitudes e comportamentos no dia-a-dia, e como podem melhorar.

De seguida, refiro algumas atividades/jogos desenvolvidos no decurso do estágio.

**Designação:** Jogos dos Afetos - Gostarzinho

**Data:** 26 de Outubro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 aos 11 anos

**Objetivos:**

- Aprender sobre os sentimentos;
- Aprender a expressar sentimentos;
- Prevenir comportamentos de risco;
- Refletir sobre a importância emocional atribuída a determinadas situações;
- Promover a expressão emocional;
- Desenvolver a gestão emocional e cognitiva;
- Refletir sobre estratégias de promoção de *coping* emocional;

**Descrição:** É um jogo de tabuleiro que permite trabalhar a afetividade, aborda áreas como: autoconhecimento, autoestima e autoconfiança; comunicação, família, grupo e amizade; criatividade, imaginação e brincadeira; emoções e sentimentos; decisões, escolhas e resolução de conflitos.

Todos quiseram participar e demonstraram vontade e curiosidade para conhecer o funcionamento do jogo. No entanto, à medida que o jogo ia decorrendo o interesse inicial foi-se desvanecendo, ainda conseguiram responder a algumas questões, mas acabaram por desistir.

Algumas questões envolviam familiares e foi isso que levou as crianças a remeterem-se ao silêncio. Deixou de haver tanta colaboração, ofereceram resistência e, apesar de as incentivar, não resultou. Respeitei e não as obriguei a responder, só participou quem quis.

Como se joga?

Lança-se o dado e avança-se o número de casas sorteadas, tira-se um cartão com uma pergunta à qual terão de responder e assim sucessivamente. Pretende-se através deste jogo realizar um debate sobre os vários sentimentos e o relato de situações ou histórias de vida que fizeram “despertar” determinado sentimento.

**Reflexão:** Este jogo foi importante na medida em que permitiu um momento de reflexão sobre os sentimentos e emoções, episódios e situações do seu dia-a-dia.

A partir das respostas dadas ponderámos sobre a melhor maneira de lidar com o que sentimos. Por vezes, prejudicamo-nos a nós próprios e aos outros, pela forma como reagimos às situações.

A sinceridade das respostas dadas foi o que mais me surpreendeu. “Quando tens um conflito com alguém o que fazes?” “Eu bato-lhe” e “Quando estás com raiva ou zangado com algo, o que fazes para te acalmar?” “Vou à casa de banho e lavo a cara, respiro fundo e conto até 100” (Anexo A, 26 de Outubro, p. 129). A partir destas respostas também pudemos refletir sobre a importância da calma e de não reagir impulsivamente. O melhor é optar por uma conversa com a pessoa em conflito para o resolver, concluiu um jovem.

Este jogo permitiu uma abordagem aos sentimentos e comportamentos, sabendo que o sentir do momento vai determinar o nosso comportamento, a forma de estar e agir. O **Gostarzinho** permitiu encarar as situações e enveredar pela promoção de estratégias de *coping* emocional, com o objetivo de evitar possíveis comportamentos de risco. Contudo, também houve aspetos menos bons neste primeiro jogo. Inicialmente, tudo corria bem porém, a dada altura os participantes começaram a oferecer resistência. Não sei se terá sido pelas questões pessoais colocadas ou pela falta de confiança em mim. Foi importante a minha convivência diária, poder envolver-me mais nas tarefas e atividades do dia-a-dia para garantir a vinculação de afetos.

**Designação:** Atividade de relaxamento

**Data:** 9 de Novembro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 aos 11 anos

**Objetivos:**

- Ficar calmo;
- Relaxar;
- Diminuir os níveis de *stress*, ansiedade, raiva;
- Pensar de forma positiva;
- Desenvolver a autoconfiança;

**Descrição:** A atividade visou o relaxamento e o tipo de técnica utilizada foi a visualização, conhecida como imaginação guiada visual. Esta técnica utiliza a imaginação e ajuda na libertação de pensamentos e preocupações negativas. Serve-se da visualização para reduzir o *stress* e é fácil para qualquer criança imaginar-se num lugar bonito, por exemplo.

A atividade iniciou-se da seguinte forma, deitaram-se todos nos colchões, fecharam os olhos e imaginavam o que a educadora contava, “Agora vão imaginar que estão no jardim verde, cheio de árvores com um grande lago, pássaros a cantar. O Z e o D jogavam à bola divertidos, a M e A brincavam e andavam de escorrega. De repente, a bola fica presa numa árvore e todos juntos souberam resolver o problema.”. (Anexo A, 9 de Novembro, p. 134)

A sessão decorreu em silêncio, estavam todos relaxados, só a C apresentou maior dificuldade de concentração e relaxamento. Mas, que foi sempre sendo controlado devidamente. Contudo, a dinâmica de relaxamento foi bem-sucedida, uma vez que a atividade trouxe calma ao grupo.

**Reflexão:** Esta estratégia de relaxamento foi um bom método utilizado e posta em prática várias vezes com o objetivo de obter, a longo prazo, bons resultados na forma de estar e gerir emoções e sentimentos. Os aspetos conseguidos nesta sessão foram: a calma, uma boa comunicação, o

relaxamento e a união do grupo. Estes fatores foram importantes para o desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens.

A dinâmica usada foi interessante e quando se lhes pediu para se deitarem nos colchões da forma mais confortável possível, uns ficaram de barriga para cima e outros de barriga para baixo. Seguiu-se o relato de uma história em que eles eram os protagonistas e abordavam temas como a amizade, a capacidade de resolver problemas, a felicidade e a união do grupo.

Observou-se que no final deste relaxamento todos estavam bastante mais calmos e tranquilos e uma das crianças até adormeceu. Pediu-se um abraço coletivo no final e todos colaboraram de bom grado.

**Designação:** Jogo dos sentimentos

**Data:** 16 de Novembro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 aos 11 anos

**Objetivos:**

- Saber identificar sentimentos;
- Expressar sentimentos;
- Desenvolver a criatividade;
- Recontar histórias;

**Descrição:** Mostraram-se uns pequenos cartões com crianças, animais e objetos e cada criança tinha que dizer qual o sentimento que os desenhos mostravam. Esta atividade também lhes permitiu dar aso à criatividade, porque começaram a inventar as suas histórias.

Algumas foram de encontro às suas histórias de vidas, facto que me pareceu bastante curioso e oportuno. Por exemplo, o gato está triste porque não lhe deram carinho e amor; o gato está feliz porque não o deixaram andar de bicicleta. Estes foram apenas dois exemplos apresentados relacionados com a sua própria vida, ou seja, as crianças revêem-se nessas situações.

**Reflexão:** Esta atividade consistiu na identificação de sentimentos através de cartões ilustrados. As crianças foram além do pretendido e a dinâmica utilizada foi muito benéfica, uma vez que elas criaram as suas próprias histórias partindo das imagens apresentadas.

A reflexão sobre esta dinâmica parte do pressuposto que as crianças usaram a criatividade mas também perceberam que as histórias imaginadas podem ter semelhanças com a realidade dela, ou seja, foi um exercício de compreensão, análise e criatividade.

Além disso, é uma forma das crianças e jovens aprenderem a conhecer e analisar os sentimentos e emoções dos seus pares. Pretendeu-se desta forma um desenvolvimento a nível cognitivo, emocional e social das crianças e jovens, nomeadamente a inteligência emocional, a capacidade de identificar emoções, em si e nos outros, e saber lidar com elas.

**Designação:** História sobre violência

**Data:** 24 de Novembro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 aos 11 anos

**Objetivos:**

- Saber definir o que é a violência;
- Compreender que a violência não é solução para a resolução de problemas;

**Descrição:** Foi-lhes contada uma história de um menino que nunca tinha visto um espelho. Quando se deparou com ele, ficou muito admirado uma vez que a imagem era igual a si próprio. Inicialmente ficou curioso, gesticulava, levantava um braço e a imagem à sua frente era uma imitação.

Começou a ficar furioso porque pensou que o menino estava a troçar dele e eis que bateu no vidro com toda a força. Apercebeu-se que se aleijou e começou a sangrar da mão. Moral da história: não magoes o outro porque podes magoar-te a ti próprio.

As crianças prestaram muita atenção à história e compreenderam-na muito bem. No final houve espaço para o debate sobre a importância de não agredir o outro.

**Reflexão:** As crianças compreenderam muito bem a história. No final referiram o essencial: não se deve usar a violência porque é algo negativo e põe em causa a saúde e segurança das pessoas. Uma delas disse: “sim, como falámos na última reunião, bater na cabeça pode levar à morte” (Anexo A, 2 de Novembro, p. 130). Por vezes, as crianças parecem prestar pouca atenção ao que lhes é dito, mas não deixam de reter informação, ficam sempre algumas referências. A educadora também defende esta opinião, referindo: “Apesar de por vezes se dispersarem nas reuniões, há sempre alguma ideia que fica naquelas cabecinhas, pois há uma relativa capacidade de retenção, o que é muito bom.”.

O relato desta história foi importante porque permitiu refletir sobre a violência, o conflito e o *bullying*. São três grandes temas cada vez mais presentes numa sociedade tendencialmente agressiva.

**Designação:** Gloobz

**Data:** 4 de Janeiro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 a 11 anos

**Objetivos:**

- Desenvolver a destreza;
- Potenciar a atenção;
- Trabalhar a capacidade de memorização;
- Desenvolver a capacidade de resposta e decisão;
- Melhorar a capacidade de observação;
- Saber lidar com momentos de frustração;
- Saber lidar com a competitividade de forma saudável e positiva;

**Descrição:** Gloobz são criaturas adoráveis, mas causam estragos em qualquer lugar por isso o objetivo é apanhá-los rapidamente. O jogador antes de virar o cartão diz “mais ou menos” e consoante as figuras ou cores, os jogadores devem remover o mais rápido possível da mesa as estatuetas. Cada estatueta correta capturada marca um ponto, mas o jogador é penalizado se cometer um erro. E cartões especiais são adicionados a esta confusão alegre e com uma lupa

devem-se remover todos os que estão na mesa ou quando aparece no cartão uma determinada figura, independentemente das outras que possam também aparecer. A destreza é posta à prova, pois os concorrentes devem ser rápidos a remover as criaturas engraçadas. Ganha aquele que tiver mais pontos (36 pontos).

A competitividade e a frustração sobressaíram-se neste jogo. O mau feitio de alguns participantes revelou-se como menos positivo. Os sentimentos negativos levaram um participante a atirar as peças do jogo para o chão e ainda agrediu uma colega. Posto isto, considere inoportunos os comportamentos e atitudes demonstrados e por isso dei por concluído o jogo.

**Reflexão:** Este jogo podia ter sido muito interessante se uma das meninas não atirasse os “bonecos” todos para o chão e agredisse uma colega. O comportamento de A foi desencadeado pela frustração de ter perdido na primeira jogada. A dificuldade desta criança residiu no facto de não saber lidar bem com certos sentimentos nem controlá-los devidamente. Tencionava repetir este jogo mais tarde para poder comparar os comportamentos, mas não foi possível.

A maneira de resolver o conflito não foi a mais adequada uma vez que fiz uso da arbitragem, retirei o objeto, neste caso o jogo, como forma de retaliação dos comportamentos e atitudes demonstrados. Na próxima oportunidade, espero saber mediar melhor a situação e tentar compreender ambas as partes, perceber o porquê da atitude da menina ao atirar o jogo para o chão e segundo, o motivo de ter agredido a outra criança.

Apesar de se tratar de um mero jogo de destreza, não deixa de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens. Inicialmente agrediram-se mas depois tentaram resolver a situação, falando sobre o assunto que lhes causou mal-estar. Souberam pôr de parte as divergências e resolver o problema, por isso considero que este jogo foi importante para fortalecer as relações do grupo.

**Designação:** Amor (Cartolina)

**Data:** 8 de Fevereiro

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 a 11 anos

**Objetivos:**

- Saber definir o sentimento;
- Aprender a expressá-lo;

**Descrição:** Como forma de comemorar o dia dos namorados, pegámos numa cartolina, desenhámos e escrevemos o que era para nós o amor. As frases ou palavras que mais se destacaram foram as seguintes: abraços, partilha, dar e receber. Foi uma atividade de livre expressão, trabalharam a criatividade e imaginação.

O participante D perguntou: “Posso desenhar eu e a minha irmã?” e eu respondi: ”Claro que sim! O amor pode ser expressado na família, na amizade, num casal de namorados.”. Então foram vários os trabalhos realizados desde corações, um casal de namorados, outros desenharam o significado da amizade e da família numa relação também ela de amor.

**Reflexão:** Todos quiseram participar, mostraram o seu lado mais criativo através do desenho e da escrita de pequenas frases sobre o significado do amor.

Para celebrar o dia dos namorados fizemos esta atividade para relembrar o amor como um sentimento positivo e as várias formas de o manifestar. No final refletimos sobre a importância de dar e receber amor e dos afetos nas relações humanas. O amor pode ser transmitido numa relação de amigos, de família ou entre namorados. Estas foram algumas das ideias trabalhadas.

Foi uma forma de falar de amor sem haver medo, preconceito ou vergonha, fazê-los ver que é bom expressar amor, desde gestos, abraços, beijos e carícias. Abordar o tema do amor fê-los despertar, refletir sobre o assunto e acima de tudo contribuiu para o desbloqueio emocional por vezes existente nas crianças e jovens traumáticas.

**Designação:** Jogo da Bruxa

**Data:** 15 de Março

**Número de Participantes:** 5 participantes

**Idades:** 8 a 11 anos

**Objetivos:**

- Cooperarem entre si;

**Descrição:** Este jogo é muito parecido ao jogo do quarto escuro. A bruxa fica cá fora enquanto os restantes se escondem. A bruxa entra e tem de encontrá-los às escuras e pô-los no caldeirão. O último a ser descoberto ganha.

**Reflexão:** Foi bastante divertido, todos gostaram. Este jogo apesar de limitado na construção de uma aprendizagem educativa, contribuiu para uma maior interação do grupo, comunicação, espírito de interajuda, fatores importantes na criação de laços afetivos, boa disposição e socialização entre os pares. Todos estes indicadores, uma vez trabalhados contribuirão para o desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens.

**Designação:** As fotografias

**Data:** 13 de Maio

**Número de Participantes:** 3 participantes

**Idades:** entre os 8 e 18

**Objetivos:**

- Fazer uso da criatividade e imaginação;

**Descrição:** A atividade consistiu em retirar algumas fotografias de uma caixa para criar uma história. Os participantes tiveram de escolher a ordem pela qual queriam começar e depois construíram a história de forma a fazer sentido.

No início ninguém quis participar e diziam “Que seca de jogo!” e iam embora. Posteriormente, de forma estratégica pus as fotografias e imagens espalhadas pela mesa da sala e esperei que algum curioso se aproximasse. Aos poucos foram-se aproximando e três deles muito curiosos quiseram saber do que se tratava e eu então aí expliquei-lhes em que consistia o jogo. Quiseram participar e logo começaram a juntar aos molhinhos as fotografias e imagens que iriam fazer parte da sua história. Conseguiram ser criativos e muito imaginativos, objetivos cumpridos neste jogo.

**Reflexão:** Tentei mobilizá-los para a atividade mas como houve muita resistência optei por outra estratégia: deixei as fotografias espalhadas em cima da mesa da sala, à vista de todos.

Aproximaram-se alguns curiosos e três crianças quiseram participar mostrando-se bastante criativas. Deste modo pude conhecer melhor os seus gostos e sonhos.

Foi uma atividade interessante, puderam expressar os seus interesses e foram bastante criativos na sua forma de abordar as fotografias.

Os objetivos principais desta atividade eram bastante simples, nomeadamente garantir que as crianças e jovens pudessem exercitar a sua criatividade e imaginação, identificar-se com as fotografias, projetar-se nelas, ou seja, puderem conhecer-se a si próprios. Evidenciaram-se alguns interesses e gostos pessoais: passear, ouvir música, jogar e dinamizar outras atividades em que crianças e jovens possam colaborar e fazer desporto. A tomada de conhecimento dos seus gostos e preferências facilitou-me a integração nos grupos e tomar parte nas atividades.

**Designação:** *Workshop* de Máscaras de Carnaval

**Data:** 18 de Fevereiro

**Número de Participantes:** 10 participantes

**Idades:** entre os 8 e 18

**Objetivos:**

- Pesquisar máscaras de Carnaval de diferentes culturas;
- Conhecer aspetos específicos de cada cultura;
- Divulgar traços culturais;
- Associar cultura, arte e criatividade;
- Confecionar máscaras;
- Criar uma personagem para apresentar ao grupo;
- Desenvolver o espírito de entreajuda;

**Descrição:** As crianças dividiram-se em grupos e imprimiram a máscara da sua preferência. Confecionaram-na a seu gosto usando diversos materiais de reciclagem: purpurinas, ráfia, tintas, canetas com brilhantes, flores, fios, lãs e cartão. Foi um trabalho de colaboração e cooperação entre todos, bem conseguido, na medida em que os mais velhos puderam ajudar os mais novos, que era um dos objetivos propostos inicialmente.

**Reflexão:** A princípio foi difícil iniciar a atividade, retirá-los da sua zona de conforto, uns ouviam música e usavam constantemente os telemóveis, outros viam televisão. Faltou-lhes

iniciativa mas à medida que alguns começaram a participar, os outros também se aproximaram e participaram ativamente.

Ficou ao critério de cada um fazer a sua máscara recorrendo aos vários materiais. Afinal a atividade desenvolvida foi um êxito e as máscaras ficaram muito criativas. Foi possível dinamizar esta atividade, envolvendo a arte e a criatividade, dois polos que devem ser trabalhados, moldando as pessoas numa vertente criativa. Convém referir que o trabalho criativo deve ser iniciado quando ainda são crianças e jovens.

Correu tudo bem, todos cooperaram e houve muita entreajuda no grupo e trabalho em equipa, fatores importantes para o seu bom relacionamento e socialização. Apesar dos conflitos existentes há sempre um elo de ligação muito forte, laços afetivos que se estabelecem e reforçam numa convivência diária.

**Designação:** *Peddy-paper*

**Data:** 25 de Abril

**Número de Participantes:** Todos

**Idades:** 8 aos 20 anos

**Objetivos:**

- Explorar e desenvolver a criatividade;
- Promover momentos de socialização;
- Desenvolver o trabalho em equipa;
- Desenvolver o espírito de entreajuda e de cooperação no grupo;
- Intercalar cultura, desporto e arte;

**Descrição:** Programei uma tarde de jogos e atividades, que foram realizados no pátio da Instituição “A Hera”, o espaço mais adequado para o pretendido. As atividades planeadas estavam relacionadas com a autoestima, o *quizz*, a mímica, a música e o desporto.

## **Autoestima**

Primeiro jogo – Em roda, comecei por passar um *pin* que dizia uma frase que teriam de completar, por exemplo: “descreve-te numa única palavra”.

Segundo jogo – lançava-se um dado e de acordo com a frase escrita na face devia ser completada. “Sou bom a...”, “A minha melhor qualidade é...”, “Gosto de...”, “O que eu gosto mais em mim...”.

**Quiz** – Inicialmente os participantes dividiram-se em duas equipas, depois colocou-se uma bola a uma distância considerável. Foi-lhes posta uma questão, os dois elementos de cada equipa tinham que correr para a bola e o primeiro a agarrá-la respondia.

Questões colocadas:

Onde se podem comer os melhores pastéis de nata?

Onde se podem comer os melhores travesseiros?

Que revolução se comemora hoje?

Em que ano foi o 25 de Abril?

Qual a data do atentado às torres gémeas?

Como podemos resolver uma zanga?

Como se chama o presidente da república?

Como se chama o primeiro-ministro?

De que cor é o sol?

Como se chama a praia aqui em frente?

**Mímicas** – De acordo com o sorteio de várias palavras, em grupos de dois os participantes tiveram que fazer a mímica da palavra em questão, para que os restantes elementos da equipa pudessem adivinhar.

**Cantar** – Através do sorteio, o elemento da equipa em jogo teve de trautear a canção, de modo que a equipa pudesse descobrir a música trauteada.

## **Desporto**

Jogo da lagarta – Este jogo é conhecido por quase todas as crianças e jovens e consiste no seguinte: um dos elementos começa a apanhar os outros e à medida que são apanhados formam uma corrente que vai aumentando em forma de lagarta, até não restar mais nenhum elemento para apanhar.

Passa a bola – Este jogo em que a bola é passada de um elemento para o outro pretende valorizar a importância do jogo em equipa. A bola deve passar por todos para que possam pontuar. Neste jogo quando a bola cai no chão, ou é apanhada pela outra equipa, o jogo é retomado pela equipa adversária.

Jogo da colher – Tiveram de segurar com a mão uma colher, levando nela uma bola de *ping pong* até um determinado ponto sem que esta caísse ao chão.

Jogo - Descobrir a palavra – Nas imediações do parque infantil escondi papéis e cada um continha uma letra. O objetivo era encontrar esses papéis e tentar organizar as letras de modo a formar a palavra **vencedores**. Quis terminar estes jogos e atividades de forma positiva para todos, ou seja, procurei valorizar o sentido positivo da palavra e não dar tanta importância ao sentido de competição. Afinal todos saíram vencedores, porque todos tinham aprendido com estes jogos e atividades.

**Reflexão:** Para dinamizar esta atividade tive de me deslocar à Instituição “A Hera” a um sábado, que é quando estavam mais crianças e jovens na instituição. A princípio não queriam participar, “Não quero jogar”, “Que seca de jogo!”- diziam alguns. Ao fim de algum tempo consegui convencê-los porque lhes disse que havia uma surpresa no fim.

Iniciámos os jogos num grande alvoroço, falavam todos uns por cima dos outros e não nos entendíamos. Tentei por em prática várias estratégias, falar mais alto ou ficar em silêncio por algum tempo, mas não resultaram.

Entretanto, chegaram duas educadoras que se ofereceram para me ajudar. Começaram como observadoras e depois uma das educadoras disse-me: ”Tens que te impor, só assim é que te ouvem”. Aceitei a opinião, tentei projetar melhor a minha voz de forma a ouvirem-me e finalmente acalmaram. As educadoras propuseram também outros jogos que permitiram alargar e

variar a dinâmica dos mesmos. Sem nada planeado realizámos jogos conjuntamente, de forma colaborativa e divertida.

No último jogo, os jogadores tinham de encontrar vários papéis escondidos na área do parque infantil. Cada papel continha uma letra, que ordenando-as deve resultar na palavra “Vencedores”. Escolhi esta palavra para que crianças e jovens aprendessem, que não interessa ganhar ou perder, mas que o importante passa pela participação. Foram todos vencedores pelas novas aprendizagens adquiridas. Este jogo serviu para desmistificar a ideia de competição, muitas vezes levado demasiado a sério pelas crianças e jovens.

**Designação:** Jogo Saquinho de Feijão

**Data:** 10 de Maio

**Número de Participantes:** 6 participantes

**Idades:** 8 aos 11 anos

**Objetivos:**

- Fazer uso da criatividade;
- Desenvolver a autoestima;
- Desenvolver a autoconfiança;

**Descrição:** Este jogo foi dividido em duas fases, que contemplam a arte; criatividade e o desenvolvimento da autoestima e confiança.

A primeira fase da atividade fez-se da seguinte forma, desenharem de forma criativa o que significam estas categorias: família, relação com os irmãos, amizade, Casa dos Búzios e escola. Deste modo, o objetivo era serem criativos através da arte do desenho.

Já a segunda fase da atividade consistiu no lançamento de um saquinho para a cartolina. Consoante a categoria, os participantes diziam algo positivo ou alguma ação da qual se tenham sentido orgulhosos. Estas partilhas fortaleceram a autoestima e confiança das crianças, contrariando uma atitude frequente de autocrítica e negativismo.

**Reflexão:** A primeira fase da atividade foi bastante interessante, foram criativos e imaginativos nos desenhos, mostraram dedicação, empenho e participaram ativamente na tarefa. Considero

que o desenho foi uma boa estratégia para cativá-los, pois aderiram muito espontaneamente. Este é um aspeto a considerar futuramente visto que crianças e jovens gostam de desenhar. A primeira atividade dinamizada permitiu exercitar a arte e a criatividade como forma de expressão.

Por sua vez, a segunda parte da atividade realizada numa outra sessão da assembleia dos mais novos, também foi muito positiva pela partilha de ideias. Consoante a categoria sorteada, os participantes apresentavam um aspeto positivo ou ação da qual se tinham orgulhado e só depois refletíamos sobre os aspetos a melhorar.

Por exemplo, no tema desporto uma das crianças disse: "Ser bom a jogar futebol.". Na escola, "Ter boa nota num teste.", "Ser assíduo e pontual." e "Estar atento e ser participativo nas aulas." "Quanto aos aspetos a melhorar, atribuíram maior importância à família e relação com os irmãos, "Ajudar mais a minha Mãe em casa.". No relacionamento com os irmãos, mencionaram "Ajudar a minha irmã no que ela precisar."; sobre a Casa dos Búzios disseram: "Ajudar o outro" e "Cumprir com as minhas obrigações (arrumar o quarto, ter bom comportamento, participar em todas as atividades)." e "Ficar de bónus e ganhar a Caminhada.". (Anexo A, 17 de Maio, p. 167)

Gerou-se um momento de partilha, não havendo espaço para críticas ou desrespeito, houve sim aceitação e compreensão, aspetos importantes que fortaleceram ainda mais os laços existentes entre eles. Esta última atividade visou o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança das crianças.

## **8. Reflexões – Cruzando Teoria e Prática**

As reflexões estão organizadas em dois grandes subpontos, que considero terem sido fulcrais no desenvolvimento da minha intervenção ao longo do estágio: as crianças e jovens em risco e o conflito; e ainda os jogos lúdico-pedagógicos e a educação pela arte.

A convivência diária das crianças e jovens gera naturalmente situações de conflito que requerem intervenção imediata dos adultos, para que estes não tomem grandes proporções. Como mediadora de conflitos recorri muitas vezes aos jogos lúdico-pedagógicos que também me permitiram abordar e desenvolver outros temas de igual importância como a autoestima, a confiança, o *bullying*, a violência. Esta abordagem contribuiu para o desenvolvimento pessoal, social e equilíbrio emocional das crianças e jovens.

### **8.1. As Crianças e Jovens em Risco e o Conflito**

Este foi um tema que sempre me suscitou um grande interesse e por isso optei por um Lar de Infância e Juventude para local do meu estágio. À partida tinha noção das dificuldades, tratava-se de uma área complexa, isto porque confrontava os direitos reais das crianças com a realidade e a colaboração de entidades num processo extremamente moroso, complexo e doloroso. No entanto, aceitei o desafio porque me permitia adquirir uma maior experiência neste campo.

As leituras efetuadas e a análise detalhada de cada processo levaram-me a várias questões para as quais encontrei respostas: Por que razão existem crianças que têm de ser separadas da sua família? O que significa crescer numa instituição? Quem assegura a decisão de retirada da criança ou jovem dos familiares? Quem representa e defende estes menores? O que é um projeto de vida?

As crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude viviam em condições precárias de habitação, saúde, desemprego dos familiares, absentismo escolar, negligência e abuso. Nestas situações o tribunal de menores delibera a retirada dos menores às famílias para sua segurança. Assim refere Magalhães (2005):

“Como qualquer forma de mau tratamento físico e/ou emocional, não accidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações entre

crianças ou jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e/ou poder. Podem manifestar-se por comportamentos ativos (físicos, emocionais ou sexuais) ou passivos (omissão ou negligência nos cuidados e/ou afetos). Pela maneira reiterada como geralmente acontecem, privam o menor dos seus direitos e liberdades afetando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) e/ou dignidade.” (p. 33)

Existem aspetos positivos e negativos na institucionalização de menores em Lares de Infância e Juventude. Por um lado passam a ter uma vida mais estável e são-lhes garantidas as necessidades básicas para um bom desenvolvimento global, por outro a permanência dos menores num Lar de Infância e Juventude não leva à criação de vínculos nem existe uma figura de referência. Além disso o afastamento da criança do seu meio familiar constitui um processo de rutura com o seu contexto natural uma fase sempre complicada na vida da criança. De acordo com Morais e Jorge do Ó (2011, citado por Calheiros, Garrido & Santos, 2011) “muitas são as crianças que, em Portugal, crescem e se desenvolvem fora do contexto familiar, logo, fora do contexto ecológico natural do desenvolvimento humano” (p. 166).

Qualquer criança, independentemente do seu estado, tem direitos que devem ser escrupulosamente respeitados. Strecht (1998) enumera duas necessidades fundamentais das crianças em acolhimento institucional: (a) ao nível afetivo - necessidades de carinho, sensibilidade e afeto; (b) ao nível educacional - necessidade de estimulação e acompanhamento do adulto para as ajudar no sucesso escolar.

Na Casa dos Búzios realizam-se várias atividades como: idas ao cinema, à candeia, à aldeia natal, à Cinderela no gelo, a peças de teatro, etc. Outras atividades poderão surgir casualmente, a convite de entidades, para celebrar eventos. As crianças e jovens beneficiam de atividades lúdico-pedagógicas que contribuem para melhorar as suas aprendizagens.

Em seguida apresento duas situações de saída e a síntese das ideias que as crianças recolheram. A ida ao cinema ver a Bela e o Monstro suscitou as seguintes reflexões: a importância do interior das pessoas e a aparência, sendo a primeira mais importante que a beleza exterior. As outras ideias tinham a ver com racismo e preconceito, porque dois dos personagens formavam um casal de namorados diferentes na condição física e na cor. (Anexo A, 11 de Abril, p.160).

Outra situação foi quando fomos a uma visita de estudo ao Bairro da Torre e a partir de uma conversa informal com um dos jovens se fizeram partilhas e aprendizagens, discutiram-se os temas, refletiu-se e questionou-se conjuntamente. Iniciei a conversa referindo: “Uma das coisas

que me chamou mais à atenção foi a convivência e união das pessoas do bairro. Não viste na Rua do Congo? Estavam todos cá fora no convívio, a jogar à bola e a passear com os seus cães. Compreendi também que todos se conhecem uns aos outros, o que é fantástico”. O jovem ressaltou dois aspetos também eles importantes para esta reflexão partilhada e com a qual concordei: “Isso é muito bom, eles na sua comunidade dão-se muito bem, mas em sociedade eles não se dão. Além disso, existe muita violência entre grupos de bairros sociais diferentes”. Eu rematei: ”Bem visto, não tinha pensado nisso. Eu acho que eles não se dão tanto à sociedade porque se sentem discriminados. Acredito que ainda existe muito preconceito e exclusão em relação às pessoas dos bairros sociais”. (Anexo C, 10 de Abril, p. 173)

A Caminhada também tem como finalidade contribuir para que haja um ambiente de colaboração, reaproximando os menores uns dos outros. Eles estão organizados em equipas (por quartos), criam laços no desempenho de tarefas, ajudam-se mutuamente, aprendem e crescem juntos. As equipas da Caminhada são depois premiadas com saídas ao exterior como idas ao Cinema ou ao McDonald’s, o que fortalece ainda mais os vínculos afetivos e de amizade.

O estabelecimento de laços com os adultos, de modo particular com os de referência, também é fulcral no desenvolvimento afetivo e emocional da criança. No meu local de estágio, Casa dos Búzios, observei a felicidade das crianças e jovens quando estes iam para casa nos feriados, fins de semana ou nas férias.

Há também que refletir sobre os laços afetivos estabelecidos entre as crianças e os adultos da Casa dos Búzios. Um dia estava a conversar com uma das educadoras que partilhou comigo o seguinte comentário: “A felicidade das crianças mais pequenas a voltar ao Lar, a receção que nos fizeram assim que entraram por aquela porta!... Isto só comprova a importância da Casa dos Búzios para estes meninos, que ao fim ao cabo a consideram como o seu porto de abrigo”. Achei muito interessante este testemunho e também concordei porque todos os dias sentimos este agradecimento e carinho por parte das crianças e jovens. É gratificante sabermos que estamos a ajudá-los e a fazê-los sentirem-se bem. Um outro episódio, que frequentemente relembro com muito carinho, foi no dia em que as crianças e jovens chegaram à Casa dos Búzios, depois de alguns dias de férias, vieram todos a correr, a gritar pelo meu nome e deram-me um grande abraço, “Comigo vieram logo a correr, a gritar pelo meu nome, senti tanto carinho e afeto naquele momento e isso só demonstra o quanto somos realmente importantes

para estas crianças e jovens.” (Anexo A, 3 de Janeiro, p. 140). Senti que ‘grão a grão’ foi crescendo entre nós um verdadeiro afeto e carinho partilhados. Parafrazeando Costa (1993, citado por Zortéa, Kreutz & Johann), estas crianças procuram migalhas de amor e ternura.

É claro que a adaptação ao Lar é complicada porque a criança vê-se na presença de estranhos, novas regras, um novo espaço, novas pessoas e novas dinâmicas a acontecer. Até se sentir incluída, ou seja, parte integrante do grupo e bem no espaço em que habita, a criança vai sentir algumas dificuldades de adaptação, mas que normalmente mudam com o passar do tempo.

A equipa técnica e a equipa de educadores recebe-os de forma que se sintam integrados, ganhem confiança e autonomia e se sintam bem com os outros. O acolhimento institucional zela pelo cumprimento dos direitos da criança e jovem, segundo a Lei n.º 147/99:

“A medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamentos de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (art. 49º)

A instituição de acolhimento e todos os profissionais que nela trabalham têm o dever de proteger as crianças, quando os progenitores não são capazes de o fazer. São responsáveis pelo seu projeto de vida, por estipular os seus objetivos para o futuro, interesses e gostos, e a partir daí ajudar a tornar isso possível. Por exemplo, um dos jovens institucionalizados sempre gostou de dançar e desde os 4 anos que frequenta aulas de dança, hoje tem aulas no Conservatório de Dança, algo que o faz sentir-se realizado. Um dos sonhos deste jovem é ingressar no The Royal Ballet School, onde já teve oportunidade de fazer um programa de verão. Em algumas ocasiões conversei com ele e dizia-me: ”Gostava imenso de ir para a Royal Ballet School, quero ser um grande bailarino.”. Incentivei-o dizendo: ”Já o és. Não desistas, luta. Talento não te falta, acredito que vais ter um futuro brilhante.”. (Anexo A, 30 de Maio, 170)

Outra das jovens sempre gostou da área da representação e atualmente frequenta o Teatro Experimental de Cascais, uma conceituada escola de teatro para jovens. Através de algumas conversas percebi realmente o seu interesse pelo teatro “Este fim de semana tenho uma peça.” e eu disse-lhe: “Vai correr bem! Estás nervosa?” e ela, muito prontamente, disse confiante: “Não, eu sei as falas, estudei-as muito bem.”. Noutra altura ao jantar falámos do seu interesse pelo teatro: “Qualquer dia vou-te ver na televisão.”, “Não sei, eu preferia fazer teatro, gosto mais do que fazer representação para novelas”. (Anexo A, 30 de Maio, p. 170)

Há outros que se encontram a tirar cursos de tratador de animais, hotelaria e turismo, e restauração/bar. Apesar das crianças e jovens aparentarem algumas dificuldades, estas frequentam atividades de que gostam, sendo esta uma forma de os motivar para o futuro.

As entidades que asseguram a promoção destas crianças e a sua proteção são o tribunal de menores, a CPCJ, o assistente social e, claro, o Lar de Infância e Juventude, Casa dos Búzios. Todos eles defendem os seus direitos enquanto crianças: direito à saúde, à educação, às atividades de lazer e extracurriculares. Eles garantem o desenvolvimento e bem-estar das crianças que lhes foram postos em causa pelas famílias. Em alguns casos, as famílias não as levavam à escola apesar da educação ser um bem essencial à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança.

O desempenho de atividades técnicas permitiu-me conhecer cada uma das crianças e jovens e compreender a realidade das suas vidas e conceber estratégias ao nível do saber, saber fazer e saber estar, de modo a assegurar uma integração mais informada, bem como a elaboração do relatório de estágio.

Refiro, por exemplo, os casos de algumas crianças e jovens que faltavam frequentemente às aulas e por esse motivo estas situações foram expostas às entidades de promoção e proteção de crianças e jovens em risco. A E é uma jovem de 13 anos que faltava frequentemente às aulas. O caso foi exposto à Segurança Social e segundo a E a culpa é da professora: “A professora não gosta de mim, está sempre a implicar comigo e é por culpa dela que eu estou aqui”, e ainda acrescentou: “Foi ela que disse à Segurança Social que eu não ia à escola. Eu não ia, não era porque não queria, mas sim porque o meu avô não me podia levar a escola. Sabes o que é? A minha avó está doente e está acamada e o meu avô tem de cuidar dela”. (Anexo A, 4 de Maio, p. 164)

Segundo a Lei nº 51/2012 de 5 de Setembro é aprovado o Estatuto do Aluno e Ética Escolar: “A presente lei aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação”. (art. 1º)

Em famílias desestruturadas também foi notória a escassez de valores, muitas vezes patente nos comportamentos dos menores no lar. Nas observações realizadas no local, constatei a facilidade com que um conflito entre estas crianças e jovens desencadeia comportamentos de agressão e violência.

Num dos primeiros dias em que cheguei à Casa dos Búzios, deparei-me com o primeiro conflito. “D estava a ver televisão na sala de convívio. A criança E entrou a correr e dirigiu-se à televisão para mudar de canal. D defendeu-se dizendo: “cheguei primeiro, tenho prioridade e quero ver aqueles bonecos”. E protestou: “e eu quero ver um filme”, mas D impediu-a de mudar de canal e continuou a dizer: “Não vais mudar de canal. A B (coordenadora das atividades) disse que o combinado era uma hora para cada. Agora é a minha vez”. Eu disse: “tenham calma”. D respondeu-me muito prontamente: “Não, então imagina que querias ver uma coisa que gostasses muito se calhar também ficavas chateada”. E vai embora a resmungar “É sempre a mesma coisa, só me sabem falar mal”. Segundos depois ouvi bater a porta do quarto com muita força. Não interfeiri muito nesta situação porque não sabia muito bem como agir, não lhes podia tirar o objeto (televisão), porque assim estaria a fazer uso da arbitragem, algo que queria evitar que se tornasse a estratégia habitual. Além disso, como ainda não os conhecia muito bem, pareceu-me melhor não intervir. “Nesta situação de conflito, dado não os conhecer muito bem, não interfeiri, tendo deixado os ânimos se acalmarem. Tomei partido de observadora da situação.” (Anexo A, 8 de Outubro, p.126).

Depois de refletir e pesquisar um pouco mais sobre a temática da gestão de conflitos, decidi que, futuramente, em primeiro lugar deixaria as crianças e/ou jovens acalmarem-se e só depois se deve dialogar com elas para analisar o porquê deste comportamento e a forma de o resolverem.

A mediação de conflitos requer a presença de um terceiro elemento, o qual tem um papel preponderante na orientação para a eficaz resolução do conflito entre as partes envolvidas. Naturalmente, à medida que me fui adaptando ao contexto e conhecendo melhor as crianças, a minha atitude mudou, passando de mera observadora atenta, para uma mediadora ativa. Quando já estava familiarizada com as pessoas, principalmente com as crianças e jovens, passei a intervir com maior segurança, pois estava já dotada de um maior leque de estratégias que me permitiam atuar enquanto mediadora de modo a lidar com as diversificadas situações de conflito que iam emergindo no dia-a-dia da instituição.

Inicialmente, por falta de experiência, assumi-me como observadora em situações de conflito. Gradualmente fui marcando a minha presença e autoridade, procurando intervir de forma mais ativa. Deixei que os juízos de valor afetassem a minha mediação.

“Tentei falar com a E mas em vão porque começou logo a dizer que eu estava a defender B. Eu expliquei-lhe que não era verdade, uma vez que ambas tinham errado e “ali não havia lados”, estava apenas a tentar apurar os factos e a ajudá-las a perceberem o que tinha realmente acontecido.” (Anexo A, 5 de Dezembro, p. 137)

Depois deste episódio pude refletir melhor sobre as minhas ações e cheguei à conclusão de que teria de descobrir outras formas de intervenção. Muitas das tentativas de resolução foram em vão, no entanto penso que a nova abordagem foi bastante positiva, consistindo em ouvir ambas as versões, compreender as emoções e os sentimentos envolvidos neste processo de conflito/mediação, sugerir que ambos possam contribuir com ideias para chegar a um possível acordo.

No pátio do recreio, depois das refeições, crianças e jovens juntavam-se para brincar e jogar futebol, dançar, correr e saltar. Não havendo uma grande vigilância por parte dos educadores, eram frequentes os conflitos entre crianças e jovens.

À quarta-feira, dia em que normalmente jantava na Instituição “A Hera”, a minha presença nos recreios era constante. Ocupava o tempo a dinamizar jogos com as crianças e jovens: futebol, basquetebol, dança, jogo do macaquinho do chinês, à apanhada, às escondida e outros jogos que fortaleceram os laços afetivos, importantes para estimulá-los a realizarem outras atividades. E, simultaneamente, prevenindo que se envolvessem tanto em conflitos mais graves. Isto porque, sem a supervisão e pronta mediação de um adulto, as consequências ser graves por exemplo, o habitual recurso à agressividade, à violência verbal e/ou física entre crianças e jovens.

Outra situação de conflito: enquanto jogavam futebol, uma das crianças empurrou a outra, gerando um conflito. Começaram a insultar-se mutuamente, no entanto consegui apaziguar os ânimos. Refleti sobre o sucedido e considerei que apesar de ter tentado solucionar o conflito provavelmente deveria ter aprofundado um pouco mais o processo de mediação, perguntando a ambas as partes como é que se sentiam, o que fariam de diferente, uma vez que conflitos mal resolvidos podem dar origem a outros conflitos. No entanto, a minha intervenção ajudou a que a discussão não tomasse proporções maiores e findassem os insultos mútuos.

Nas imediações do pátio surgiu um outro conflito que começou com insultos e depois levou à agressão. Tive de agir rapidamente e com a ajuda da estagiária Inês e dos mais velhos separámos as duas jovens para que pudessem acalmar-se. Mais tarde falei com uma das jovens que me acusou de eu ter defendido a colega. Disse-lhe que isso não era verdade, tanto uma como

a outra tinham errado. Depois disto, a jovem acalmou-se, suponho que compreendeu a minha posição, pois não era minha intenção defender nenhuma. Queria apenas apurar os factos, mas possivelmente não coloquei as questões da melhor forma, o que suscitou uma má interpretação por parte da jovem. Tentei prosseguir com o diálogo, fazendo “o uso recorrente da escuta ativa para compreender o que tinha acontecido. Coloquei algumas questões, ‘Como te sentes?’, respondeu-me: ‘Com raiva, apetece-me bater-lhe’, considerei e questioneei-a ‘Achas que essa é a solução?’, não me respondeu. Achei oportuno colocar-lhe mais uma questão: ‘O que farias de diferente?’, muito prontamente respondeu: ‘Nada, fazia tudo igual’, não me alonguei mais pois sabia que provavelmente iria fazer juízos de valor com um comentário menos apropriado, por isso optei por não dizer mais nada.” (Anexo A, 5 de Dezembro, p.137). Na verdade, considero que deveria ter mediado o conflito com as envolvidas. Não sabendo muito bem como gerir tudo aquilo, optei por tentar acalmar a situação dizendo: “Já chega, acabou”. A estratégia da mediação não resultou e o conflito não resolvido deu origem a situações idênticas que aconteceram ao longo da noite. (Anexo A, 5 de Dezembro, p. 137).

M, a mais pequena do grupo, brincava com as restantes crianças e jovens às lutas. M e C começaram a brincar juntas. A, a criança recém-chegada à Casa dos Búzios, não percebeu que se tratava de uma brincadeira e apertou o pescoço à M que começou a chorar. B, irmã do A, agarrou-o para que este parasse, dizendo-lhe: ”Não se bate nas mais novas. Eu nem sei como é que somos irmãos a sério. Agora, de castigo vou telefonar à Mãe para ela não vir cá esta semana visitar-te”. A que já tinha chorado várias vezes porque tinha saudades da Mãe, chorou novamente, e agarrou-se à irmã, tentando bater-lhe. B conseguiu acalmá-lo. Este episódio comprova que A sabia que não se devia bater, no entanto reagiu de forma violenta. (Anexo A, 6 de Março, p. 152)

De seguida relato um episódio que não tive oportunidade de presenciar. É sobre um jovem que agrediu uma rapariga, porque esta tinha andado a falar mal dele na escola e a lançar boatos. Sei um pouco do que sucedeu porque estive com cada um deles, ouvi, e tentei compreender, mas não teçi comentários. A jovem recusou a acusação que lhe tinham feito mas o jovem culpou-a por ter dito várias coisas a seu respeito. A origem deste conflito esteve no conceito de princípios para cada um deles. Por um lado sabemos que não se deve violentar o outro de forma psicológica ou social, para o envergonhar, se realmente a jovem lançou boatos e fez troça do outro. Por outro, a forma de resolução do conflito imposto pelo jovem não foi a melhor, uma vez que a agrediu fisicamente e este comportamento também foi grave. Esta

situação remete para a atualidade, pois a violência contra as mulheres é cada vez mais frequente. O caso apresentado leva-nos a pensar em indícios de antecedentes familiares, uma vez que a história de vida deste jovem foi marcada pela violência doméstica. Ou seja, estamos perante um caso em que a história se repete e, se não for trabalhado atempadamente, estes dois irmãos terão os mesmos comportamentos que o pai. O irmão do jovem também já demonstrou ter comportamentos agressivos e violentos para com as mulheres, em episódios ocorridos no lar. Quanto a este tema, já não é a primeira vez que assisto a situações idênticas na Casa dos Búzios. (Anexo A, 12 de Janeiro, p. 141)

A análise da situação anteriormente relatada levou-me a constatar que numa família desestruturada os filhos sofrem com os desequilíbrios constantes e a violência recai sobre todos os membros do agregado familiar. Há um ciclo vicioso transgeracional em que os comportamentos agressivos e maltratantes dos pais se refletem nos filhos quando adultos, porque os comportamentos tendem a reproduzir-se.

“Apesar de tudo, nestas famílias os elos mais viáveis para quebrar o ciclo de patologia transgeracional continuam a ser as crianças. Os seus Pais maltratantes, habitualmente também maltratados na infância, organizaram-se patologicamente devido às suas falhas precoces, e uma abordagem terapêutica é uma missão teoricamente viável, mas muitas vezes traduzidas na prática pelas suas dificuldades em aceitar o seu próprio mal-estar, sistematicamente denegado ou agido contra o meio exterior ou contra os seus filhos.” (Strech, 1997, p.83)

De acordo com as situações observadas e analisadas nesta reflexão, considero que alguns conflitos estiveram relacionados com a posse de um objeto, mas também se presenciaram conflitos relacionados com os valores e princípios morais.

Segundo Sobral (2014), baseando-se em Shantz e outros autores, algumas das situações geradoras de conflito podem ser:

- Posse de objetos: retirar objeto a outra criança;
- Violação de regras convencionais ou morais, não cumprimento de regras definidas pelo grupo e/ou de justiça (o bem vs o mal; o certo vs o errado);

O espírito de competição esteve sempre muito presente nas situações de conflito, como testemunhei. A competição é (eu ganho/tu perdes) e reflete a tentativa de satisfazer unicamente os interesses do próprio sem considerar os interesses da outra parte. É uma tentativa de alcançar os objetivos, sacrificando os do adversário (Sobral, 2014).

O conflito foi um tema que sempre me suscitou um grande interesse, no entanto a minha inexperiência na resolução de conflitos dificultou a minha atuação como mediadora, ainda que dotada de conhecimento teórico sobre a temática e de coragem para iniciar uma abordagem mediadora face às ocorrências de conflito interpessoal. Daí, a utilidade da minha reflexão quanto a este assunto tão importante nos dias que correm. Questiono-me sobre os seguintes aspetos: O que é o conflito? Quais as vantagens do conflito? O conflito é um fenómeno positivo ou negativo para os envolvidos? Qual a importância do terceiro elemento na resolução do conflito? Qual a diferença entre mediação e arbitragem?

As situações conflituosas são desafios que comprometem as relações humanas e surgem quando duas ou mais pessoas entram em desarmonia. O conflito resulta da “interação de pessoas interdependentes que proporcionam a existência de objetivos, desejos e valores opostos e desideratos.” (Putnam & Poole 1987, p. 552). Pode ser considerado positivo ou negativo, dependendo muito das pessoas envolvidas e da situação; em si próprio não é positivo nem negativo e as consequências construtivas ou destrutivas daquele dependem da forma como é gerido (Thomas, 1983, citado por Sobral, 2014, p. 39). O conflito deve ser reconhecido pela sua utilidade e consciencialização dos problemas; visto como algo positivo e não destrutivo, existente em qualquer relação humana; promove a cooperação, colaboração e conciliação (dá-se o fortalecimento da relação); potencializa a mudança e a criatividade.

As estratégias de resolução de conflito são as seguintes: negociação, conciliação, mediação, arbitragem e julgamento (**Quadro 2:** Estratégias de Resolução de Conflito, p.32).

Nas situações de conflito, eu tentei usar a mediação como estratégia de resolução, no entanto observou-se que devido à complexidade dos fenómenos ocorridos foi difícil a prática da mediação. Dito isto, considero importante realçar outras estratégias utilizadas.

Inicialmente recorri à arbitragem em que o terceiro elemento, o árbitro, determina a decisão final. Nas situações em que estive presente normalmente optei por lhes retirar o objeto e assim nenhum podia usufruir dele.

No que diz respeito ao julgamento, um ganha e um perde, o juiz determina a decisão final. Permiti que os juízos de valor interferissem na minha opinião e decisão. Não fui imparcial e usei de forma excessiva o julgamento: “Não devias ter feito isso”, “Tanto uma como outra estiveram erradas”, “O uso da violência não deve ser tido como argumento”.

Como já destaquei anteriormente, a minha fase de adaptação à realidade foi lenta e progressiva. Ponderei sobre o meu papel de mediadora nos conflitos e concluí que não atuei da

melhor forma, porque comecei por tomar decisões erradas na tentativa de solucionar os conflitos, e atribuo essa falha à minha inexperiência. No entanto, para colmatar essas dificuldades investi em leituras no campo da mediação para aprofundar os meus conhecimentos e aumentar o meu interesse por esta matéria, a fim de melhorar a minha atuação no meu local de estágio.

Por último, saliento a importância da mediação que é a estratégia mais adequada para resolver conflitos, “Em situações conflituosas, a mediação é um dos processos possíveis para a resolução do conflito.” (Vasconcelos-Sousa, 2002, p. 20). Através da mediação, ambas as partes ficam a ganhar e este processo permite que os envolvidos procurem a compreensão mútua e colaborem para alcançar um acordo satisfatório para ambos. O papel do mediador é controlar o processo e ajudar as partes a identificar e satisfazer os seus interesses.

A mediação é:

“(…) um procedimento consensual de solução de conflitos por meio do qual uma terceira pessoa impessoal – escolhida ou aceite pelas partes – age no sentido de encorajar e responsabilizar pela decisão que melhor a satisfaça. A mediação representa um mecanismo de solução de conflitos utilizado pelas próprias partes que, motivadas pelo diálogo, encontram uma alternativa ponderada, eficaz e satisfatória”. (Sales, 2007, citado por Bordoni & Tonet, 2016, p. 886)

Mas também concordo que através da falta de aceitação por parte das crianças e jovens em ouvir o outro, a teimosia demonstrada atenua os efeitos da mediação, pelo que torna-se mais fácil para o negociador o uso da arbitragem. Johnson & Johnson (1995) defendem a sua utilização em último recurso, como ocasiões nas quais os disputantes são hostis ou têm interesses tão opostos sendo incapazes de chegar a um consenso.

Através da mediação, os indivíduos aprendem a gerir conflitos e desenvolvem-se enquanto seres. Adquirem novas capacidades para comunicar, expressar sentimentos e a serem criativos na resolução do conflito. Toda a mediação deve constituir-se como um processo de gestão. Segundo Bacellar (2003, citado por Bordoni & Tonet, 2016), a mediação “(…) destina-se a aproximar pessoas interessadas na resolução de um conflito e induzi-las a encontrar, por meio de uma conversa, soluções criativas, com ganhos mútuos e que preservem o relacionamento entre elas.” (p. 885)

As assembleias dos mais novos realizam-se semanalmente e remetem para situações do dia-a-dia, ou seja, o que correu mal e bem durante a semana, os comportamentos a melhorar.

Além disso pretendem ser um espaço de partilha e reflexão sobre temas da atualidade como a violência, o *bullying*, o furto e a fome em muitos pontos do Planeta. Visto de outro prisma, estas reuniões visam a liberdade de expressão, a partilha de sentimentos e opiniões, num espaço dedicado ao debate de situações de conflito em que as crianças tiveram o importante papel de mediadores, sendo que a participação foi muito importante.

Shier (2001, p. 110) define cinco níveis de participação: saber ouvir a criança, saber dar apoio à expressão dos seus pontos de vista, considerar a sua opinião nas decisões, envolvê-la diretamente no processo e partilhar do poder e responsabilidade para a tomada de decisão.

As assembleias dos mais novos diferenciaram-se das dos jovens dado que as crianças demonstraram sempre interesse, testando a sua curiosidade, colocando questões ou dando opiniões, sendo pertinentes e assertivas. Já os jovens não foram tão participativos, apresentaram dificuldades em expressar as suas opiniões, por falta de confiança, timidez, baixa autoestima, ou até por terem vivenciado experiências em que as suas opiniões não foram valorizadas.

Nas sessões de mediação de conflito das assembleias dos mais novos, as crianças através de uma escuta ativa foram capazes de ouvir a opinião do outro. Quando não havia concordância de opiniões, eram incentivadas a intervir com tolerância, sem faltar ao respeito ao próximo.

Além disso, foram realizadas atividades e jogos facilitadores com vista a promover a partilha de opiniões. Shier (2001) considera fundamental o uso apropriado de técnicas para motivar e incentivar a criança a expressar a sua opinião, tais como métodos visuais criativos, jogos e atividades artísticas. Este tipo de dinâmicas facilita o meio de comunicação e a participação da criança. Deste modo, as assembleias eram orientadas de modo a valorizar a opinião de todos, promovendo a sua participação ativa e atribuindo-lhes poder e responsabilidade na tomada de decisão.

As crianças têm vindo a manifestar melhorias nos seus comportamentos e atitudes, na sua postura nas reuniões e mesmo no dia-a-dia, evidenciando mais autonomia na qualidade de mediadores na resolução dos seus conflitos. Estão mais calmas, atentas e dispostas a participar nas assembleias e atividades. Quando eu cheguei à instituição as crianças eram muito explosivas e conflituosas, recorrendo frequentemente à violência como solução viável. Progressivamente fui constatando uma maior ponderação nos conflitos e na sua resolução. Hoje em dia tentam usar a palavra como forma de argumentação.

O recurso ao diálogo permite encontrar soluções criativas, sendo este a base fundamental para o fortalecimento das relações humanas. Segundo Jares (2002, citado por Sobral & Caetano, 2008), o conflito é algo “natural e consubstancial à vida”. (p.1)

## **8.2. Os Jogos Lúdico-Pedagógicos e a Educação pela Arte**

O Lar de Infância e Juventude, Casa dos Búzios dinamiza regularmente atividades pedagógicas para a educação e formação das crianças e jovens. A Casa dos Búzios organiza atividades de fim de semana como idas ao cinema, à <sup>11</sup>Candeia, ao teatro como a Cinderela no gelo e ao museu da Música, entre outros. O investimento nestas atividades é fundamental porque estas constituem momentos de lazer e de formação. Estas atividades conciliam o fator lúdico com o educativo de modo que muitas das crianças e jovens não se apercebem que a jogar e a brincar também estão a aprender. As ocupações são bastante diversificadas, experiências benéficas para o convívio do grupo e fundamentais no desenvolvimento pessoal, social e estabilidade emocional, “no qual o grupo se constitui como o lugar desafiador ideal para o desenvolvimento social, intelectual e moral das crianças.” (Folque, 1999, p.6).

Todos os dias deparo-me com novas aprendizagens e apesar de serem crianças e jovens com algumas dificuldades, tal não invalida que estes possam vir a ter um futuro brilhante. São inteligentes e têm boas capacidades, são divertidos, amigáveis e predispostos a algumas carências emocionais que devem ser trabalhadas diariamente. Daí, a importância de trabalhar o *self* e as dinâmicas de grupo. Inicialmente não foi fácil trabalhar com crianças e jovens em risco, não havendo ainda confiança e empatia, estes impunham “barreiras” e “sabotavam” as dinâmicas, para se protegerem resistiam às propostas de atividades.

Primeiro, recorreu-se à escrita criativa, ao desenho e à banda desenhada para as crianças construírem histórias individuais e/ou coletivas, mas não resultou, deram-me sempre respostas negativas como “não me apetece”, “não sei” ou “estou muito cansado/a”, o que me frustrava imenso, uma vez que não conseguia motivar os jovens.

Passei depois à realização de atividades com base em jogos relacionados com os sentimentos mas também foram evidentes os fatores desmotivação e recusa em participar, por isso tive que optar por outro tipo de atividades.

---

<sup>11</sup> Candeia – Associação que dinamiza atividades para crianças carenciadas.

O círculo de cultura relacionado com a visualização de filmes que abordassem temas importantes (violências, regras de convivência e tivesse um teor educativo com qual pudéssemos debater no final) também não foi do agrado das crianças e jovens.

Houve um grande envolvimento na maioria das dinâmicas quotidianas da instituição, o que facilitou a interação com as crianças e jovens, fundamental para a criação de laços afetivos. Algumas dinâmicas foram realizadas de uma forma improvisada, indo de encontro às necessidades do momento e à vontade das crianças e jovens, como foi o caso das atividades e jogos realizados nas assembleias, as expressões artísticas e as artes culinárias.

A participação das crianças nas assembleias foi muito importante na dinâmica das atividades e jogos desenvolvidos. Souberam expor os seus pontos de vista e envolveram-se diretamente nos processos de tomada de decisão. Segundo Peixoto (2008), uma educação em participação tem como finalidade proporcionar oportunidades de exploração e descoberta do mundo e promover uma atitude crítica nas crianças. Estas procuram respostas e significados para as diferentes situações com que se deparam através da observação, do levantamento de questões, da formulação de hipóteses, da experimentação e da reflexão. Como exemplo, no aniversário da Casa dos Búzios, as crianças tiveram um importante papel na decisão e escolha das comidas e das atividades a serem desenvolvidas, tendo optado por escolher os jogos tradicionais, “As crianças e jovens da Casa dos Búzios partilharam ideias sobre o que poderia fazer-se neste dia e escolheram os jogos tradicionais.” (Anexo A, 19 de Dezembro, p.139)

O *peddy-paper* exigiu uma planificação prévia, ou seja, foi necessário fazer um levantamento junto das crianças e jovens sobre ideias de atividades ou jogos que estas gostassem de realizar, “A tarde passada na Casa dos Búzios foi tranquila, comecei por perguntar a algumas crianças e jovens sobre o que gostam de fazer ou quais as atividades ou jogos que gostavam de fazer. Aqui ficam algumas ideias: Caça aos ovos, Caça ao bicho, Futebol, Música (afro, kizomba), Cantar, Breakdance (‘breakdance é fixe’), Cozinhar para depois comer (pizas, bolos), Jogos de computador, Jogos de *playstation*, Desenhos.”. (Anexo A, 14 de Janeiro, p. 143). A minha receptividade às ideias das crianças e jovens, potenciada pela escuta ativa permitiu uma colaboração direta com os mesmos, facilitando o processo de planificação das atividades, a inclusão de todos e a participação ativa e o interesse nas várias dinâmicas de grupo.

Dito isto, é importante mencionar que nestas dinâmicas tentámos sempre introduzir a noção de educação, cidadania, valores morais e participação. Estes jogos e atividades contribuíram para uma maior interação entre as crianças, criaram vínculos, desenvolveram o seu

espírito criativo, aprenderam a conhecer-se melhor, a respeitar o outro e as suas diferenças, “(...) no respeito mutuamente cultivado, a partir da afirmação das diferenças individuais reconhecendo-se muito embora, o outro, como semelhante.” (Niza, 1998, p.8). Além disso, nas assembleias as crianças tiveram oportunidade de partilhar as suas ideias, opiniões, sentimentos e emoções, ou seja, um espaço em que as crianças aprenderam a ter uma participação ativa, a ser mais tolerantes, comunicativas e a ter uma escuta ativa. Num debate de ideias, “Esta instrumentalidade da partilha de saberes acrescenta sentido social à comunicação e à cooperação que sustentam a democracia.” (Ibidem, 1998, p.8).

Assim sendo, considero que as crianças e jovens tiveram um papel fundamental na participação das atividades lúdico-pedagógicas desenvolvidas.

Esporadicamente, dinamizaram-se algumas atividades artísticas ligadas à Educação pela Arte e jogos lúdico-pedagógicos, benéficos para o desenvolvimento pessoal, emocional e social destas crianças, “procura-se que a educação incida sobre as dimensões pessoal e social dos indivíduos” (González, 2003, p. 87).

De seguida abordo o tema da arte como forma de aprendizagem e desenvolvimento das crianças a vários níveis. As questões que me suscitaram algumas inquietações foram: O que é a arte? Como é que as atividades lúdicas e artísticas planeadas podem influenciar o desenvolvimento pessoal e social? A partir destas questões pretendo refletir sobre o conceito de arte, a educação pela arte e a criatividade.

A arte é a expressão dos sentidos e desperta sensações desencadeadas por diferentes perceções da realidade. A arte é a linguagem universal que combina várias formas de expressão como a pintura, a música, o teatro, a dança, o desenho, a escrita, o cinema e outros.

A vertente artística permite dar forma a emoções e ideias, ajuda a compreender o Mundo e estabelece contacto com múltiplas culturas e povos. Para Leontiev (2000),

“a Arte, quando orientada para uma atividade de socialização, fornece informação sobre o mundo, sobre os valores culturais e normas, sobre padrões de comportamento e modelos de identidade pessoal. Quando direcionada para o desenvolvimento pessoal, pode promover a (re)construção de significados e novos modos de perspetivar a realidade”. (p.143)

Considero que a arte tem um importante papel no desenvolvimento harmonioso do ser humano, uma vez que exercita a sensibilidade e eleva o espírito para o “mundo” das emoções e

sentimentos. Por isso, deve ser incentivada e exercitada nas crianças. Segundo Santos (1989, p.31), “a educação pela Arte atende, sobretudo, à formação da personalidade”.

A fusão entre educação e arte é fundamental para o ensino nas escolas. Segundo Read (1943, p. 13), “a Arte deve ser a base de toda a Educação”. O ensino escolar é direcionado na maior parte dos casos para a reprodução do conhecimento e conteúdos programáticos. Sobre este facto, concluo que as escolas estão a contribuir para o desenvolvimento intelectual. Mas onde fica a importância do desenvolvimento humano? A arte estimula a criatividade, ferramenta que procede à capacidade de reação em resposta aos múltiplos acontecimentos ocorridos na sociedade atual. Só se obtém a mudança mediante o uso da criatividade.

O conceito Educação pela Arte, segundo a perspectiva de Sousa (2003) pretende “(...) educar o sensível, tendo em vista a estimulação e enriquecimento do racional, numa interação benéfica entre o pensar, o sentir e o agir, dirigindo-se com especial interesse para os problemas que afetam a criança adolescente” (p.82).

A expressão artística revelou-se uma das atividades mais frequentes, sendo a realização de desenhos e pinturas uma prática diária. Nestes momentos de improvisação, o reforço positivo esteve sempre muito presente, com vista ao incentivo das crianças e jovens para a continuação da realização das atividades a que se propuseram, “A educadora aproveitou o momento para fazer reforço positivo, a fim de que as crianças ficassem ainda mais motivadas. Este reforço positivo foi importante para eles uma vez que melhorou a sua autoestima.” e ainda, “(...) em conversa com a educadora, esta mencionou a importância do reforço positivo para estas crianças.” (Anexo A, 19 de Outubro, p.128).

A arte expressa através das atividades desenvolvidas exercitou a criatividade e imaginação das crianças e jovens, nomeadamente a criação de máscaras de carnaval, a invenção de histórias a partir de imagens e fotografias e o teatro de improviso. (Anexo A, 9 de Março, p. 152)

As máscaras de carnaval suscitaram nos participantes um grande entusiasmo, “Ficaram todos entusiasmados e a maior parte deles quis participar.” (Anexo A, 18 de Fevereiro, p. 150). Nesta atividade, as crianças e jovens, demonstraram sempre um grande interesse e desenvolveram várias capacidades sociais: cooperação, colaboração, interajuda, boa comunicação. Naturalmente incentivou-se e valorizou-se o espírito criativo “Os restantes 9 participantes Os restantes 9 participantes “deitaram mãos à obra”, fizeram máscaras muito giras, escolheram os adereços, mostraram ser autónomos nas suas escolhas, demonstraram o seu lado mais criativo e, em caso

de dificuldades assumidas, os restantes jovens ajudaram os mais pequenos, num espírito de entreatajuda.” (Anexo A, 18 de Fevereiro, p. 150)

A invenção de histórias a partir de imagens e fotografia foi outra das atividades desenvolvidas. Esta atividade permitiu o uso da criatividade e imaginação. Foi curioso o facto de que todos os participantes escolheram as duas fotografias com crianças e jovens da Casa dos Búzios. Através destas duas escolhas percebeu-se a importância das relações humanas e os vínculos estabelecidos numa demonstração de afeto, cumplicidade e amizade. (Anexo A, 13 de Maio, p. 165)

O teatro de improviso surgiu espontaneamente e foi bem aceite por todos, havendo uma grande adesão por parte das crianças. Foi um momento de partilha de ideias muito divertido em que a arte de representar deu lugar à imaginação, “Era uma vez uma Raposa vermelha, que dormia no seu belo tronco. O sol nasceu cedo e com todo aquele raiar a bater-lhe na cara, a raposa vermelha acorda. (espreguiça-se, de seguida sorri e roda, roda até tombar no meio do chão e divertida dá uma valente gargalhada).” Segundo a história, a Raposa vê ao longe uma menina e aproximando-se pergunta-lhe: “Quem és tu?”, ao que esta responde: “Sou a Elsa, a patinadora do gelo. Gosto muito de dançar. (rodopia e rodopia sem parar).”. As crianças apresentaram uma lição de moral e ainda incluíram uma situação de conflito para completar o enredo da história. Além disso também permitiu a abordagem de temas como o furto de bens, “O ladrão aproveitando-se da confusão, rouba a carteira ao individuo. Este repara que lhe tinham roubado a carteira e corre atrás dele, na tentativa de a recuperar. A raposa vermelha, astuta e inteligente como é, observa todo aquele aparato e perante tamanha maldade humana intromete-se para ajudar o pobre homem.”; a violência física e psicológica, “Apanhem esse bandido, ladrão, ladrão... (o individuo consegue apanhar o ladrão e começa-lhe a bater). Isso é meu, devolve.”; e a agressão de mulheres, “o individuo que num momento de impulsividade empurra Elsa e esta cai desamparada no chão, sem sentidos”. (Anexo A, 9 de Março, p. 152)

A arte através das suas vertentes lúdicas e educativa fomenta o desenvolvimento da criatividade e do indivíduo como um todo, ferramenta que lhes será muito útil no futuro. A criatividade não é praticada somente através da arte, também pode ser diariamente utilizada na resolução de conflito nas relações interpessoais. É importante destacar a criatividade, um bem comum que deve ser exercitado nas instituições sociais, algo que deve ser estimulado nas crianças para que estas estejam aptas para dar respostas criativas e atuar socialmente de forma positiva.

## Conclusão

A modalidade estágio foi a minha primeira opção porque considerei ser uma oportunidade de grande aprendizagem.

O meu estágio foi muito vantajoso porque estando em contato com vários profissionais e sendo o público-alvo, crianças e jovens, com quem trabalhei foi um período de grande enriquecimento pessoal e profissional.

Neste estágio curricular destaco a aquisição de experiências e competências profissionais, a criação de uma rede de contatos e o enriquecimento do meu Curriculum Vitae.

Neste relatório gostaria de focar as várias temáticas trabalhadas:

- as crianças e jovens em risco; os direitos das crianças e entidades de promoção e proteção de crianças e jovens.

A escolha destas temáticas derivou do seu importante enquadramento no local de estágio: Casa dos Búzios, na Instituição “A Hera”.

Depois de realizada a análise SWOT e a averiguação das necessidades, percebeu-se qual o ponto essencial a ser trabalhado a nível das competências e relacionamento humano entre crianças e jovens.

Pautei o meu estágio por uma intervenção educativa, ou seja, através da dinamização de atividades que pudessem trabalhar as várias vertentes do desenvolvimento pessoal e social, incluindo a confiança, a autoestima e a resolução de conflitos.

O trabalho desempenhado também passou pela realização de tarefas mais técnicas e burocráticas, que exigiam um envolvimento a nível da educação, saúde, atividades de tempos livres, entre muitos outros. A organização e atualização dos processos individuais e de saúde das crianças e jovens; os contatos regulares com as escolas; a partilha de histórias de vida fizeram parte do meu quotidiano de estágio. Estas tarefas permitiram uma maior envolvência com jovens e crianças permitindo um conhecimento mais detalhado de cada um.

Para além disso, deu-se continuidade aos projetos já existentes, como é o caso da sala de estudo e as assembleias dos mais novos. Estes aspetos foram diariamente trabalhados através de um reforço positivo, muitas vezes utilizado.

Constatee, *in loco*, a facilidade com que crianças e jovens desistem do trabalho ou estudo

porque sentem dificuldades, desencadeando posteriormente sentimentos de frustração, raiva e zanga, sinais caraterísticos pontuados por uma baixa autoestima, pouca confiança e desvalorização deles mesmos.

As assembleias dos mais novos também foram importantes para o desenvolvimento das competências mencionadas anteriormente, através da dinamização de diversas atividades pedagógicas.

A participação ativa da criança é fundamental para o desenvolvimento pessoal, emocional e social, através da interação com o seu meio e com os outros. As dinâmicas realizadas ajudaram nesse sentido, promovendo a comunicação, a escuta ativa, a inclusão e o respeito pelas diferenças. Estes momentos permitiram não só, um espaço de partilha livre de opiniões, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção de uma identidade própria.

Foi possível colocar em prática iniciativas que promoviam o desenvolvimento da criatividade, através do recurso frequente da arte: dança, pintura, canto, mímica, entre outras.

Em conclusão, estas assembleias revelaram um papel preponderante na inserção de crianças e jovens em grupo na comunidade, verificando-se um resultado muito positivo no seu desenvolvimento e aprendizagem.

Houve progressos nas relações entre crianças e jovens, atendendo que inicialmente se verificavam casos de conflito, por vezes com recurso à violência. Atualmente, as crianças e jovens tentam resolver os conflitos através do diálogo, sem agressão verbal ou física.

Ao nível dos conflitos que se verificavam inicialmente não intervinha nas situações, passando lentamente a fazer juízos de valor, mas de uma forma involuntária e irrefletida.

Só após a constatação de vários factos é que pude refletir sobre o sucedido e concluir que não tinha sido a melhor abordagem. Com treino fui adquirindo melhores estratégias para saber lidar e gerir os conflitos, dando como exemplo o questionamento dos envolvidos e o motivo de terem reagido de forma menos positiva.

No percurso deste estágio tantos foram os sucessos como as dificuldades sentidas. Os sucessos alcançados resumem-se ao simples facto, mas que para mim foi muito importante, de conseguir, “tocar-lhes o coração”. Inicialmente senti muita resistência e desconfiança, o que se tornou numa das principais dificuldades.

No entanto as situações e a evolução no meu percurso de estágio fizeram com que as relações tomassem o seu rumo e hoje sinto uma felicidade enorme por termos criado laços, de rirmos, de ouvir histórias da vida deles, de brincarmos, sorrirmos, de chegarmos ao final do dia e

nos sentirmos todos felizes. Apesar de todos os dias terem sido intensos, nada supera as vivências, as experiências, os conhecimentos e as aprendizagens adquiridas, o misto de emoções e sentimentos, que brotaram em mim e que me foram acompanhando nesta longa jornada. No final de cada dia senti o apreço e o carinho por eles demonstrados, através de desenhos ou de um simples abraço, que no meu entender bastava para compreender a mensagem transmitida, “Obrigado”.

Foram nove meses enriquecedores no sentido em que pude aprender com os técnicos e educadores mas, mais importante que isso, foi aprender com as crianças e jovens, que tinham também elas muitas experiências de vida para partilhar.

Considero tratar-se de uma aprendizagem mútua em que eu pude pôr em prática todos os meus conhecimentos teóricos, em prol de todos aqueles com quem tive o privilégio de contactar. O facto de ser uma equipa multifacetada e multidisciplinar torna o funcionamento desta instituição um organismo enriquecedor das pessoas que nele habitam.

A instituição onde realizei o meu estágio disponibilizou-me novas aprendizagens, conceitos, formas de agir que pude aplicar ao nível dos profissionais que lá trabalham, ao jovens e às crianças.

As crianças e jovens apesar de apresentarem algumas dificuldades vão sempre superando-as, o que destaco como bom. Conheci jovens audazes e sonhadores que demonstram ter grande capacidade de resiliência e de adaptação a situações difíceis.

Para mim conhecê-los e ajudá-los, revelou-se uma experiência de vida que gostaria de continuar no meu futuro profissional.

Com estas crianças e jovens aprendi o que é a humildade, a simplicidade de vida, a alegria e a felicidade que um simples abraço pode transmitir. Por vezes, os gestos valem mais que mil palavras...

O meu agradecimento às pessoas com quem tive o privilégio de colaborar, em especial, a cada criança e jovem, que me acolheu de forma tão calorosa, a quem dediquei cada minuto do meu estágio. Todas as experiências e conhecimentos adquiridos são ferramentas que levarei para o meu futuro profissional e que não esquecerei certamente, num mundo cheio de imprevisibilidades futuras, que estou agora mais preparada para as enfrentar.

## Referências bibliográficas

- Alberto, I. M. M. (2010). *Maltrato e Trauma na Infância* (2.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Almedina.
- Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada: Percursos de Jovens em Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: ISCSP.
- Anaut, M. (2005). *Resiliência – Ultrapassar os Traumatismos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Benavente, A., Carvalho, A. (1995). Conflitos na Escola: Textos e Contextos. Diálogos sobre o Vivido. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 3. Porto: Edições Afrontamento.
- Bernardo, A. R. A. G. (2015). *Intervenção Comunitária numa Associação – Os Desafios da Educação Não Formal*. Lisboa: Instituto de Educação.
- Bernoux, P. (1985). *La Sociologie des Organisations*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bordoni J. A. & Tonet L. (2016). *A Mediação como Instrumento de Solução de Conflitos Familiares*, nº 3, 879-901.
- Brandão, C. R. (2009). *Vocação de Criar: Anotações sobre a Cultura e as Culturas Populares*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v.39, nº 138, p. 715-746.
- Cabral, A. (2001). *O Jogo no Ensino*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Caetano, A. P. (2007). *Complexidade e Mediação Socioeducativa nas Assembleias de Turma*. Diálogo Educativo, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 67-80.
- Caetano, A. P. (2007). Mediação de Conflitos - O Estudo de um Caso de Assembleias de Turma, pela Investigação-Ação. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. p.101-118.
- Canton, K. (2009). *Do moderno ao Contemporâneo*. Coleção Temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes.
- Canuto, L. L. (2009). *Educação para a Cidadania*. Praia. Instituto Pedagógico.
- Carvalho, M. J. L. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costanzo, P. R. & Shaw, M. E. (1966). *Conformity as a Function of Age Level*. Child Development, v. 37, p. 967-75.
- Coli, J. (1998). *O que é Arte?* 15. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Creche F. (2004). *Projeto Político Pedagógico*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Cró, M. L. & Pinho, A. M. (2011). A Primeira Infância e a Avaliação do Desenvolvimento Pessoal e Social. *Revista Ibero-americana de Educação*. Disponível em: [rieoei.org/deloslectores/3771Cro.pdf](http://rieoei.org/deloslectores/3771Cro.pdf).

Damásio, A. R. (1994). *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York: Putnam.

Damásio, A. R. (1998). *Emotion in the Perspective of an Integrated Nervous System*. *Brain Research Reviews*, 26, 83-86.

Esteves, L. F. (2007). O Movimento da Escola Moderna – Um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar. *Revista Lusófona de Educação*, 9.

González P. F. (2003). *O Movimento da Escola Moderna – Um percurso Cooperativo na Construção da Profissão Docente e no Desenvolvimento da Pedagogia Escolar*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora, 239.

Fernandes, N. (2005). *Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida: Representações, Práticas e Poderes*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.

Fleith, D. S. & Alencar, E. M. L. S. (2005). *Escala sobre o Clima para Criatividade em Sala de Aula*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 21 n. 1, pp. 085-091.

Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5, 5-12.

Fundação Calouste Gulbenkian. (1992). *Educação pela Arte, Pensar o Futuro*. Lisboa: ACARTE.

Goleman, D. (2000). *Trabalhar com Inteligência Emocional*. (3ª ed.). Lisboa: Temas e Debates.

Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragida: Texto Editores.

Gumieri, F. A. & Treviso, V. C. (2016). *A Importância do Lúdico para o Desenvolvimento da Criança: o Brincar como Ferramenta de Aprendizagem na Educação Infantil*. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 3 (1): 66-80. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/25042016154500.pdf>.

Hameline, D. (1973). *La créativité: Fortune d'un concept ou concept de fortune?*. *Orientations*, 47, 3-23.

Hart, RA. (1995). The Right to Play and Children's Participation. In *The Article 31 Action Pack*, Shier H. (ed.). Play Train: Birmingham.

Herrman, H., Stewart, D., Diaz-Granados, N., Berger, E., Jackson, B., & Yuen, T. (2011). What Is Resilience? *Canadian Journal of Psychiatry*, 56 (5), pp. 258- 265.

Johnson, D. W. & Johnson, R. T. (1995). *Teaching Students to Be Peacemakers*. NY: Interaction Book Company.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal and Coping*. New York: Springer.

Leontiev, D. A. (2000). Funções da Arte e Educação Estética. In J. P. Fróis (coord.), *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian.

Maccali, N.; Minghini, L.; Walger, C. S. & Roglio, K. D. (2013). *História de Vida: Uma Possibilidade Metodológica de Pesquisar os Aspectos Subjetivos no Processo de Tomada de Decisão*. Rio de Janeiro: XXXVII Encontro da ANPAD. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_EPQ1312.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1312.pdf).

Magalhães, T. (2005). *Maus-Tratos em Crianças e Jovens* (4.a Ed.). Lisboa: Quarteto.

Magalhães, T. (2010). *Abuso de Crianças e Jovens: Da Suspeita ao Diagnóstico*. Lisboa: Lidel.

Meneghel, S. (2007). *Histórias de Vida - Notas e Reflexões de Pesquisa*. Athenea Digital, 12, 115-129. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewFile/250974/335855>.

Marre, J. (1991). *História de Vida e Método Biográfico*. Cadernos de Sociologia, 3, 55-88.

Masten, A.S. & Powell, J. L. (2003). A Resilient Framework for Research, Policy and Practice. In S.S. Luthar (Ed.). *Resilience and Vulnerability: Adaptation in the Context of Childhood Adversities* (p.1-20). New York: Cambridge University Press.

Morais, I., Jorge do Ó. (2011). Território da Privacidade das Crianças em Situação de Acolhimento Institucional Prolongado. Estudo de Caso. In Calheiros, M., Garrido, M. & Santos, S. *Crianças em Risco e Perigo. Contextos, Investigação e Intervenção* (pp. 164-189). Lisboa: Edições Sílabo.

Moreira, P. & Oliveira, J. T. (2012). Inventário de Identificação de Emoções e Sentimentos (IIES): Estudo de Desenvolvimento e de Validação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 3 (1). <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/viewFile/39/pdf>.

Moser, V. M. D. N. (2015). *A Criatividade. A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré-Escolar*. Mestrado em Educação Pré-escolar. Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11066/1/A%20CRIATIVIDADE.pdf>.

Mugny, G., Doise, W (1983). Le Marquage Social dans le Développement Cognitif. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, n. 3, p. 89-106.

Niza, S. (1998). *A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Movimento da Escola Moderna, Inovação, 11, p.77-98.

Peixoto, A. M. C. A. (2008). *A Criança e o Conhecimento do Mundo: Atividades Laboratoriais em Ciências Físicas*. Penafiel: Editorial Novembro.

Putnam, L., & Poole, M. (1987). *Conflict and Negotiation*. In F. M. Jablin (Ed.), *Handbook of Organizational Communication*. 549-599. Newbury Park, CA: Sage.

Rabello, E. T. & Passos, J. S. (s/d). *Vygotsky e o Desenvolvimento Humano*. Disponível em: <http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>.

Read, H. (1943). *Education Through art*. New York, Plantheon Books.

Redin, E. (2000). *O Espaço e o Tempo da Criança: se der Tempo a Gente Brinca*. Porto Alegre: Mediação.

Shier, H. (2001). Pathways to participation: Openings, opportunities and obligations. *Children & Society*, 15(2), 107-117.

Rodrigues, D. D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições ASA.

Sales, L. M. M. (2007). *A Mediação de Conflitos e a Pacificação Social: Família, Escola e Comunidade*. Florianópolis: Conceito Editorial.

Salomão, H. A. S.; Martini, M.; Jordão, A. P. M. (2007). *A Importância do Lúdico na Educação Infantil: Enfocando a Brincadeira e as Situações de Ensino Direccionado*. O portal dos Psicólogos. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>.

Sampaio, D. (1996). *Inventem-se Novos Pais*. 8ª edição, Lisboa: Editorial Caminho.

Santos, A. (1989). *Mediações Artístico-Pedagógicas*. Lisboa, Livros Horizonte.

Santos, C. M. V. (2014). *Colorir para Agir*. Projeto de Mestrado. Animação Artística. Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação de Viseu. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2508/1/COLORIR%20PARA%20AGIR%20-%20Um%20contributo%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal%20para%20a%20arte,%20para%20a%20paz.pdf>.

Schwartz, G. (2003). *Dinâmica Lúdica: Novos Olhares*. Editora: Diversos.

Shantz, C. U. (1987). *Conflict Between Children*. *Child Development*, 58, 283-305.

Silva, L. F. (2001). *A Família de Hoje e Seus Antepassados*. In L. F. da Silva (Coord.), *Acção social na área da família*. Lisboa: U.A.

Silva, M. H. D.; Fonseca, A. C.; Alcoforado, L.; Vilar M. M.; Vieira, C. M. (2004). *Crianças e jovens em risco da investigação à intervenção*. Edições Almedina.

Soares, L. D. (2009). *Os Direitos das Crianças*. Porto: Civilização Editora.

Sobral, C. & Caetano, A. P. (2008). *Gestão dos Conflitos no Pré-escolar*. Tutoria e Mediação em Educação: Novos Desafios à Investigação Educacional. XVI Colóquio AFIRSE/AIPELF. Disponível em: <http://afirse.com/archives/cd6/Textos/Ateli%C3%AAs/Ateli%C3%AA17/Sobral&Caetano.pdf>.

Sobral, C. (2014). *A Investigação-Ação Colaborativa como Estratégia de Formação para a Mediação de Conflitos em Contexto de Educação de Infância*. Formação de Professores. Doutoramento em Educação. Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11672/1/ulsd068747\\_td\\_Catarina\\_Sobral.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11672/1/ulsd068747_td_Catarina_Sobral.pdf).

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Bases Psicopedagógicas – 1.º volume. Lisboa, Horizontes Pedagógicos.

Sousa, A. P. Filho, M. J. (2008). *A Importância da Parceria entre Família e Escola no Desenvolvimento Educacional*. Revista Iberoamericana de Educação.

Sternberg, R. J. (1988). Mental Self-government: A Theory of Intellectual Styles and their Development. *Human Development*, 31,197–224.

Strecht, P. (1997). *Crescer Vazio*. 2ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim.

Strecht, P. (1998). *Crescer Vazio*. Lisboa: Assírio e Alvim. (Edição original publicada em 1997).

Szymanski, H. (2001). *A Relação Família/Escola: Desafios e Perspetivas*. Brasília: Plano Editora.

Titiev, M. (1991). *Introdução a Antropologia Cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.78.

Tomás, C. & Fonseca, D. (2004). Crianças em Perigo: O Papel das Comissões de Proteção de Menores em Portugal. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 47, nº2, pp. 383-408. Rio de Janeiro: Instituto de Universitário de Pesquisas.

Torrego, J. (2003). *Mediação de Conflitos em Instituições Educativas*. Manual para Formação de Mediadores. 1ª Edição. Porto: Asa.

Delors, J. (1996). *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Asa.

Vasconcelos-Sousa, J. (2002). *O que é Mediação*. Lisboa: Quimera.

Vygotsky, L. S. (1984). *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2004). Imagination and Creativity in Childhood. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42 (1), 7-97.

Who (1998). *Health Promotion Glossary*. Geneva: World Health Organization.

Zortéa, L., Kreutz, C. & Johann, R. (2008). *Imagem Corporal em Crianças Institucionalizadas e em Crianças não Institucionalizadas*. Aletheia, 1, 111-125.

Zins, J. E., & Elias, M. E. (2006). Social and Emocional Learning. In G. G. Bear & K. M. Mlinke (Eds.), *Children's needs III* (pp. 1-13). National Association of School Psychologists.

## **Legislação Consultada**

Assembleia Geral das Nações Unidas (1959). Declaração dos Direitos da Criança. Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/declaracao\\_universal\\_dir\\_eitos\\_crianca.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_dir_eitos_crianca.pdf).

Direção-Geral da Política de Justiça (2014). *Código Europeu de Conduta para Mediadores*. Ministério da Justiça. Disponível em:

[http://www.fd.unl.pt/docentes\\_docs/ma/tgau\\_MA\\_26462.pdf](http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/tgau_MA_26462.pdf).

Departamento de Educação Básica (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. DEB. Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.

Lei n.º 23/2017 de 23 de Maio. Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Disponível em:

[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=2679&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so\\_miolo](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2679&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so_miolo).

Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro. Estatuto do Aluno e Ética Escolar. Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=1793&tabela=leis&so\\_miolo](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1793&tabela=leis&so_miolo)

Lei de Proteção à Infância – 27/05/1911. Disponível em: [http://www.cnpcjr.pt/downloads/LEI\\_DE\\_PROTECCAO\\_INFANCIA\\_27.05.1911.pdf](http://www.cnpcjr.pt/downloads/LEI_DE_PROTECCAO_INFANCIA_27.05.1911.pdf).

Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro. Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Disponível em: [http://www.fd.unl.pt/docentes\\_docs/ma/JCA\\_MA\\_21517.pdf](http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/JCA_MA_21517.pdf).

# **Anexos**

## **Anexo A – Diários de Bordo**

### 26 de Setembro

No dia 26 de Setembro desloquei-me à Instituição “A Hera” para o primeiro dia de estágio. Não estando ainda estipulado o meu horário, esta semana fui das 9h:30 às 17h:30. Tem sido muito produtivo na medida em que aprendi a dinâmica do grupo dos técnicos, dos educadores, das estagiárias e principalmente a vida diária das crianças e jovens.

É de destacar que no primeiro dia li o regulamento interno e o relatório de estágio de uma educadora que tirou o curso de psicomotricidade. Achei bastante pertinentes as informações que poderão ajudar-me na realização do meu relatório de estágio.

### 27 de Setembro

No segundo dia acompanhei a outra estagiária na elaboração de um relatório sobre uma visita domiciliária à mãe de umas crianças institucionalizadas na Casa dos Búzios. Enquanto a ajudei, aprendi bastante e na eventualidade de um dia realizar uma visita domiciliária já sei qual o conteúdo que deve conter um relatório de avaliação da habitação.

Tomei conhecimento de vários factos ocorridos mediante a leitura de um dossier de registo de atividades, onde constam informações importantes relativamente à saúde, ao comportamento ou outros acontecimentos relevantes da vida das crianças e jovens.

Depois direcionei o meu tempo na leitura, análise e atualização dos processos das crianças e jovens. Coloquei alguns dados em falta relacionados com a escola como o ano, o curso que frequentavam, os nomes e contatos dos diretores/coordenadores. Esta forma de trabalhar permitiu-me adquirir um maior conhecimento sobre a história de vida destas crianças e jovens.

### 28 de Setembro

No dia 28 de Setembro, inteirei-me de um projeto chamado **a Caminhada**. Trata-se de um jogo que põe à prova a responsabilidade, o comportamento, a arrumação do quarto, a colaboração nas atividades propostas, as horas de estudo e os contributos pessoais. No final do jogo quem adquirisse menos pontos recebia uma consequência e quem tivesse mais pontos

recebia um prêmio. Considero este projeto importante para as crianças e jovens porque há uma maior entrega, dedicação, responsabilidade, autonomia e espírito de equipa, sendo este um incentivo para a cidadania.

Um dos meus trabalhos desse dia foi avaliar e calcular as médias, colocando em *Excel* os resultados dos vários parâmetros destacados anteriormente. O outro trabalho realizado foi administrar no *Excel* a quantidade de materiais escolares dados a cada criança e jovem. Também fui na carrinha para ir buscar uma criança com necessidades educativas especiais que frequentava uma escola com outras crianças, também elas com necessidades educativas. Considero ter sido importante conhecer esta realidade. Fui novamente na carrinha para ir buscar as restantes crianças, as mais novas, pois ainda não têm autonomia para irem sozinhas de transportes. Não deixou de ser importante este momento com as crianças pois, considero que foi através de momentos informais que eles foram capazes de partilhar mais informação, por exemplo, como correu o teu dia, o que almoçaste, o que fizeste, o que correu ou o que não correu tão bem e outros. Através desta partilha, estas crianças começaram também a demonstrar uma maior “abertura”, desenvolvendo-se momentos de empatia.

Ainda não tinha o horário estipulado porque dependia muito das atividades e projetos que de momento ainda não tinham começado, como o acompanhamento parental. É de destacar também a minha integração nos dois projetos já existentes como a sala de estudo e as reuniões dos mais novos. Neste último realizarei atividades lúdico-pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento pessoal, emocional e social das crianças.

### 29 de Setembro

No dia 29 de Setembro debruicei-me novamente sobre a análise e atualização dos processos das crianças e jovens institucionalizados. O trabalho consistiu na recolha de dados para completar a ficha escolar e arquivar os horários escolares.

Torna-se difícil iniciar um projeto uma vez que as crianças e jovens criam impasses às atividades propostas para serem realizadas. Simplesmente recusam-se a colaborar, tornando-se difícil a sua concretização.

Tornou-se inexequível o projeto inicialmente delineado, ou seja, dinamizar atividades sobre o conflito e os sentimentos com as crianças e pais, uma vez que estes possuem vários

problemas pessoais, profissionais e de saúde que os impedem de se deslocarem à Instituição “A Hera”.

### 8 de Outubro

Este conflito decorreu na sala de convívio. D estava a ver televisão e E, por sua vez, entrou na sala e dirigiu-se à televisão para mudar de canal. D defendeu-se dizendo: “cheguei primeiro, por isso tenho prioridade e quero ver estes bonecos”. E. começou a refilar porque também queria usufruir da televisão: “e eu quero ver um filme”. D impediu-a de mudar e insistiu repetidamente pois queria ver o programa que estava a dar: “não vais mudar de canal. A B disse que o combinado era uma hora para cada. Agora é a minha vez”. Eu disse: “tenham calma”. D respondeu muito prontamente “não, então imagina que querias ver uma coisa que gostasses muito, se calhar também ficavas chateada”. E foi embora a resmungar “é sempre a mesma coisa. Só me sabem falar mal”. Segundos depois ouvi bater a porta do quarto com muita força.

“Nesta situação de conflito, dado não os conhecer muito bem, não interfeiri, tendo deixado os ânimos se acalmarem. Tomei partido de observadora da situação.”

### 12 de Outubro

Hoje fiquei para jantar a fim de facilitar a socialização com os jovens. Depois do jantar as crianças e jovens têm um tempo de recreio, vão para o pátio e parque infantil “A Hera”.

Neste episódio, optei por assumir um papel passivo, ou seja, limitei-me a observar, uma vez que as conversas foram com a educadora.

Uma das situações ocorreu no refeitório à hora de jantar, quando uma jovem começou a chorar e disse à educadora: “Tenho saudades da minha família, não entendo porque estou aqui. Porque é que não posso voltar para a minha família?”. A educadora tentou explicar-lhe: “Não é uma decisão que depende de nós. A tua família tem alguns aspetos a melhorar e tu também, como por exemplo, seres mais autónoma, aprenderes a ir para a escola de autocarro.”

A outra situação ocorreu quando nos seus primeiros dias na Casa dos Búzios dizia: “Eu tenho saudades da minha Mãe.” - e chorava enquanto o dizia.

Com o objetivo de observar um pouco as relações entre os jovens, a seguir ao jantar fui para o pátio e observei-os a jogar futebol. Inicialmente estava tudo bem mas à medida que a

competitividade entre equipas aumentava, manifestaram tendência para serem mais agressivos, dando encostos ou empurrões para ficar com a bola, o que rapidamente deu origem ao conflito entre eles. Tentei intervir de modo a acabar com a troca de insultos entre um e outro, mas não obtive resultados.

### Semana de 17 a 21 de Outubro

Nesta semana, o meu trabalho já foi diferente uma vez que dediquei todo o meu tempo a contatos mais próximos com as crianças e jovens da instituição. O meu horário abarcava parte da tarde e noite, o que me permitiu estabelecer mais afincadamente laços de amizade com as crianças e jovens. Foi um processo lento, sabendo à partida que eles têm dificuldades em vincular-se a alguém e em ganhar confiança. Por isso, considerei fundamental a dinamização de atividades e jogos em grupo ou a participação em atividades de que eles gostam como é o caso do futebol. À noite têm sempre oportunidade para “brincar” e foi nessas alturas que eu pude participar nas suas brincadeiras, ganhando aos poucos a sua confiança.

Às quartas-feiras fazem-se sempre as assembleias, sendo estas também um espaço terapêutico em que são dinamizadas várias atividades. Por outro lado, também se falam de outros assuntos importantes como as atividades que serão desenvolvidas e sobre **a Caminhada**, (avaliação e pontuação dos vários itens de referência), projeto referente à arrumação dos quartos, à participação em atividades, hora de estudo, contributos, entre outros.

Tive também oportunidade de ir na “volta”, quer isto dizer, que sempre que possível fui na carrinha da Instituição “A Hera” para ir buscar os mais novos que ainda não têm passe e/ou não podem ir sozinhos para a escola. Estes momentos são muito importantes porque em contexto informal, existe uma maior “abertura” na partilha de acontecimentos, mediante determinadas questões: Como correu o teu dia? Como foi a escola? Que disciplina tiveste? Brincaste muito? Aos poucos começaram a ganhar uma maior empatia comigo, tornaram-se mais recetivos à criação de laços de confiança e amizade.

Para além disso, estive presente na sala de estudo a observar os jovens, sendo este um meio de conhecimento das relações humanas existentes, apontando sempre que possível as provocações, as picardias, o mau comportamento, o responder mal, ou seja, perante esses acontecimentos ser capaz de desmistificar os comportamentos associados e as formas de reação

do outro. A sala de estudo permitiu-me ainda ajudar e apoiar nas horas de trabalho e estudo, sendo estes momentos importantes para estabelecer e fortalecer laços.

### 19 de Outubro

Esta foi a primeira assembleia em que estive presente e decorreu no dia 19 de Outubro. Para além do observador-participante, também estavam presentes a educadora e cinco crianças, com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos.

Inicialmente foi complicado porque as crianças estavam todas dispersas, a conversar, a gritar e a rir. C deixou cair para debaixo da mesa umas bolinhas, pareciam frutos, e a partir desse momento perguntava constantemente se podia ir apanhá-las mas a educadora respondia negativamente. Isto durou até ao final da reunião. C costuma repetir a mesma pergunta porque tem síndrome malformativa congénita. Entretanto, e uma vez que não estava a resultar, foram todos para o chão e então já se conseguiram acalmar um pouco. Enquanto as meninas se sentaram no chão, Z, por sua vez, deitou-se no chão a ouvir.

A educadora começou por referir a atividade que iria ser dinamizada no sábado, o *Bounce*. Demonstraram um grande entusiasmo, começaram a bater palmas e até saltaram de tão eufóricos que estavam. O único que demonstrou desprezo pela atividade não podia ir, “vou passar o fim de semana com o meu pai. Não vou! Mas também não queria ir...por isso”, e simultaneamente fazia uns trejeitos muito expressivos. Compreendi, no momento, que ele não sentia aquilo que dizia e estava triste por não poder ir. Passado algum tempo começou a chorar, a educadora perguntou o motivo, mas a princípio recusou-se a dizer. A disse “Ele está assim porque não vai”, (isto foi o suficiente para que, finalmente, D falasse sobre o assunto). C e M aproximaram-se dele e afetuosamente deram-lhe uma “festinha”. Já Z, de forma agressiva, disse: “Pára de chorar, olha que levas um “carolo”.

Falou-se também do Projeto a Caminhada que consiste na avaliação de vários parâmetros como a arrumação dos quartos, a participação em atividades, as horas de estudo e os contributos pessoais. Foi um momento importante porque fez-se o balanço dos pontos de cada um e se alcançaram os objetivos pretendidos receberam recompensas. A educadora aproveitou o momento para fazer reforço positivo, a fim de que as crianças ficassem ainda mais motivadas. Este reforço positivo foi importante para eles uma vez que melhorou a sua autoestima.

A última tarefa consistiu na aprendizagem e treino de algumas músicas relacionadas com o *Halloween* para serem cantadas num concerto de violinos. Perto do final da reunião, já estavam todos desconcentrados, então Z pegou na folha e foi cantar para cima da mesa e C foi apanhar as bagas que estavam debaixo da mesa sem o consentimento da educadora.

Considero que estas reuniões são bastante esclarecedoras para compreender as relações existentes entre as crianças. Observaram-se conflitos e dificuldades em expressarem-se, nomeadamente na partilha de sentimentos e sensações. Além disso, já no final da assembleia e em conversa com a educadora, esta mencionou a importância do reforço positivo para estas crianças.

### 26 de Outubro

Nesta assembleia falou-se de vários temas (caminhada, concerto de *Halloween*, apoios ao estudo, entre outros). No decorrer da reunião houve várias interrupções, levantavam-se, riam-se ou falavam alto. No entanto, com muita paciência foi possível abordar todos os aspetos importantes. Há dificuldades em manter estas crianças atentas, observando-se que ainda não verbalizam o que sentem, por exemplo sabem que é errado bater mas continuam a fazê-lo.

Os objetivos destas reuniões são claros, sendo o mais importante a correção de certos comportamentos, mediante a partilha de atitudes, sentimentos e opiniões, e não apenas a transmissão de informações. Além disso, pretende-se que o reforço positivo e o feedback sejam importantes para motivar as crianças e melhorar a sua autoestima.

O conflito sempre foi um tema que me interessou bastante, principalmente num contexto em que crianças e jovens não sabem expressar-se da melhor forma. Sendo a assembleia um espaço de partilha e de mediação de conflitos, foi importante a minha presença.

Devido à importância de vários episódios que foram ocorrendo nesta reunião considero importante referir alguns. Z bateu na cabeça de C e esta gritou. Explicou-se ao Z que não se bate, pois este ato pode ter consequências graves. Noutra situação, M, que tem tendência a exagerar, quer por vezes chamar a atenção, grita quando é contrariada, bate na mesa quando está revoltada, ri quando se explica algo ou chora. Várias vezes é advertida mas nada garante o fim destes comportamentos.

No final da reunião houve ainda possibilidade de realizar o jogo dos afetos, o Gostarzinho. Este consiste em lançar o dado, e consoante a cor que calhar tira-se o cartão da

respetiva cor com uma pergunta, à qual os jogadores terão de responder: “Quando tens um conflito com alguém o que fazes?” “Eu bato-lhe” e “Quando estás com raiva ou zangado com algo, o que fazes para te acalmar?” “Vou à casa de banho e lavo a cara, respiro fundo e conto até 100”. As questões colocadas referiam-se a sentimentos, conflitos, afetos e as respostas dadas pelas crianças foram sinceras e pertinentes.

## 2 de Novembro

No dia 2 de Novembro teve lugar mais uma assembleia dos mais novos. Retomaram-se alguns dos temas abordados na última sessão, uma vez que os episódios de bater na cabeça se repetiram novamente. Na partilha realizada, um deles até disse: “sim, como falámos na última reunião bater na cabeça pode levar à morte.”

Torna-se importante realçar estes aspetos para que os jovens optem por reagir de forma diferente e mais acertada recorrendo ao diálogo, devendo este ser o melhor trunfo.

Mediante as observações realizadas e pelas análises feitas compreendi que este será um processo lento, mas muito gratificante. Acredito que, a longo prazo, haverá mudanças positivas nos seus modos de relacionamento. Estas reuniões são benéficas para as crianças porque adquirem novas aprendizagens sobre como lidar com o outro, respeitá-lo, conhecê-lo e aprender a controlar os seus próprios sentimentos. As assembleias são consideradas como que terapias de grupo para que os jovens aprendam a ter conhecimento deles próprios e dos outros.

Um dos aspetos a salientar nesta reunião foi o facto de o Z ter chamado deficiente à C que aparenta ter algumas dificuldades. Considerei que este foi o momento chave da reunião porque permitiu explicar-lhes que não somos mais nem menos que os outros por apresentarmos determinadas dificuldades. Z foi repreendido e chamado à atenção para nunca se inferiorizar o outro quando este possui dificuldades. Depois disso, referiu-se que, se assim fosse, seríamos todos deficientes, uma vez que cada um tem as suas dificuldades: ter pouca visão, dificuldades de autocontrolo, dificuldades em expor o que se sente ou pensa. Cada um teve oportunidade de dar um exemplo.

Sala de Estudo – 3 de Novembro

Z com 9 anos tem sempre muita dificuldade em lidar com a raiva e frustração. Hoje dedicou o seu tempo aos trabalhos de casa de português. Seguiu-se o diálogo:

Z – Criança

Est. – Estagiária

Z – Podes ajudar-me nos trabalhos de casa?

Est. – Claro. Do que precisas?

Z – Não consigo fazer este exercício.

Est. – Consegues sim. Então vamos lá ver...Pensa lá um bocadinho nesta. Qual é que achas que é a resposta?

(Responde a medo, reticente na sua resposta)

Est. – Boa, vês como sabes. E agora a outra.

Z – Esta não sei. Podes ler?

Est. – Lê lá, quero ouvir-te. Já te ouvi a ler e lêes muito bem.

Z – Não quero. (notou-se que começou a ficar aborrecido e frustrado, mentalizado de que não conseguia.)

Est. – Continuei a incentivá-lo.

Z – A professora é muito abusada, amanhã vou bater-lhe. Não vou fazer mais isto.

Est. – Anda lá Z. És tão inteligente, olha que acredito que tu consegues, acho que também devias acreditar mais em ti.

Z – Deu um berro e partiu o lápis ao meio (sentiu-o com raiva e tentei não valorizar muito a situação, pois era o que ele queria. Continuei no mesmo tom, incentivei-o a continuar, fazendo sempre reforço positivo).

Z – Z vá lá, qual é que achas que é a resposta? Tu sabes.

(Silêncio)

Z – Posso jogar no teu telemóvel?

Est. – Podes mas só depois de acabares. Prometo.

Z – Está bem.

Continuou o trabalho sem mais lamúrias, colocou-me dúvidas sempre que necessário e ajudei-o a esclarecê-las. As respostas teriam que ser dadas por ele, pois esta era uma forma de trabalhar a sua autonomia. E eu sabia que ele era capaz.

9 de Novembro

Carrinha- “Na Volta”

C contou como correu o seu dia. Na escola P chamou-lhe nomes e disse-lhe palavrões. C disse que já não era sua amiga e P começou a bater-lhe. Eu disse-lhe que não era a bater que se resolviam os problemas mas sim a falar sobre o que aconteceu.

Por sua vez, É contou-me que no dia anterior lhe tinham tirado o telemóvel e que hoje precisava de falar com a irmã, mas não podia porque não tinha o telemóvel. Disse-lhe que se calhar tinha havido algum motivo. E ela respondeu que não, tinha-se portado bem, até fez a sua tarefa que consistia em limpar a casa de banho. Continuou dizendo que aquela tarefa era difícil e nem um adulto conseguiria fazê-lo sozinho. Durante o percurso começou a dizer que estava mal disposta e com dores de cabeça, disse-lhe que já passava e enquanto fui buscar a C. à escola deixei a porta aberta para entrar o ar. À chegada da Instituição “A Hera”, É vomita, considerei tratar-se do nervosismo do momento pelo que desvalorizei. Após algum tempo já parecia estar bem.

Estes momentos mais informais eram grandes oportunidades para estreitar laços, devido às confidências, aos pedidos de conselhos e opiniões das crianças.

Atividade: desenhar num cartaz símbolos representativos do Outono e Inverno.

Vários meninos participaram nesta atividade, desenharam num dos lados do cartaz árvores com folhas a cair, castanhas, uma casa, como forma de descrever a época do Outono e a data do Magusto. Depois, no outro lado desenharam bonecos de neve, árvore de natal, o Pai Natal, o trenó com a rena Rodolfo, para prepararem as épocas que se avizinham, o Inverno e o Natal.

Foi um momento divertido, todos se ajudaram mutuamente, É. ajudou C indicando-lhe como tinha de pintar. D ajudou a irmã, M, a fazer uma castanha porque não se lembrava como

deveria desenhá-la. Esta atividade permitiu-lhes, de uma forma informal fortalecerem os laços afetivos já existentes e ajudarem-se mutuamente.

### 9 de Novembro

Nesta assembleia as cinco crianças estavam muito agitadas, por isso foi difícil a sua colaboração.

Enquanto a educadora falava sobre os vários assuntos, C levantava-se e dançava. Foi chamada a atenção e quando a educadora se dirigia a ela, esta tapava os ouvidos e dizia que não queria ouvir. C continuava a fazer barulho e a rir-se muito alto e Z, muito prontamente, subiu para cima da mesa e bateu-lhe. E daí surgiu novamente o assunto da agressão e de como pode ser prejudicial à saúde.

O Z e o D várias vezes se distraíram com o jogo em cima da mesa. Foram avisados mas o Z continuou a brincar com as peças do jogo. A educadora quis-lhe tirar o jogo das mãos e este, de forma agressiva e num momento de raiva, atirou o jogo para o chão. Considero Z o líder do grupo mas por vezes o seu comportamento não é o mais exemplar, quer destacar-se no grupo. Dizia: “O jogo é meu”, “Eu é que mando aqui” ou então “Eu faço o que eu quiser”, momentos em que mede “forças” com a educadora. No entanto, o Z percebe que erra e é capaz de pedir desculpa.

Em seguida a educadora leu uma história bastante interessante sobre um menino que nunca tinha visto um espelho. O pai fez-lhe uma surpresa e comprou-lhe um espelho, colocando-o na sala. Então o menino muito curioso aproximou-se do espelho e reparou que o menino do outro lado o imitava. E pensando que este estaria a gozar consigo, bateu-lhe, mas percebeu que se aleijou a si próprio. Neste momento em particular observei que as cinco crianças estavam mais atentas à história que a educadora contava. A prova foi que no final se colocaram algumas perguntas e elas souberam responder. Aprendeu a lição da história: se bates no outro também te aleijas a ti próprio.

Antes de se dar por encerrada a reunião, a educadora fez um exercício de relaxamento. Colocaram-se alguns colchões no chão, as crianças deitaram-se e desligaram-se as luzes. De seguida, colocou-se uma música relaxante e calma, a educadora começou por contar uma história e enquanto a ia relatando, era-lhes pedido que imaginassem o que lhes era dito: “Agora vão imaginar que estão no jardim verde, cheio de árvores com um grande lago, pássaros a cantar. O Z

e o D jogavam à bola divertidos, a M e A brincavam e andavam de escorrega. De repente, a bola ficou presa numa árvore e todos juntos souberam resolver o problema.”. Conseguiram relaxar embora a C tivesse apresentado mais dificuldades em se concentrar, no entanto considero que foi um bom momento. No final da sessão, todo o grupo deu abraços e esta foi uma ótima maneira de terminar.

### 10 de Novembro

A sala de estudo é um espaço de trabalho onde as crianças e jovens fazem os seus trabalhos de casa ou estudam em caso de testes. Os educadores e estagiárias auxiliam-nos sempre que é pedida a sua ajuda.

Neste dia, apesar das boas intenções de F em ajudar B nos trabalhos de matemática, estes brincaram muito.

Depois de jantar, as crianças e jovens do lar foram para o pátio brincar, os rapazes jogaram futebol e as raparigas optaram pela dança. Este foi um momento curioso e apreciado por todas, uma vez que se juntaram ao grupo umas jovens brasileiras que estavam no turismo de habitação, na Instituição “A Hera”. As jovens brasileiras com muita à vontade começaram a dançar e diziam para as acompanharem, mas as jovens da Casa dos Búzios mostraram-se muito tímidas e envergonhadas e preferiram ficar a ver.

Este momento em particular pôs em evidência a diferença de culturas, as jovens brasileiras dançavam e sentiam-se à vontade com o seu corpo, mostraram ser expansivas e alegres, traços caraterísticos do povo brasileiro. Já as nossas jovens portuguesas demonstraram sempre ser mais recatadas.

### 16 de Novembro

No dia 16 de Novembro realizou-se mais uma reunião. Pretendíamos, inicialmente, falar sobre a caminhada, ir à reunião dos mais velhos, realizar um jogo sobre a identificação de sentimentos e fazer um exercício de relaxamento. Apenas algumas coisas foram realizadas por falta de tempo.

Analisaram-se alguns comportamentos menos bons como deixar comida no prato. Mencionou-se a importância de não estragar a comida, uma vez que existem muitas crianças a

passar fome. Todos quiseram ver as fotografias dessas crianças no computador e alguns ficaram bastante chocados com essas imagens.

De seguida, abordou-se o tema da caminhada, em que são dados pontos aos itens em avaliação como o comportamento, os contributos, a participação em atividades e a arrumação dos quartos. No final averiguou-se quem não cumpriu os objetivos propostos e ficou de “consequência”.

No final, duas das crianças foram à reunião dos mais velhos para falar dos seus comportamentos incorretos.

Deu-se por terminada a reunião.

### Sala de Estudo – 21 de Novembro

É é uma jovem de 13 anos, fragilizada, insegura, pouco confiante, sentindo-se vítima das situações. Muitas vezes queixa-se dos professores, dizendo que a tratam mal, os monitores e as colegas/amigas da escola. A educadora de referência soube que É. quando ia para casa aos fins de semana não fazia os trabalhos de casa e não estudava. Por isso, nesse dia É teve de ficar na sala de estudo até às 19h.

Diálogo:

Trabalho de Ciências Naturais

É – Jovem

Ed. – Educadora

Est. – Estagiária

E – Fogo, não vou fazer isto. Vou-me embora.

Ed. – Só sais daqui quando terminares os exercícios.

Dirigiu-se a mim, a lamuriar-se e a choramingar.

E – Os educadores estão sempre a castigar-me e eu não faço nada. Porque é a N (educadora de referência) que me obriga a estudar. Não sei porque obrigam a trabalhar e a estudar. Eu não tenho trabalhos de casa nem testes esta semana.

Est. – Nós devemos trabalhar, fazer exercícios e estudar, independentemente de ter ou não trabalhos de casa ou testes. É um processo de aprendizagem que deve ser preparado e realizado com tempo de antecedência.

É – Mas eu sempre fiz assim. Não quero fazer isto. Por exemplo, a minha irmã não estudava e tinha boas notas.

Começou a chorar para que tivessem pena dela. Devagarinho lá continuou a fazer, distraíndo-se várias vezes com os colegas.

Est. – Vá, faz lá isso e depois já vais embora.

(Não dei demasiada importância. Incentivei-a a continuar).

B – Achas que eu também gosto de estar aqui? Claro que não, mas faz parte, é importante para nós e para o nosso futuro. Agora que estás no nosso quarto conto contigo, precisas de ter sempre o quarto arrumado, participar nas atividades e fazer devidamente as horas de estudo. Temos de ter boa pontuação na Caminhada para ganharmos. E já sabes quando precisares de falar, tens aqui uma amiga.

E pareceu compreender e continuou a trabalhar como lhe tinham pedido. Ficou mais animada, sabendo que tinha uma aliada e uma amiga.

#### 24 de Novembro

Nesta reunião falou-se de alguns maus comportamentos e da necessidade de outra criança ir à reunião dos mais velhos, devido ao seu mau comportamento e às birras que fazia.

Passou-se depois à caminhada expondo a pontuação de cada um. Esta semana ninguém ficou de “consequência”, o que é de louvar, deu-se um momento de reforço positivo e também se mencionaram alguns aspetos a ser melhorados como o comportamento. No final, realizou-se um pequeno jogo sobre a identificação de emoções e sentimentos. Mostraram-se alguns cartões com uma imagem e as crianças tinham que identificar a amizade, tristeza, alegria, amor, gostar e espanto. Achei curioso, porque para além do que foi pedido ainda conseguiram imaginar uma pequena história. Por exemplo, o menino está triste porque não o deixaram andar de patins, o menino está espantado, a menina ama o seu namorado, a menina ama o seu irmão. Este momento foi muito importante porque as crianças foram capazes de exteriorizarem situações vividas.

C foi à reunião dos mais velhos e deu-se por terminada a sessão.

## 1 de Dezembro – Feriado

Neste feriado, depois dos trabalhos de casa terminados foi tempo livre para todos, o que permitiu realizar várias atividades, todas propostas pelas crianças e jovens. Assim, saltaram à corda, jogaram futebol, escreveram pequenos textos sobre o Natal, viram filmes na televisão e ainda ajudei um jovem a elaborar um currículo.

Estes jogos e atividades lúdicas proporcionaram momentos de lazer e diversão, fundamentais para a criação de vínculos e fortalecimento de laços afetivos.

## 5 de dezembro

A pedido da equipa fiz o turno da noite, desde as 18h até à 24h, com a estagiária do Serviço Social. Correu bem, no entanto surgiram alguns imprevistos que não estava à espera, sendo difícil agir no momento. No refeitório duas crianças agrediram-se fisicamente e tiveram que ser separadas. Falámos com ambas para saber a origem do sucedido e ouvir a versão de cada uma delas, ou seja, apurámos os factos da melhor forma que conseguimos. Mais tarde, a discussão recomeçou e nesse momento separámo-las logo para não haver mais violência física. B foi para o quarto e estando, aparentemente, muito nervosa com a situação gritou, chorou e só passado algum tempo é que se conseguiu acalmar. Tentei falar com a E mas em vão porque começou logo a dizer que eu estava a defender B. Eu expliquei-lhe que não era verdade, uma vez que ambas tinham errado e “ali não havia lados”, estava apenas a tentar apurar os factos e a ajudá-las a perceberem o que tinha realmente acontecido. Ela acabou por não dizer mais nada. Tentei prosseguir com o diálogo para compreender o que tinha acontecido. Coloquei algumas questões, ‘Como te sentes?’, respondeu-me ‘Com raiva, apetece-me bater-lhe’, considerei e questioneei-a ‘Achas que essa é a solução?’, não me respondeu. Achei oportuno colocar-lhe mais uma questão: ‘O que farias de diferente?’ e muito prontamente respondeu: ‘Nada, fazia tudo igual’. Não me alonguei mais pois, provavelmente, iria fazer juízos de valor com um comentário menos apropriado. Deixei que pensasse no assunto e mais tarde refletiria com ela.

Entretanto surgiu mais um “bate boca” mas com firmeza disse: “Acabou, já chega”. Chamei B à parte, falei com ela, acalmou-se e finalmente pôs-se termo à discussão.

Depois deste episódio, disse a E para se ir deitar, mas como se recusou a ir, I, um dos mais velhos, interveio mandou-a dormir. Mais uma vez se destaca a importância dos mais velhos na ajuda e colaboração com os educadores.

Outra das situações aconteceu quando fui recolher os telemóveis antes de dormirem, como dita a regra da Casa dos Búzios. Reparei que E estava muito estranha e já deitada na cama. Perguntei-lhe pelo telemóvel e respondeu que não o tinha, estava na sala dos educadores porque não funcionava. Esperei que se levantasse da cama para mo mostrar mas disse-me para ir andando que ela ia lá ter. Como me apercebi que estava um pouco estranha, parecendo esconder alguma coisa, voltei atrás, puxei para trás os lençóis e verifiquei que dentro da cama estava uma gilete. Eu e a estagiária perguntámos-lhe o porquê daquilo estar ali e ela respondeu: “há bocado estive a fazer a depilação. Mas não se preocupem que eu não me ia cortar, eu só o faço com vidros”. Optámos por não continuar a conversa, pois seria melhor se assim fosse. Calculámos que seria para se cortar, porque já não era a primeira vez que esta jovem manifestava comportamentos de risco, Dado tratar-se de um assunto sério e delicado, optámos por contar aos educadores a fim de que estes pudessem tentar solucionar o problema. Fiquei preocupada pois tratava-se de automutilação que pode trazer consequências graves e irreversíveis.

Neste dia foi gratificante ver a forma como os mais velhos foram prestáveis e nos ajudaram a remediar a situação de violência, demonstrando ter uma grande maturidade, considerando a idade que têm.

### 9 de Dezembro

Neste dia o meu trabalho consistiu na avaliação dos CASA, a caracterização anual de acolhimento. Realiza-se o diagnóstico dos dados existentes sobre a criança ou jovem a partir da consulta dos processos individuais. Em colaboração com a estagiária de Serviço Social preenchemos os questionários de cada um dos residentes da Casa dos Búzios e no final, a diretora e os técnicos fizeram a revisão para verificarem se os dados estavam corretos.

Em seguida, fui buscar C à escola que conversou muito até chegarmos à Instituição “A Hera”, sinal de mais abertura e empatia comigo.

Quando chegaram os mais pequenos pude ajudá-los nos trabalhos de casa. Z tinha de fazer trabalhos de português e ciências, mas como eram bastantes não queria fazê-los. Foi muito agressivo, mas aos poucos consegui que ele se acalmasse e realizasse o que lhe foi pedido.

A. inicialmente pediu-me ajuda mas depois disse que era capaz de realizar os trabalhos sozinha, o que na altura me pareceu bastante positivo, demonstrando autonomia e responsabilidade. Fiquei surpreendida pois habitualmente nega-se a realizar os trabalhos de casa, dificultando todo o processo do educador em querer ajudá-la.

### 19 de Dezembro

Este é um dos dias mais importantes para a Casa dos Búzios porque assinala a data do seu aniversário e este ano comemora quinze anos de existência.

Foi um dia diferente, uma vez que foram realizadas atividades lúdico-pedagógicas centradas no convívio entre todos, com base na partilha, na união e na alegria do convívio.

As crianças e jovens da Casa dos Búzios partilharam ideias sobre o que poderia fazer-se neste dia e escolheram os jogos tradicionais. Inicialmente realizaram-se jogos de quebra-gelo, tendo havido uma grande adesão por parte de todos. No primeiro, estavam todos em círculo, cada um escolheu o nome de um herói e depois realizou um movimento que o caracterizava. O jogo seguinte foi: a monitora e a estagiária segredaram ao ouvido de cada criança o animal que os definia e quando fosse chamado o animal as pessoas tinham que cair no chão, pretendendo-se que os outros os segurassem de modo a não caírem. O mais engraçado foi quando caímos todos ao chão, desencadeando-se uma reação coletiva de entusiasmo, alegria, e divertimento, pois não estávamos à espera. O que aconteceu realmente foi que todos tínhamos o nome do leão e todos caímos ao chão como um barco que naufragou.

Depois realizou-se o jogo do balão: aos pares tínhamos que realizar uma corrida, prendendo o balão para que este não caísse no chão. Como eramos muitos realizaram-se várias rondas e no final determinou-se o par vencedor.

Um outro jogo foi semelhante ao das cadeiras, mas em vez destas utilizaram-se arcos. Algumas crianças e jovens desistiram de jogar, ficando apenas alguns. Ligou-se a coluna e todos dançaram, aguardando que a música parasse de tocar. Quando isso aconteceu, correram todos para dentro dos arcos, gerando-se uma grande confusão. Uma das jovens levou uma cotovelada e começou a chorar, mas todos se prontificaram a ajudar e tudo acabou bem.

Observei que aqueles que não quiseram participar jogavam à bola muito animados e usaram os balões que restaram do último jogo. Outros ficaram sentados a observar os colegas.

Realizou-se um outro jogo em que, de mãos dadas, tinham que se desembrulhar desse emaranhado. Não foi fácil, houve elementos a desistir a meio do jogo e outros, por brincadeira, largaram as mãos e colocaram-nas bem. Todos acharam bastante graça e divertiram-se.

Por último, fez-se um jogo que consistia em segurar uma das pontas de um tecido, não podendo os participantes deixar cair os balões que saltavam lá dentro. No final, tiveram que atirar o pano ao ar e colocarem-se todos debaixo dele. No final demos um grande abraço de grupo.

A tarde em que decorreram as atividades foi muito dinâmica e divertida, permitiu-nos a todos conviver e conhecermo-nos melhor.

No final do dia, fomos todos jantar a um restaurante para celebrar esta data tão importante. Ainda realizámos uma outra atividade depois do jantar, o amigo secreto. Todos trouxemos presentes criados por nós, a regra foi não comprar mas criar.

### 3 de Janeiro

Neste dia, durante uma conversa informal com uma das educadoras, esta contou que as crianças e jovens tinham acabado de chegar de férias e cada um deles teve a possibilidade de passar o Natal e Ano Novo com as suas famílias. Descreveu o momento do regresso à Casa dos Búzios dizendo: “A felicidade das crianças mais pequenas a voltar ao Lar, a receção que nos fizeram assim que entraram por aquela porta!... Isto só comprova a importância da Casa dos Búzios para estes meninos, que ao fim ao cabo a consideram como o seu porto de abrigo”. Acrescentei dizendo: “Comigo vieram logo a correr, a gritar pelo meu nome, senti tanto carinho e afeto naquele momento e isso só demonstra o quanto somos realmente importantes para estas crianças e jovens.”.

### 5 de Janeiro

No dia 5 de janeiro houve mais uma assembleia com os mais pequenos. Enquanto esperávamos pela educadora, eu aproveitei a oportunidade para jogarmos ao *gloobz*. É um jogo bastante divertido pois permite-nos testar a destreza e rapidez de resposta. O meu intuito foi perceber a adesão, ou não, das crianças ao jogo.

No entanto, a competitividade e frustração de perder a jogada deu origem ao episódio de raiva que se sucedeu. A atirou todas as peças do jogo para o chão e como não consegui manter a frieza de um mediador, optei pela estratégia de arbitragem, ou seja, retirei o objeto para pôr termo ao conflito. Analisando agora a situação, considero que devia ter atuado de outra forma e recorrer à mediação para compreender a situação e os sentimentos envolvidos, de forma a resolver esta situação de conflito.

### 12 de Janeiro

#### Gabinete dos técnicos

F foi falar com um dos técnicos sobre a situação do dia anterior. E tinha falado dele e espalhado boatos na escola e na Casa dos Búzios. O F, irritado com a situação, deu-lhe uma chapada, instaurando-se a confusão na Casa dos Búzios.

No gabinete dos técnicos, discutiu-se o assunto:

- “Já devias saber que violência gera violência.”
- “Quem me garante a mim que quando tiveres uma namorada não lhe vais bater?”
- “O que me preocupa é o facto de estares tranquilo e não demonstrares arrependimento por lhe teres dado uma chapada. Isso, sim, é grave!”
- “O objetivo dela era provocar-me ao máximo e conseguiu.”
- “A mulher em fúria!”
- “Quando gritamos já somos os maus da fita.”
- “Passamos de cordeiro a lobo mau.”

### 12 de Janeiro

Hoje realizámos mais uma assembleia, falámos sobre a Caminhada, *bullying* e violência. Como as crianças não se calavam, a educadora disse: “hoje ninguém se senta nos *pufs*”; “Z estamos à tua espera”; “só continuamos depois de estarem todos sossegados e calados”. Z tinha posto uns óculos grandes de cientista e a educadora disse-lhe para os tirar, mas ele não queria. Ela explicou-lhe que só começava a reunião depois dele tirar os óculos, mas Z, muito prontamente, disse “então vocês também têm que tirar os óculos”, mas educadora explicou-lhe

que os dela eram para ver, mas os dele não. Entretanto tirou os óculos e disse: “peço desculpa, prometo que me vou portar bem, estou arrependido”. Achei importante o pedido de desculpas, pareceu sincero e a verdade é que até ao final da reunião Z portou-se bem. C, por sua vez, referiu “Vou buscar os meus óculos ao quarto”, “C senta-te, se não os trouxeste é porque não precisas deles”, disse a educadora. C continuou a brincar e, bruscamente, A deu uma bofetada a C. Nesse preciso momento, a educadora decidiu que A devia sair da reunião, “eu já tinha avisado que não tolerava mais violência”, “não sabem que a violência gera violência?”.

Depois de algum tempo de espera, prosseguiu-se com a análise dos assuntos importantes a tratar, nomeadamente a caminhada e o caso de uma das jovens da Casa dos Búzios que tinha levado uma bofetada de um outro jovem residente. A educadora iniciou o seu discurso dizendo “eu sei que ela por vezes provoca”, “mas com a situação de ontem, os que assistiram deviam ter chamado um educador, em vez de se rirem da situação”, “já falámos aqui várias vezes sobre a violência e as consequências que pode trazer”. Z referiu “só estás a dizer essas coisas porque és a educadora de referência dela”, “não isso não é verdade, se fosse com outra pessoa qualquer, eu faria o mesmo”.

De seguida, fomos ver alguns vídeos sobre *bullying*, prestaram todos muita atenção e acho que compreenderam a mensagem, o problema que este comportamento pode trazer para a vida das pessoas que sofrem deste “massacre” físico e psicológico.

E uma vez que já era tarde, deu-se por encerrada a reunião.

Enquanto as crianças comiam a ceia antes de deitar, disse-lhes que deveriam pensar muito bem neste assunto porque é muito grave. Aproveitei para lhes contar uma história recente divulgada no telejornal sobre aquele rapaz que foi violentamente agredido, com socos e pontapés na cabeça. Eles ficaram muito curiosos e perguntaram “mas ele levou socos?”, “deitou muito sangue?”, “ele morreu?”. Fui tendo o cuidado de responder a todas as perguntas e disse-lhes “ficou desorientado e quando se levantou bateu contra um carro” e “não morreu mas com certeza ficou mal. Porém o mais grave será o trauma com ele vai ficar para o resto da sua vida”. Com A tive uma conversa mais séria e disse-lhe “espero que da próxima vez penses bem e não batas mais na C”. Considero que os vídeos mostrados e o exemplo da história que eu dei foram importantes, na medida em que da próxima vez que lhes apetecer bater em alguém, pensem duas vezes antes de o fazer.

## 14 de Janeiro

A tarde passada na Casa dos Búzios foi tranquila. Comecei por perguntar a algumas crianças e jovens quais as atividades ou jogos que gostariam de fazer. Eis algumas sugestões:

- Caça aos ovos
- Caça ao bicho
- Futebol
- Música (afro, quizomba)
- Cantar
- Breakdance (“breakdance é fixe”)
- Cozinhar para depois comer (pizas, bolos)
- Jogos de computador
- Jogos de playstation
- Desenhos

Como os mais novos foram ao circo, e não pude acompanhá-los, fiquei na Casa dos Búzios e tive oportunidade de realizar com os mais velhos algumas atividades, que proporcionaram bons momentos de partilha e convívio. Quando lá cheguei, estavam dois jovens a jogar o PES e três a ver. Primeiro observei-os a jogar e depois desafiei-os a para um jogo. Disse-lhes em tom de brincadeira: “a seguir jogo eu, dou-vos uma cabazada” e um deles “ai é? (risos), quero ver isso”. Jogámos e, é claro, perdi mas foi importante esta interação com os jovens. Enquanto jogávamos, B pôs música, cantou e pediu-me para fazer o mesmo. Entretanto, E e I começaram a “picar-se” mutuamente e Z aproveitou também a oportunidade para provocar. E já estava farta e foi embora. Z disse “vai levar um soco” e eu falei com ele sobre isso, “já te esqueceste do que vimos no outro dia na reunião? Aqueles vídeos...lembra-te sempre deles. A violência pode ser grave, é muito perigoso, pode pôr em risco a vida de uma pessoa”, ele pareceu compreender. Inicialmente, Z. não me ouvia, mas agora presta sempre atenção ao que eu lhe digo, demonstrando ter ganho alguma confiança comigo. Continuei “eu sei que ela por vezes abusa e provoca, mas também não se podem virar todos contra ela, porque senão nunca vai mudar de comportamento”. Ninguém disse mais nada.

Fazer com estes jovens atividades de que eles gostem, facilita a sua “entrega”. Contudo, a ideia inicial de estruturar atividades, jogos e dinâmicas para realizar com as crianças e jovens

nem sempre resultou, houve muita resistência, por isso nesta fase inicial deixei-me levar pelas “vontades” deles em fazer algo, só assim consegui obter uma maior adesão e participação.

Depois pediram-me para ver o jogo do Benfica que ia dar às 16h. Concordei que assim fosse, liguei o computador e vimos todos juntos o jogo. Na sala havia alguns benfiquistas, eu inclusive, e um sportinguista. Como estávamos a perder 2-0, o jovem ria-se, gozava com a situação, mas ninguém levou a mal ou ficou ofendido. Eu disse “espera só, vais ver, basta eles marcarem o primeiro para ganharem entusiasmo para o segundo e ele disse: “Lá isso tens razão, a mentalidade de uma equipa muda logo”. O Benfica marcou o primeiro golo e os adeptos ficaram felizes e gritaram “goloooo”. O segundo golo foi marcado por penalti, falta cometida de forma dúbia, o que causou no jovem sportinguista um grande desagrado “já não vou ver mais, como é que é possível? Aquilo não foi falta, que roubalheira” e eu na brincadeira respondi “vale tudo”. Ao fim de 90 minutos bem passados o jogo terminou, ficando o resultado 3-3.

Depois disto, e a pedido de um dos jovens, fizemos, juntamente com a educadora, um bolo de chocolate. Com todos presentes ouvimos música e dançámos Kizomba sendo este foi um momento oportuno para perceber quanto estas crianças e jovens gostam de dançar. B foi a única criança que não quis, mas ajudei-a a procurar na *Net* a letra de uma música da sua preferência. Posteriormente, por volta das 19h, hora habitual para jantar, deslocámo-nos para o refeitório da Instituição “A Hera”.

### 18 de Janeiro

Às quartas-feiras é hábito haver reunião com os mais novos, mas como a educadora não pode estar presente, aproveitei a oportunidade para dinamizar alguns jogos/atividades com as crianças.

Propus-lhes três atividades: o Gloobz, um desenho e um jogo de mímica. Antes de iniciarmos, falei com a A e fiz-lhe ver que a minha ideia seria termos um momento divertido, referi também que na minha escola seria avaliada pelas atividades realizadas com eles e que tinham que me ajudar nesse sentido. Disse ao Z que ele seria o líder, aquele que mantinha a calma no grupo, ajudava os outros, não batia e compreendeu muito bem. Começámos a atividade de mímica e Z, o único que faltava, chegou entretanto, mas retirou-se rapidamente dizendo que não queria jogar. Passados uns minutos regressou, dizendo que afinal também queria participar. Estava tudo a correr bem, por vezes demonstravam interesse em fazer o desenho, mas eu dizia “a

seguir fazemos”, “olhem, está quase, até há mais papéis na mesa (aqueles já tinham usado na mímica) do que aqueles que há dentro do saco”. As palavras escritas nos papéis eram referentes a sentimentos, estados de espírito (tristeza, alegria, amor, raiva, medo, ódio, preocupação, etc.) e atividades de lazer (futebol, bola, música, cantar, comer, saltar, correr, etc.).

Para mimar as palavras que lhe calhavam A subiu para cima da mesa e recusou-se a sair, por isso para não desestabilizar o que estava a correr tão bem, optei por deixá-la estar. Como dizia que não sabia fazer, propus-lhe que fizesse com C e ambas aceitaram. Achei curiosa a forma como A representou a palavra afeto. As duas meninas que têm por hábito agredir-se, desta vez colaboraram uma com a outra. A fazia-lhe festinhas e dizia “que estás a fazer?”, “vou-te ajudar a arrumar os livros”, fez-lhe também cócegas e começaram a rir-se as duas.

Em certos momentos, também usaram frases ou palavras para se expressarem melhor. Como tinham dificuldade com algumas palavras, eu tentei ajudá-los com exemplos, “quando tens um teste no dia seguinte como te sentes?”, eles: ”nervoso, perturbado, não sei explicar”.

Foi talvez uma das atividades mais bem-sucedidas, teve a participação e colaboração de todos, com bom comportamento. Foi um “espaço” de livre expressão, respeito pelas regras do jogo e criatividade.

Por fim a educadora chamou-os para tomarem a ceia, porque já era tarde não havendo tempo para mais.

### 19 de Janeiro

Na sala de estudo, a A estava a reagir muito mal, se uma pessoa lhe fazia uma pergunta ela não respondia, revirava os olhos ou respondia mal. Como a diretora da Casa dos Búzios estava presente na sala de estudo a ajudar algumas crianças nos seus trabalhos, tentou falar com A, mas ela esta continuava no mesmo tom, “A, estou a ficar muito chateada. O que é que foi? Já percebemos que se passa alguma coisa.”, “Não tenho nada”. A diretora e a educadora insistiram para que A falasse e por fim disse “Não gosto de vestir a mesma roupa”, “então é por isso?”. A educadora teve uma ideia “escreve aí numa folha aquilo de que tu gostas e não gostas. “A diretora perguntou à educadora “também posso fazer?”. Fizeram as duas e no final partilharam as ideias. Enquanto a A direcionou as suas ideias mais para o que era negativo, a diretora expressou as suas ideias de forma positiva, atribuindo a cada um dos presentes uma característica positiva. Foi interessante observar esta situação e perceber que quando temos um problema não devemos

sujeitar os outros, tratando-os mal. Foi importante para a A compreender que nem tudo é mau, não há só aspetos negativos, é preciso também valorizar os positivos.

### 23 de Janeiro

A A chegou da escola e demonstrou o habitual desagrado em resolver uma ficha de trabalho de casa. Estava bastante desconcentrada, respondia mal, ignorava as advertências e revirava várias vezes os olhos.

Perguntaram-lhe “o que queres fazer?”, “um desenho”, “Olha que eu estive a ver as tuas notas e precisas de melhorar em algumas disciplinas, aliás as artes é onde deves estar melhor”, “pronto vais fazer esta ficha”. Repetem-se os amuos do costume.

Ela fazia de propósito, literalmente, ela própria o admitiu: “estou a fazer de propósito”. Enquanto fazia e refazia o que estava errado, ia refilando com tudo e com todos. São inúmeras as vezes em que a A tem estes comportamentos e atitudes. Ora escrevia pequenino para não se poder ler ora escrevia muito grande. Como castigo, a A teve de fazer outra ficha, mas continuou com a postura inicial. Este castigo poderia melhorar o seu comportamento e atitudes indesejadas, contudo tal não aconteceu.

Eu disse-lhe: “eu não percebo o porquê disto tudo. Ficas chateada só porque te pedem para fazeres uma ficha? Imagino na escola como será.”, “eu na escola porto-me bem”, “então porque é que fazes isto aqui?”, não respondeu.

### 24 de Janeiro

Hoje tivemos uma reunião onde estiveram presentes o técnico, a diretora, a educadora e duas estagiárias. Foram debatidos alguns assuntos, um plano de intervenção para uma das jovens residentes, o acompanhamento parental junto de alguns casos e as atividades que se poderiam eventualmente realizar.

O plano de intervenção definiu a importância de cooperar com a família da jovem em questão para desenvolver a sua autonomia. Uma das dificuldades é levar esta jovem à escola, então ficou acordado que a jovem, para se tornar mais responsável e autónoma, deveria aprender a ir nos transportes públicos, nas primeiras vezes seria acompanhada pela educadora de

referência e posteriormente sozinha. Seguiu-se o plano de intervenção que seria posto em prática com a colaboração da família em acompanhamento parental.

Por fim, falei com o meu orientador de estágio no local para assim estipular o que poderia eventualmente mudar. Estipulou-se a continuação da minha presença nas assembleias dos mais novos às quartas-feiras e na possibilidade de dar seguimento à dinâmica de jogos, juntamente com a educadora. Depois falámos do meu projeto de atividades apresentado em Setembro no início do estágio. O orientador referiu a possibilidade de dinamizá-las aos sábados, uma vez que haveria mais disponibilidade por parte das crianças e jovens e eu concordei. Em contrapartida, propus-lhe que durante a semana houvesse algum tempo para a leitura de contos tradicionais, uma vez que as dificuldades dos jovens requerem o exercício da leitura, escrita e cálculo mental. A escrita também foi um aspeto mencionado pelo meu orientador e eu pensei que poderia trabalhar com a escrita criativa, a criação de histórias, contribuindo assim para o desenvolvimento da criatividade.

### 25 de janeiro

Hoje C portou-se mal e como consequência o castigo seria não comer ceia antes de deitar. Depois de lhe atribuírem o castigo, C começou num grande pranto, fez birra, gritou, chorou “eu quero ceia, eu quero ceia”. Já no quarto C, deitada na cama, começou a espernear e a bater com os pés na parede, gritando e chorando, novamente. Ficou de tal modo vermelha no corpo e na cara que me impressionou. A educadora disse-lhe que por causa daquela birra ficaria sem ceia até domingo. A birra continuou durante alguns minutos e como C percebeu que a birra não estava a ser valorizada, para chamar mais a atenção começou a atirar as coisas para o chão. B, a coordenadora das atividades, nada fez para a impedir e disse: “vá, vamos todos lá para fora porque a C está furiosa, está num momento de fúria”. Fechou a porta, esperámos todos cá fora e depois abriu-a novamente para verificar o que a jovem estava a fazer e fechou-a novamente. Passado algum tempo, abriu a porta e disse-lhe que não ia sair dali enquanto não arrumasse tudo. C começou a arrumar as coisas todas que tinha atirado para o chão. E a educadora de referência disse: “a C hoje não vai à reunião”.

Hoje decorreu mais uma reunião com os mais novos Z estava muito perturbador e não queria colaborar. Havia duas salas separadas por uma porta e nós estávamos numa delas. Por sua

vez Z entrou na outra sala e fechou-se lá dentro, dizendo que não queria ir à reunião. A educadora deixou a porta aberta e disse que só prosseguiria com a reunião quando o Z entrasse na sala e se sentasse a ouvir. A educadora, já cansada com a atitude do Z, tentou puxá-lo mas este não colaborou. Então a educadora decidiu prosseguir com a reunião, deixando a porta aberta de modo a que Z também ouvisse, mas foi tudo em vão. Como Z percebeu que ninguém lhe estava a prestar atenção, veio à sala onde nós estávamos, abriu e fechou os armários, foi chamado à atenção pela educadora, respondendo “eu é que mando aqui”, a educadora “não, não és, enquanto eu e a Margarida estivermos aqui”, continuou a remexer em coisas, sentou-se no sofá e ficou em silêncio. Depois C bateu à porta, pediu para entrar e a educadora perguntou “não estavas proibido de vires à reunião?”, “a P (educadora de referência) deixou-me vir. A birra já acabou.”, disse-nos (a mim e à educadora), “Desculpem, prometo que não volta a repetir-se”. As desculpas foram aceites. Mas como já conheço bem a C, sei que as birras não vão terminar por aqui, independentemente desta compreender que o seu comportamento por vezes não é o mais adequado. Amanhã provavelmente já estará a fazer outra birra.

### 3 de Fevereiro

Falei com alguns jovens e propus-lhes a dinamização de uma peça de teatro. Uns demonstraram o seu interesse e a S, que frequenta uma escola de teatro, disse logo que era a encenadora. Veríamos se todo o entusiasmo demonstrado não seria apenas momentâneo. Para os cativar a participar, mencionei que poderíamos também encaixar o canto e a dança, sabendo que alguns deles gostam destas atividades. Disse à B que ela poderia cantar pois tinha uma bela voz e cantava muito bem. Respondeu-me que não, tinha vergonha, que nunca ninguém a tinha ouvido, nunca arriscou cantar em público e eu disse “eis uma boa oportunidade para fazeres e perderes esses medos, tu consegues” No entanto não ficou muito convencida, mas acrescentou que só o faria para o seu irmão, se o irmão lá estivesse (o irmão seria acolhido no lar ainda em fevereiro). Se ele quisesse, poderia participar, disse-lhe. Mas B achava que não ia conseguir convencê-lo, porque ele não gostava de dançar ou cantar. Eu continuei a dar-lhe força: “vais ver que consigo”.

Depois, no corredor encontrei o Z, um dos mais novos, e disse-lhe que provavelmente na semana seguinte iriam fazer um atelier de máscaras de carnaval em gesso. Expliquei-lhe que eram umas compressas que se punham na cara e passado um tempo ficava gesso, iam ficar com a

cara toda suja, “vão gostar”. Achou engraçado e mostrou-se entusiasmado “que fixe, quero fazer!”.

### Sala de Estudo – 7 de Fevereiro

O R, de 15 anos, e a M de 13 anos, são jovens divertidos e até bastante confiantes. Estavam na sala de estudo a fazer os trabalhos de casa, o R fazia os trabalhos de inglês e a M os de português. O R pediu-me ajuda e eu sentei-me ao pé deles para lhes tirar as dúvidas e depois de terminados os trabalhos de casa, propus-lhes um desafio. Diálogo:

Trabalho de Inglês e Trabalho de Português

R. – Jovem

M. – Jovem

Est. – Estagiária

Est. – Já que terminaram, vou propor-vos um desafio. Aposto que não conseguem.

A ideia não foi denegri-los mas sim “provocá-los”, foi uma estratégia que decidi utilizar porque achei que seria uma forma de os incentivar e motivar para a atividade. Considero que resultou.

Ao R propus traduzir uma música à sua escolha em inglês. À M, que fazia os trabalhos de português e ouvia música simultaneamente com os *headphones*, propus que escolhesse o instrumental de uma música no *youtube* e depois criasse uma letra.

Eles acataram as minhas propostas com determinação, motivação e entusiasmo. Quanto ao resultado foi bom, um pequeno texto em inglês. Esta atividade permitiu o desenvolvimento da criatividade e a prática de conhecimentos.

### 8 de Fevereiro

Neste dia partilhei com o meu orientador de estágio no local, a minha ideia de realizar um *workshop* de máscaras de carnaval. Tinha pensado no dia 11 de fevereiro, sábado seguinte, mas referiu que era muito em cima da hora e, além disso, as crianças e jovens já tinham uma atividade planeada para a manhã desse dia. Ficou então acordado que juntamente com uma

professora de artes da minha antiga escola, iríamos fazer no dia 18 de fevereiro o *workshop* de criação/construção de máscaras de carnaval com materiais recicláveis. O orientador pediu-me que na reunião da noite, informasse as crianças da atividade.

Antes da reunião falei com duas crianças sobre a hipótese de criarmos uma peça de teatro em que seriam eles a construir a história as personagens, os cenários e as roupas. Ficaram muito entusiasmadas e uma delas, muito criativa, começou logo a imaginar a história toda “Já sei, eu e a M podíamos ser as polícias, o Z e o D os ladrões e E a vendedora”. Todos concordaram imediatamente. Também sugeri que se estivessem dispostas, poderíamos incluir a dança e o canto. A A disse “Boa, eu quero dançar!”.

### 18 de Fevereiro

Neste dia, realizou-se um *workshop* de máscaras de carnaval com material reciclável. Quando chegámos à Casa dos Búzios, os mais pequenos ainda faziam os trabalhos de casa. Por isso tivemos que esperar um bocado. A atividade durou aproximadamente uma hora e meia. Havia inúmeros materiais por onde escolher desde missangas, purpurinas, rafia, pequenas bolas de algodão de várias cores, tintas, entre outros materiais. Ficaram todos entusiasmados e a maior parte deles quis participar. A maioria dos participantes optou por fazer máscaras de Veneza. Três dos mais velhos não quiseram participar, um porque ia de fim de semana para casa da família, outro porque tinha de estudar para um teste na segunda-feira e o outro porque simplesmente não queria. Os restantes 9 participantes “deitaram mãos à obra”, fizeram máscaras muito giras, escolheram os adereços, mostraram ser autónomos nas suas escolhas, demonstraram o seu lado mais criativo e, em caso de dificuldades assumidas, os restantes jovens ajudaram os mais pequenos, num espírito de entreajuda.

### 30 de Fevereiro

Fui buscar as crianças à escola, e o Z não me falou, o que me deixou triste. Com certeza estava zangado por algo que, provavelmente tinha acontecido na escola.

Todos demonstraram grande animosidade para com o A, apontavam-lhe constantemente os seus erros, quarto desarrumado, que iam perder a Caminhada por culpa dele. Não achei correto e decidi perguntar o que se passava. O Z chateado disse: “Vocês não percebem, quando

os monitores não estão a ver, o Z ri-se de nós, também nos goza. Por exemplo, já aconteceu eu cair no chão e ele começar a rir-se de mim e eu não gostei”. Então o A reconheceu o erro e prometeu melhorar nesse aspeto.

Estes desabafos são importantes para que os jovens expressem os seus sentimentos, opiniões e esclareçam mal entendidos.

## 2 de Março

Neste dia tive oportunidade de lhes ler a história que tinha escrito com todas as ideias dadas por eles. Foi impossível treinarmos a peça de teatro, porque uma das crianças esteve a terminar os trabalhos de casa e outra esteve com o educador a fazer os convites da sua festa de aniversário.

Li-lhes, então, a história, perguntei-lhes o que tinham achado e as respostas foram todas bastante positivas. Expliquei-lhes que não precisavam de decorar as falas, bastava conhecerem a história e a partir dali poderem improvisar, caso não se lembrassem das falas. Tem sido complicado preparar a peça de teatro com eles, uma vez que os sábados têm sido ocupados por outras atividades.

## 5 de Março

Hoje, particularmente, fiquei intrigada, porque quando fomos buscar o A à escola, punha-se a falar sozinho. Calculei tratar-se de um amigo invisível. Na altura decidi não dar muita importância e falar no momento oportuno com a sua educadora de referência, para compreender melhor esta situação. Mas foi curioso e prestando mais atenção, apercebi-me de que ele estabelecia os diálogos, ou seja, elaborava as questões e respondia, como se duas pessoas estivessem em interação. Parecia tratar-se de um diálogo entre várias pessoas com identidades distintas entre si.

Ao chegar ao “Século”, falei com a educadora que me informou do que eu já suspeitava inicialmente, o A tem amigos imaginários. Agradeceu a informação e perguntou-me se me tinha apercebido há quanto tempo é que ele tinha este tipo de comportamentos. Sem certeza absoluta, desde que ele chegara à Casa dos Búzios manifestava este comportamento, respondi.

## 6 de Março

A mais nova do grupo de crianças e jovens, a M brincava com um jovem às lutas e os outros observavam divertidos. O R, por ter mais força, levantava e punha-a de cabeça para baixo, foi um momento hilariante. Entretanto chegou a C que começou também a brincar às lutas. O A, o novo membro da Casa dos Búzios, sem perceber que era a brincar, intrometeu-se e apertou o pescoço a M para defender a C, uma vez que não tinha compreendido que se tratava de uma brincadeira. Todos ficaram perplexos. A irmã dele ao assistir à situação mostrou-se zangada e prontificou-se a agarrá-lo para que este parasse, dizendo-lhe: "Não se bate nas mais novas. Eu nem sei como é que somos irmãos, a sério. Agora de castigo vou telefonar à Mãe para ela não vir cá esta semana visitar-te". A que já tinha chorado várias vezes porque tinha saudades da Mãe, chorou novamente, e agarrou-se à irmã, tentando bater-lhe. A B conseguiu acalmá-lo, entretanto.

## 9 de Março

Antes do começo da reunião, houve tempo para juntamente com as seis crianças organizarmos um mini teatro de improviso. Acharam bastante interessante e por isso decidiram participar. Começaram por escolher um personagem e tinham de se identificar, o nome, quem eram, que profissão tinham, entre outros. Depois disso, quiseram fazer o teatro, improvisando, as falas, o diálogo e a história criados no momento, foram muito criativos. O D era a raposa vermelha, apresentou-se dizendo que comia coelhos ao almoço e pássaros ao jantar. M quis ser a patinadora no gelo, a Elsa da Frozen, disse que gostava muito de patinar, eu até lhe disse que na apresentação final da peça do teatro até podia andar no palco de patins se quisesse, pareceu-me gostar bastante da ideia. As restantes crianças optaram por ser os médicos. Foram criativos ao ponto de inventarem um enredo relacionado com o conflito, a zanga, entre outros temas de especial relevância. O Z e o A quiseram fazer outra história que era sobre o *bullying*, dois jovens que se começam a agredir mutuamente mas que no final conseguem resolver o problema, dão um abraço e ficam novamente, amigos.

## História – Teatro de Improvisação

N – Narrador

R – Raposa Vermelha

E – Elsa, a patinadora no gelo

M – Médico

L – Ladrão

I – Individuo que é roubado

N - Era uma vez uma Raposa vermelha, que dormia no seu belo tronco. O sol nasceu cedo e o brilho a bater-lhe na cara fez com que a raposa vermelha acordasse. (espreguiça-se, de seguida sorri e roda, roda até tombar no meio do chão e de divertida dá uma valente gargalhada). Entretanto, ao longe, a raposa vê uma menina, a bela e bondosa Elsa, a patinadora no gelo (esfrega os olhos, como se estivesse perante uma miragem). Elsa aproxima-se e a Raposa pergunta-lhe:

R - Quem és tu?

E - Sou a Elsa, a patinadora no gelo. Gosto muito de dançar. (rodopia e rodopia sem parar).

R – O que é dançar?

E – É quando danças ao som da música e te movimentas conforme o ritmo que ouves. É bom e dispõe os humanos de alegria.

R – O que é um Humano?

E – Os humanos são como eu. Sou uma criança e como eu há tantas outras crianças. Depois também há os adultos.

R. – Os humanos devem ser todos simpáticos como tu. Quero conhecê-los.

E – Olha que nem todos. Tanto há humanos bons como humanos maus, por vezes parece que não têm sentimentos. Anda, vem comigo à cidade e logo perceberás e conhecerás outros humanos.

R – Está bem.

N - Deslocaram-se à cidade mais próxima. Pelas ruas da cidade via-se arte por todo o lado. Um artista de rua pintava a paisagem, um grupo de jovens dançava ao sabor do vento e cantores talentosos expressavam-se através das suas melodias.

Elsa juntou-se ao grupo e dançou com eles. A raposa vermelha assistia, curiosa e entusiasmada, e depois dançou euforicamente no seu próprio estilo.

N - O ladrão, aproveitando-se da confusão, roubou a carteira ao indivíduo. Este reparou que lhe tinham roubado a carteira e correu atrás dele, na tentativa de a recuperar. A raposa vermelha, astuta e inteligente como é, observou todo aquele aparato e perante tamanha maldade humana intrometeu-se para poder ajudar o homem.

I – Apanhem esse bandido, ladrão, ladrão... (o indivíduo conseguiu apanhar o ladrão e começou-lhe a bater). Isso é meu, devolve-ma.

R – (agarra o ladrão).

E – (agarra o indivíduo que num impulso empurra Elsa e esta cai desamparada no meio do chão, sem sentidos)

R – Médicos, médicos, rápido... (agarra-se à Elsa e dá-lhe um grande abraço).

M – (vê como está a paciente e esta acorda). Ela já está bem.

E – O que é que aconteceu?

R - Mas, o que é que se passou aqui? Bater nas pessoas, isso não se faz, é muito feio. Viram o que podia ter acontecido? E não se deve roubar. Aprendam que esta velha raposa não dura sempre.

L – Desculpe! Prometo não voltar a roubar.

I – Eu também peço desculpas! Eu sei que não devia ter usado a violência, fui demasiado impulsivo.

(Ambos dão um grande abraço de reconciliação.)

N - Depois de resolvido o conflito, as pessoas que assistiam ao acontecimento dispersaram e seguiram as suas vidas. Ficaram apenas a raposa e a Elsa, a patinadora no gelo.

E – Eu bem disse que o mundo dos humanos não eram só rosas. Por vezes, também nos picamos nos espinhos que a vida nos trás. E como viste, os humanos também podem ser maus.

R – É verdade, mas também temos que saber fazer escolhas na vida e isso depende de cada humano. Acredito que o bem está presente em cada um de nós, só precisamos de o pôr em prática. A vida é complicada por todos os obstáculos e adversidades mas os humanos são capazes de aprender e crescer, tornando-se pessoas melhores.

N – A raposa vermelha e a Elsa, a patinadora do gelo, juraram ser amigas para sempre e apoiarem-se incondicionalmente. Vitória, vitória, acabou-se a história!

### 15 de Março

A reunião começou por volta das 20h30 porque as crianças andavam a deitar-se demasiado tarde. Hoje estiveram muito mais calmas do que o habitual, o que permitiu que a reunião decorresse de forma rápida e sem grandes interrupções.

Iniciou-se a reunião falando sobre as comidas de que gostavam mais e as que gostavam menos para propor no refeitório. As propostas foram essencialmente lasanha, esparguete à bolonhesa e arroz de pato. Comida de peixe era a que menos gostavam.

Depois falou-se sobre a Caminhada, qual o bónus que gostariam de ter e alguns referiram a Kidzania, McDonalds, BurgerKing, poder usar o telemóvel e não ter que fazer contributos. Prosseguiu-se com os resultados da Caminhada alcançados naquela semana. M ficou de bónus, fez logo uma grande festa (fez a dança da vitória), a C ficou de consequência, mas prometeu que na próxima semana iria melhorar e que até ficaria de bónus.

No final, pelo bom comportamento, fizemos um jogo escolhido por eles, o jogo da bruxa. Este jogo é muito parecido ao do quarto escuro. A bruxa tinha que os procurar no escuro,

enquanto os restantes se escondiam o mais possível para não serem apanhados. Quando eram apanhados iam para o caldeirão e o último a ser apanhado ganhava. C não quis participar porque tem medo do escuro.

### 16 de Março – Carrinha

Propus-lhes que fizessem um jogo de que também eu gostava de jogar. Ficaram muito curiosos e quiseram conhecer o jogo.

De olho na cor dos carros era o nome do jogo. Cada jogador escolhe uma cor de carro. Cada vez que passe um carro da cor escolhida por um dos jogadores, ele ganha um ponto. Ganha o jogo o elemento que tiver mais pontos. Dito isto, cada um escolheu uma cor e durante a viagem até à Instituição “A Hera” vieram muito divertidos. O Z estava a ganhar e, todo contente, dizia “vou à frente, tenho mais pontos, já vou em 24”. A viagem foi calma, não houve grandes conflitos entre eles, o que só prova que um simples jogo os pode entreter, melhorando a comunicação entre o grupo de crianças.

### 25 de Março

Desenho de Mandalas

E – Jovem

Est. – Estagiária

Est. – Que giro! Tens imenso jeito.

E – Este não ficou bem feito, vai para o lixo.

Est. – Não deites ao lixo, se não o queres, fico eu com ele. Olha, eu gosto muito. Quem me dera conseguir fazer isso. É muito difícil.

E – Ajuda-me a escolher um na *internet* para eu desenhar.

Est. – Está bem. Goste deste.

E – *Okay*. Vou desenhar esse então.

Est. – Vá, faz lá esse que eu depois quero ver o resultado final. Aposto que vai ficar brutal.

A E é talvez uma das jovens mais problemáticas, explosiva, costuma arranjar sempre confusões e/ou discussões e é muito revoltada. No entanto, conseguiu encontrar no desenho de mandalas uma forma de se acalmar.

O D tem 11 anos e é uma criança com necessidade de afeto (várias vezes recorre aos abraços e beijinhos, principalmente com os adultos). Aproveito sempre estas oportunidades para realizar reforço positivo e sente-se o seu entusiasmo e felicidade. Diálogo:

Desenho Livre

D – Criança

Est. – Estagiária

Est. - “Está muito bonito, gosto muito”. – Reforço positivo.

D - “Gostas? Toma, é para ti”. – Demonstração de afeto e empatia.

Est. – “Muito obrigada! A sério, está mesmo giro. Qualquer dia quem sabe não te tornas num grande pintor. Já reparei que gostas mesmo muito de pintar”.

D – “Sim, gosto. Mas não sei se quero ser pintor. Tenho muito tempo ainda para pensar”.

29 de Março

Mais um dia de reunião, hoje falámos sobre vários assuntos importantes e um deles foram as atividades da páscoa. A reunião demorou mais tempo do que era previsto, porque as crianças estavam demasiadamente agitadas, não se calavam, não obedeciam, motivos que fizeram atrasar a reunião.

A educadora perguntou-lhes que comidas gostavam que fossem preparadas, tinham quatro opções. Todos preferiam os bifos com ovos estrelados.

No final da reunião, como se tinham portado tão mal, não iriam ter direito ao jogo planeado inicialmente. Demonstraram o seu desagrado e ficaram tristes. Ainda houve tempo para um debate de ideias sobre o facto de considerarem a Casa dos Búzios uma prisão, mas no final compreendeu-se o motivo da revolta. Algumas crianças começaram a chorar por terem saudades das famílias e questionaram-se sobre o motivo de não puderem estar com eles, ao que a

educadora tentou responder a tudo com o máximo cuidado. Assim, a revolta não era por as janelas da Casa dos Búzios terem grades ou as bicicletas serem em menor número. De uma forma involuntária e não planeada criou-se um momento de empatia entre todos, bastante importante para a verbalização e partilha de opiniões. Foi bastante terapêutico porque fê-los falar sobre o que os apouenta e puderam igualmente expressar os seus sentimentos, através do choro, tristeza e saudade.

### 1 de Abril

Neste sábado estavam presentes só os mais velhos e um deles tinha-me pedido para levar o portátil para poder ver um filme. Primeiro tentámos ver o Tarzan mas sem sucesso. Procurei outro filme e o escolhido foi os *Animais Fantásticos e Onde Habitam*.

Entretanto, E veio pedir-me para fazer um bolo e começámos por escolher qual seria, depois de alguma pesquisa decidimos optar pelos bolinhos de *Cerelac*, uma vez que tínhamos os ingredientes para poder fazê-los. Procurámos um medidor, mas como não encontrámos pedimos ajuda ao cozinheiro Z do refeitório da Instituição “A Hera” que nos auxiliou com as medidas, pesando os ingredientes na balança da cozinha. Depois dirigimo-nos à cozinha da Casa dos Búzios para fazer os bolinhos. No final desta aventura, concluo que foi muito produtivo pelas novas aprendizagens que se fizeram, pelo trabalho em equipa e pelo reforço da empatia e de laços afetivos.

### 3 de Abril

Como estava um sol bem raioso decidimos no final da tarde ir à praia. Foi uma tarde bem passada, deu para descontrair um pouco, as crianças e jovens que também nos quiseram acompanhar acabaram por se divertir muito, saltaram, brincaram, tiraram fotografias e fizeram algumas acrobacias (pinos, rodas, pontes).

### 5 de Abril

O dia de hoje foi muito divertido. Por volta do meio-dia dirigimo-nos de autocarro ao Jardim da Quinta da Alagoa para fazermos um piquenique e também realizarmos algumas

atividades lúdicas com as crianças e jovens da instituição. Foi um dia diferente dos outros, quebrou-se um pouco a rotina e crianças, jovens, educadores e técnicos juntaram-se todos para disfrutarem do convívio onde não faltaram jogos.

Chegados ao local preparámos tudo para comer e só depois fizemos os jogos. A seguir ao almoço, ainda antes da realização das atividades, jogámos futebol e *badminton*. Foi muito divertido e pude também ensinar a algumas crianças como se joga *badminton*, pois a grande maioria não sabia.

O primeiro jogo realizou-se da seguinte forma: foram colocados papéis nas costas de cada um e depois tínhamos que escrever adjetivos e palavras positivas que definissem aquela pessoa. Foi interessante porque no dia-a-dia andam muitas vezes em conflito, mas hoje conseguiram todos atribuir aos outros algo positivo. Esta atividade serviu para criar união no grupo.

Nos restantes jogos apercebi-me da competitividade existente, começando a chamar-se de batoteiros uns aos outros. No segundo jogo, divididos por grupos, tínhamos como objetivo pegar nos pinos dos adversários e colocá-los dentro da baliza da equipa adversária.

No terceiro jogo, um grupo era a verdade e o outro a mentira. Consoante as perguntas colocadas, se fosse verdade, a equipa da verdade tinha que apanhar a da mentira e vice-versa.

Antes de realizarmos o último jogo, fomos descansar um bocado, beber água e lanchar. Ainda deu para jogarmos mais um pouco de futebol e *badminton*. Para encerrar as atividades daquele dia, fizemos o jogo dos balões de água. Foi muito divertido, sendo os educadores e técnicos os mais bombardeados por balões de água.

Na avaliação final, as crianças e jovens disseram que gostaram muito e que se podia repetir mais vezes. Um deles referiu que gostou mais da atividade dos balões de água, pois puderam-se molhar todos. Foi uma tarde muito divertida, permitiu descomprimir, criar e unir laços afetivos. Houve trabalho de equipa, colaboração e cooperação para que as atividades planeadas fossem bem-sucedidas. E assim aconteceu.

#### Terra dos Sonhos - 6 de Abril

Neste dia, as crianças dos 8 aos 11 anos estiveram na “Terra dos Sonhos” em Lisboa. As atividades desenvolvidas centravam-se no desenvolvimento da autoestima, confiança e partilha. Não assisti à sessão porque eram atividades fechadas, apenas as crianças poderiam estar presentes.

Quando os fui buscar estavam muito felizes e disseram que gostaram muito, no entanto estavam muito agitados, facto observado na viagem de carrinha realizada até ao “Século”.

Antes de sair, perguntei às duas senhoras encarregues das atividades se tinha corrido tudo bem. Responderam-me afirmativamente, mas mencionaram o facto de haver uma atividade em que tinham de dizer quais as suas preocupações e T (criança da Casa das Sereias) tinha dado o exemplo de estar preocupada com a sua Mãe que estava hospitalizada. A, muito prontamente, respondeu: “é matá-la”. T começou a chorar e ficou muito triste com o A e a partir daquele momento, os restantes começaram a gozar com o A e a dar-lhe “carolos” na cabeça.

Na carrinha, falei com o A e tentei chamá-lo à razão e ele riu-se do assunto. Disse-lhe que tinha sido muito grave aquilo que ele disse e que devemos sempre respeitar os outros, sobretudo em situações tão delicadas.

### Carrinha

M vinha triste porque as outras crianças da Casa da Conchas gozaram com ela e estavam todos contra ela. Tentei acalmá-la, dizendo que ia passar e que o melhor era não ligar. Depois tive uma conversa com a A pois é a criança mais próxima da M e disse-lhe que, sendo ela a melhor amiga da M, devia falar com ela. Referi o ponto mais importante: “o melhor amigo apoia nos bons e maus momentos, não estragues a vossa amizade por coisas sem importância” disse. Ficou calada mas percebi que tinha compreendido. Falei posteriormente com o D porque ele anda com a M na mesma escola e também são bastante amigos. Perguntei-lhe por que não falava com M e ele respondeu que tinha vindo a falar com ela na carrinha, no regresso à Instituição “A Hera”.

### Cinema – Bela e o Monstro – 11 de Abril

Hoje fomos ao cinema ver *A Bela e o Monstro*, no Cascais Villa. A princípio algumas crianças e jovens resmungaram e nem queriam ir, diziam ser demasiado infantil. Eu disse-lhes que gostava muito de filmes da Disney, forma de lhes lembrar que até os adultos gostam de desenhos animados e filmes infantis, e que não havia mal nenhum, antes pelo contrário.

No final da sessão, as reações e críticas já eram mais positivas, uns disseram que gostaram, uma das jovens disse que ficou deliciada e até quase chorou.

As ideias que sobressaíram mais no filme, e que permitiram uma reflexão, foram: a importância do interior das pessoas e a aparência, sendo a primeira mais importante que a beleza exterior. As outras ideias tinham a ver com racismo e preconceito, porque dois dos personagens formavam um casal de namorados diferentes na condição física e na cor.

### Peddy-paper – 25 de Abril

Aproveitei o feriado do 25 de Abril, sabendo que estariam mais crianças e jovens em casa para dinamizar um *peddy-paper*. Pensei em dividir os jogos por diferentes categorias, começando pela autoestima, mímica, canto e, finalmente, desporto.

Como iniciei as atividades sozinha, a princípio foi um pouco difícil porque as crianças estavam sempre a conversar e não me ouviam. Começámos pelos jogos da autoestima, fizemos uma roda e eu comecei por passar um pin, que dizia: “descreve-te numa palavra”. As palavras utilizadas foram diversificadas tais como criança, simpática e divertido. Passámos ao próximo jogo: uma caixa de cartão, “um dado”, foi lançado no chão por cada um dos participantes e conforme a frase que calhasse, sou bom a..., qual a minha melhor qualidade..., gosto de..., o que eu gosto mais em mim..., deveriam responder.

Em seguida, passámos para o terceiro jogo que consistia em dividirem-se, primeiro em duas equipas e, depois de ouvirem a questão colocada, os dois elementos representativos de cada equipa tinham que correr para a bola, que estava a um a distância razoável, e quem apanhasse primeiro a bola respondia; e assim sucessivamente, participando à vez todos os elementos das duas equipas. Entretanto, chegaram duas educadoras que se disponibilizaram a ajudar e também a participar, uma vez que eu estava com dificuldades em prosseguir com as atividades, devido ao entusiasmo das crianças e jovens que interrompiam constantemente e não deixavam continuar. Uma das educadoras até disse: “tens que te impor, doutra forma não consegues”.

Uma educadora quis tomar conhecimento das atividades que eu tinha planeado fazer em seguida e disse que, possivelmente, seriam um pouco difíceis e propôs outras. Eu aceitei as atividades propostas pelas educadoras.

## Sala de Estudo – 27 de Abril

O D não costuma ser muito explosivo e zangar-se com facilidade. Neste dia estava com ele a estudar o verbo *To Be* porque ia ter teste de inglês no dia seguinte. Aparentou ter algumas dificuldades em decorar e por isso decidi que ele devia escrever os verbos numa folha, sem olhar para o livro. Demonstrou desagrado, ficou zangado e começou a chorar, cruzou os braços e amuou. Diálogo:

Estudar Inglês

D – Criança

Est. – Estagiária

D – Não vou fazer.

Est. – Vá lá D tu consegues. Acabas isso e vais, é rápido.

D – Não sei. Não consigo fazer este.

Est. – Eu sei que consegues, eu acredito em ti. Vá, digo-te o primeiro, o outro já sabes. *I am*.

D – *You are*.

Est. – Boa, vês como sabes. Certo, é isso mesmo.

D – *He are*.

Est. – Será? Pensa lá melhor...

D – *He/She/It is*

Est. – Muito bem, sim senhor.

Colocou muita resistência, mas no final acabou por terminar o exercício.

## 29 de Abril

Hoje, uma das jovens da Casa dos Búzios testou completamente os meus limites, quando eu estava sozinha na sala dos técnicos, porque os restantes elementos da equipa educativa e técnica encontravam-se em reunião.

Começou por pedir toalhetas e disse-lhe: “Espera que os educadores saiam da reunião e depois pedes.”. Não reagiu bem e foi muito mal-educada comigo dizendo: “Agora, lá porque és estagiária, pensas que manda e não quer fazer nenhum” e ainda acrescentou: “és insignificante”.

Eu, é claro, tentei defender-me da melhor forma possível mas fiquei tão possessa que nem sei o que lhe disse na altura. Minutos mais tarde veio-se a saber que já tinha pedido à educadora no dia anterior e tal não lhe tinha sido concedido. Não lhe dei as toalhas e esperei que viessem os educadores, porque já tinha havido uma situação em que lhe tinham dito que não podia fazer as pipocas no micro-ondas e eu, como não sabia, autorizei, gerando-se mais tarde uma grande confusão. Depois foi buscar o lanche, quando regressou abriu o pão e deitou o queijo para o lixo e eu disse-lhe que não devia ter feito aquilo, pois é um desperdício e há muitas crianças que passam fome e nem uma fatia de pão podem comer. Ela respondeu: “Eu lá em casa também faço isso”. Pediu manteiga para pôr no pão e disse-lhe: “Nem devia dar-te manteiga, não mereces pela atitude e comportamento que tiveste” e fez chantagem dizendo: “Não almocei e se não puder pôr manteiga no pão também não vou lanchar”. Naquela altura não tive vontade nenhuma de lhe dar a manteiga, mas também não queria que ficasse sem comer e acedi.

A outra situação ocorreu novamente na sala dos técnicos, quando a jovem começou a mexer nos processos e a dizer: “Olha, este é do B e este é do W”; chamei-a à atenção e disse-lhe: “Pára de mexer nisso, não podes, dá cá”; não mos deu, tive que lhos tirar da mão à força e disse-lhe: “Sai daqui, vocês nem deviam estar aqui. Vai-te embora”, respondeu: “saio, se eu quiser” e ali permaneceu, gozando, literalmente, com a minha cara. Tentei outra abordagem, virei-me para a mais pequenina, que estava sentada na minha cadeira, e disse-lhe: “Podes sair? E dar o exemplo, já que a D não o faz e é mais velha do que tu?”. Obediente saiu sem dizer nada, ao passo que D só saiu mais tarde quando lhe apeteceu.

Quando a reunião terminou fui falar com a coordenadora e expliquei-lhe a situação toda. Foi convocada uma mini reunião de emergência, onde estiveram presentes, para além de mim, a coordenadora, a técnica e a jovem. Falou-se dos comportamentos e atitudes menos apropriados da jovem e ela sabia que tinha agido mal, porque quase lhe vertiam as lágrimas mas reteve-as para não dar parte fraca.

Fui à volta na carrinha e ainda disse umas “boquinhas”, como por exemplo, “Já não falo mais para essa aí” e eu: “Pensei que já tivesse acabado, não te admito que fales assim, ouviste bem?”. Quando passei no corredor e olhei para ela, disse muito prontamente “Estás a olhar?” e eu respondi: “Não estou a ver”.

Foi talvez um dos dias mais difíceis para mim, uma vez que tive de lidar com muita coisa, instintivamente, e sem pensar muito, tive de responder à altura das circunstâncias. No entanto, foi um dia de grandes aprendizagens, tive que saber lidar com o conflito diretamente. Refletindo

agora sobre o sucedido, poderia ter tido talvez outra postura e tentar solucionar da melhor forma possível o conflito, mas como não tive tempo de reação, agi no exato momento como melhor soube.

#### 4 de Maio

A É chegou da escola e eu perguntei-lhe: “Então tudo bem? Como correu a escola?”. E chateada “Mal, hoje a minha professora chamou-me à atenção e gritou comigo”, questionei-a: “E não fizeste nada?”, E responde revoltada: “Não, eu não fiz nada, estava calada. A professora não gosta de mim, está sempre a implicar comigo e é por culpa dela que eu estou aqui” e ainda acrescentou: “Foi ela que disse à Segurança Social que eu não ia à escola. Eu não ia, não era porque não queria, mas sim porque o meu avô não me podia levar à escola. Sabes o que é? A minha avó está doente e está acamada e o meu avô tem de cuidar dela”.

#### 10 de Maio

Na assembleia de hoje começámos por refletir sobre a semana, chamámos à atenção para o facto de o Z ter tido, ultimamente, um comportamento desadequado, por exemplo, faltas de respeito, má educação e comportamentos agressivos com os adultos. Manteve sempre uma postura de orgulhoso, tapando várias vezes os ouvidos. Informámos que ele iria de seguida à reunião dos mais velhos para que esta questão fosse debatida. A educadora falou-lhes da Caminhada e disse estar muito triste, porque quatro deles estavam de consequência por não terem cumprido com os objetivos. Prometeram fazer um esforço para melhorar na próxima semana. Depois foi-lhes lida uma história da *Branca de Neve e os Sete Anões* sobre como ter boas maneiras à mesa de uma forma divertida Branca de Neve corrigia os Sete Anões. O livro tinha boas ilustrações, o que facilitou a compreensão da história, todas as crianças demonstraram interesse nos efeitos visuais do livro, pedindo várias vezes à educadora para mostrar as imagens. Este momento proporcionou novas aprendizagens na forma de estar à mesa.

## Jogo Saquinho de Feijão - Atividade de dia 10 de Maio

Este jogo tem como principais objetivos elevar a autoconfiança e autoestima das crianças. Este jogo foi dividido em duas fases.

A primeira fase foi realizada nesta reunião e teve como primeiro passo desenhar sobre as seis categorias: família, desporto/atividades, amizade, relação com os irmãos, escola e Casa dos Búzios. Esta primeira atividade permitiu o uso da criatividade e imaginação, campos de atuação que devem ser mais desenvolvidos e explorados. Neste jogo vi uma oportunidade para trabalhar estes aspetos.

A segunda fase do jogo consiste no lançamento de um saquinho para a cartolina e, segundo a categoria, terão de dizer algo positivo ou mencionar uma ação que os tenha deixado orgulhosos deles próprios. Assim, a partir desta reflexão trabalharão a autoestima e a autoconfiança. Esta fase será desenvolvida na próxima reunião, que decorrerá para a semana.

### 12 de Maio

Por ser tolerância de ponto e não haver escola, eu e uma colega estagiária de serviço social ficámos com as crianças e jovens, visto que a diretora, os técnicos e educadores encontravam-se em reunião.

Correu tudo bastante bem, foram sempre colaborantes. Acabei por jogar com eles ao *micado* e foi muito divertido. Por vezes houve alguns conflitos pelo meio, mas resolveram-se facilmente. Deixam-se levar irrefletidamente pela competitividade, aspeto que deve ser trabalhado.

### Atividade: As fotografias – 13 de Maio

Esta atividade pretende fazer com que crianças e jovens usem a sua criatividade e imaginação na construção de uma história, a partir de fotografias. Escolhi duas fotografias, uma em que dois jovens da Casa dos Búzios vêem um jogo de futebol e outra em que duas crianças também da Casa dos Búzios brincam alegremente na praia. O facto curioso é que todos os participantes escolheram essas duas fotografias para fazerem parte da sua história.

As histórias criadas foram as seguintes:

Tudo começou quando R e I jogavam *playstation*. Fizeram uma pausa para comer, depois foram para a escola e viram uns grandes *graffiti*. A escola deles era em Belém e por isso apanharam o comboio. Depois da escola encontraram a M e a A a brincar na praia, foram passear e viram uma paisagem de pedrinhas bonitas. Concordaram que deveriam ir a Lisboa e pelo caminho encontraram um artista de rua que mostrava os seus dotes musicais. A cidade é grande, várias culturas se observam como uma Mãe que segura a filha ao colo, aparenta ser indiana uma vez que tem uma pinta na testa. O passeio foi longo e foram várias as aprendizagens.

Eu e a M estávamos a brincar na praia e depois fomos a casa e encontrámos o I e R que nos disseram que foram andar de metro. Perguntámos: “Querem ir à praia connosco? Sim, queremos ir à praia.”. Então fomos e comemos um gelado, fizemos a digestão e fomos para a água brincar às apanhadas. À tarde fomos a Lisboa andar de eléctrico, ver a paisagem e as casas, depois mais tarde fomos ao Oceanário, vimos tubarões, mantas, raias, peixes-lua, tubarão-martelo, lontras, pinguins, polvo, caranguejos, medusas, cavalos-marinhos, entre outros. No oceanário observei uma senhora a pegar numa criança ao colo e era indiana, pelo menos aparentava ser mas como tinha uma pinta amarela e não vermelha na testa, fiquei com dúvidas. À noite fomos ao C4 Pedro e gostei muito. No palco apareceu um grande ecrã que dizia *Winner*.

#### Festa dos 90 anos da Colónia de Férias – 15 de Maio

Por se tratar de um dia importante, a celebração dos 90 anos da Colónia de férias, hoje foi um dia de fuga à rotina, tivemos uma tarde de convívio com música, comes e bebes. À noite foi a gala da Instituição “A Hera”, mas não pude estar presente.

Na festa convívio da tarde, destaco a importância do convívio geracional. Uma senhora que fez 94 anos foi felicitada por todos e uma das jovens da nossa casa até que lhe ofereceu um balão. Os idosos dançaram alegremente, enquanto as jovens dançavam a coreografia que tinham preparado.

Também tivemos direito a um convidado especial, o palhaço Soneca, que veio animar toda a gente com a sua divertida dança e boa disposição.

## 16 de Maio

Hoje tiveram todos bom comportamento na carrinha. Vinham a conversar sobre os cartões que saem nas compras de supermercado e o Z até já tinha completado três cadernetas. Faltava apenas a da irmã e prometeu-lhe que a terminaria em duas semanas. A A, muito contente, disse que ele podia levar a sua caderneta para a escola.

## 17 de Maio

A segunda fase do jogo do saquinho de feijão decorreu hoje na reunião. Antes de mais importa aqui explicar como foi realizado o jogo. A ideia foi lançar para a cartolina um objeto, neste caso uma bolsinha, e depois, consoante o tema, as crianças tiveram que mencionar um aspeto positivo ou algo de que se orgulhassem. Só depois se falou um pouco dos aspetos a melhorar.

Por exemplo, no tema desporto uma das crianças disse: "Ser bom a jogar futebol.". Na escola, "Ter boa nota num teste.", "Ser assíduo e pontual." e "Estar atento e ser participativo nas aulas." "Quanto aos aspetos a melhorar, atribuíram maior importância à família e relação com os irmãos, "Ajudar mais a minha Mãe em casa.". No relacionamento com os irmãos, mencionaram "Ajudar a minha irmã no que ela precisar."; sobre a Casa dos Búzios disseram: "Ajudar o outro" e "Cumprir com as minhas obrigações (arrumar o quarto, ter bom comportamento, participar em todas as atividades)." e "Ficar de bónus e ganhar a Caminhada.".

Decidi também incluir um outro aspeto, o que seria importante melhorar. Disse-lhes que deveria ser algo que pudesse ser melhorado esta semana. Então eles lançaram o objeto para a cartolina e ao calhar Casa dos Búzios mencionaram: "melhorar a arrumação do quarto", melhorar o comportamento e ainda "melhorar a relação com as outras crianças e jovens." Prometeram fazer um esforço. Na família, prometeram: "Ajudar mais a Mãe, ajudar a fazer o jantar.", "Voltar para a família.". Neste ponto a educadora disse-lhes que isso não dependia deles. No desporto e atividades, referiu-se: "Ser o melhor no futebol.".

Este jogo permitiu uma reflexão conjunta sobre o bom e o mau comportamento e ainda a tomada de consciência dos aspetos da personalidade a melhorar.

## 18 de Maio

Quando fui buscar as crianças à escola, não tivemos que ir a uma delas porque as duas crianças não tinham ido. À última escola fomos buscar duas crianças que costumam ir atrás na carrinha, mas como havia espaço permiti que fossem à frente para contentamento de todos. Um dos cintos não funcionava, então eu pedi ao D que fosse para o banco de trás porque estava numa das pontas. Começou logo com uma grande birra, levantou-se e deitou a mochila e o casaco para o meio do chão e saiu da carrinha furioso. Fui ter com ele para tentar perceber o motivo da birra e duas senhoras que passavam ajudaram-me a resolver o problema. Fizemo-lo ver que se tratava apenas de um lugar e não era necessária toda aquela zanga. Pareceu acalmar e ao dirigir-se para a carrinha disse-me: “Não falo mais contigo”. Quando chegámos à carrinha, a M e a A tinham ido para o banco de trás, ficando o D sozinho no banco da frente.

Na Casa dos Búzios, D continuou com as birras e fez os trabalhos de casa em cima da cama quando devia ir para a sala de estudo. Foi-lhe dito que não iria contar a hora de estudo dele e ele respondeu: “Não quero saber”. Fui falar com ele, de modo a convencê-lo do contrário e com muita calma e paciência perguntei-lhe novamente o que se passava se estava tudo bem na escola, se tinha corrido bem o dia, porque não fazia sentido aquela zanga só por causa de um lugar. A muito custo ele disse: “Nunca tinha ido à frente e queria ter ido.” O educador que ia a passar ouviu e acrescentou: “Tu já não tens idade para estas birras, és o mais velho, tens de dar o exemplo e ainda para mais por um lugar. Com esses comportamentos não vais passar para a reunião dos mais velhos.”.

Passado algum tempo lá o consegui convencer a ir para a sala de estudo. No final já estava tudo bem, mostrava-me desenhos e eu tentava de alguma forma fazer reforço positivo, dizendo-lhe que estava muito bem, o desenho estava muito giro e criativo. Demonstrava algum contentamento por ser eu a dizê-lo. Penso que talvez fosse a forma dele pedir desculpas e de perceber se estava aborrecida.

Por vezes, o D faz estas birras para chamar à atenção, uma vez que se trata de uma criança muito carente, que anda sempre à procura de afeto e esta situação foi possivelmente uma forma que ele arranjou para sentir que as pessoas se preocupam com ele e gostam dele.

## 21 de Maio

Hoje estavam já quase todos de férias e decidimos improvisar uma mesa de *ping pong*. Todos eles ficaram muito admirados por eu saber jogar bem. Realizei dois jogos, o primeiro perdi e o segundo ganhei. Foi um momento divertido.

Em nenhum dos jogos observei grande competitividade, o que é realmente muito bom. De seguida foram todos para a praia, porém eu não fui porque tinha que ir na carrinha da volta para ir buscar os mais novos, que ainda estavam na escola.

## Carrinha

Estavam a comentar o facto de que tinham ido à praia no dia anterior e que amanhã iriam novamente porque o educador lhes havia prometido. No caminho até casa conviveram bem e demonstraram cordialidade entre eles.

## Assembleia conjunta – 24 de Maio

Esta seria a minha última reunião. Decidiram, antes de dar início às reuniões propriamente ditas, juntar-se numa despedida. Todos agradeceram a minha presença, disseram que gostaram muito de me conhecer, agradeceram por toda a amizade, ajuda e apoio dado quando muitas vezes se sentiam mais em baixo.

Uma das mais velhas mencionou o facto de ter havido muitas faltas de respeito para comigo. Depois desse desbloqueio inicial, alguns deles pediram-me desculpas pela forma como me falavam. Considerei isso muito importante, pois foi uma forma de eles refletirem sobre as suas ações. Até a jovem com a qual tive alguns atritos e tem sempre muita dificuldade em aceitar que esteve mal, e nunca pede desculpa, desta vez conseguiu pedir desculpas e disse: "Eu peço desculpa pela forma como te falei mal às vezes, quando na verdade eu sei que estiveste sempre lá para mim". Enquanto estagiária, foi talvez um dos momentos mais importantes, porque a jovem soube reconhecer que em algumas ocasiões errou e pediu desculpas por isso. Além disso, soube reconhecer que, como lhes disse tantas vezes, estava ali para eles independentemente de tudo o resto.

Passámos depois para a nossa sala de reuniões e continuámos a conversar. Curiosos, quiseram saber um pouco sobre mim, com quem vivia, se tinha carro, se vivia num prédio ou moradia, etc. Achei o momento engraçado e fiz questão de responder a todas as perguntas. De seguida, falou-se sobre a Caminhada e no final a educadora deu-lhes alguns minutos para que todos fizessem desenhos ou escrevessem algo para me oferecer, recordações que irei guardar para sempre.

### 30 de Maio

O S e a S são dois jovens talentos, cada um na sua área de interesse. O S frequenta o Conservatório de Dança, adora dançar e sonha um dia integrar The Royal Ballet School. Já teve oportunidade de realizar um curso de verão, que lhe deu muitas bases e novas aprendizagens. Tive algumas conversas com este jovem, sempre atencioso e muito humilde, uma vez disse-me: "Gostava imenso de ir para a Royal Ballet School, quero ser um grande bailarino.". Incentivei-o dizendo: "Já o és. Não desistas, luta. Talento não te falta, acredito que vais ter um futuro brilhante.". Ele sorriu.

A S destaca-se numa outra área, a representação. Atualmente frequenta a Escola de Teatro de Cascais. A S, também é uma jovem muito talentosa, de fácil conversa e extremamente simpática. Falámos muito sobre aulas de canto que ambas frequentamos, o que facilitou a empatia. Às vezes partilhava com ela o facto de os exercícios serem difíceis e ela concordava dizendo: "Sim, nas minhas aulas também fazemos muitos exercícios, os vocalizes, o ter que respirar com o diafragma, ter de identificar no piano a nota tocada e depois sabê-la cantar". Numa outra situação disse-me: "Este fim-de-semana tenho uma peça.", e eu disse-lhe: "Vai correr bem! Estás nervosa?" e ela disse muito prontamente e com confiança: "Não, eu sei as falas, estudei-as muito bem.". Ao jantar, falámos do seu interesse pelo teatro: "Qualquer dia vou-te ver na televisão.", S respondeu: "Não sei, eu preferia fazer teatro, gosto mais do que fazer representação para novelas".

## **Anexo B – Congresso Caminhos e Desafios em Jovens de Risco**

17 de Novembro de 2016

### Reflexão

Este congresso foi muito produtivo, adquiri novas aprendizagens sobre o tema *Jovens em risco*. Pude ouvir vários oradores com ideias diferentes sobre este tema.

As crianças e jovens são afastadas das famílias por decisão do tribunal. E porquê? Porque apresentam fatores de risco que põem em causa a saúde destas crianças e jovens: abusos, maus-tratos, violência, entre outros.

Após integrarem as devidas instituições, nota-se a inexistência de vínculos com os técnicos e educadores. Depois de tanto sofrimento nas mãos dos adultos é natural que não tenham confiança no adulto de referência. É um processo lento, desenvolvido a longo prazo.

Com os testemunhos dos jovens GPS destaco os vínculos afetivos estabelecidos com a equipa, esse sentimento de afeto verificou-se através do discurso emotivo destes jovens. Consideram a instituição a sua segunda casa onde encontraram pessoas que referenciam como um segundo pai e uma mãe para eles.

No seu discurso, o orador Richard mencionou a importância das crianças brincarem como modo de aprendizagem e, acima de tudo, como forma de adquirirem novas experiências positivas. Referiu que sendo todos seres humanos, animais racionais, precisamos de, obrigatoriamente, conviver com os outros, daí também a importância dos grupos. Richard recordou e partilhou com o público presente uma história que marcou a sua vida e que achei bastante importante. Um menino zangado e irritado bateu com os pés na porta e Richard perguntou-lhe: “o que é que tens?” e ele respondeu que estava a bater na porta mas Richard interveio novamente: “não foi isso que eu te perguntei.” O menino respondeu que está chateado porque queria andar de bicicleta mas o outro menino não o deixou andar. Por um lado, o episódio da vida de Richard só demonstra que um dos conflitos mais prováveis de acontecer entre crianças surge a partir de um objeto. Refletindo sobre o sucedido, considero que o facto de o menino ter batido na porta foi um pedido de auxílio, um pedido de ajuda ao adulto responsável que o poderia ajudar. Quando num determinado espaço, ambas as crianças querem brincar com o mesmo objeto, surge então um conflito que deve ser mediado por um adulto, o educador. Por outro lado, verifica-se a dificuldade da criança em expressar os seus sentimentos e a pouca abertura com outras pessoas. Muito provavelmente, o menino pensou que Richard iria recriminá-

lo ou julgá-lo pelo seu comportamento (bater com os pés na porta), daí a sua resposta. Sendo o tema principal do congresso *Crianças e Jovens em risco*, foram vários os oradores que deram exemplos de situações em que os comportamentos em casos de conflito são, normalmente, violentos porque os envolvidos não sabem lidar apropriadamente com os sentimentos e emoções do momento.

Concluo, dizendo que é essencial o investimento na relação para a criação de vínculos. Para além disso, considero indispensável a formação destas crianças e jovens no sentido de que estas possam adquirir ferramentas de controlo das emoções e aceitar os seus sentimentos em vez de os reprimirem. Através de atividades lúdico-pedagógicas, brincadeiras e jogos, as crianças e jovens estarão a aprender de forma inconsciente, conduzindo a um bom desenvolvimento cognitivo, pessoal e social que é a grande meta a alcançar.

## **Anexo C - Visita ao Bairro da Torre**

No dia 10 de Abril, os trabalhadores da Instituição “A Hera” foram convidados a participar numa atividade organizada pelo Projeto “Agarra a Oportunidade”. A atividade consistia na visita ao bairro da torre e da Casa dos Búzios participaram a diretora, a coordenadora, educadoras, duas estagiárias e três jovens do lar de infância e juventude. Foi uma dinâmica bastante interessante, na medida em que permitiu refletir sobre várias problemáticas que afetam as realidades sociais de hoje em dia.

O bairro da Torre é considerado um bairro social, mas que tem reforçado o valor do concelho de Cascais, tornando-se num ponto de referência, de interesse turístico e cultural no contexto de arte urbana.

Assim, os murais dos prédios são hoje grandes obras de arte realizadas por artistas nacionais e estrangeiros convidados para criarem arte urbana: Paula Bonet, Daniel Eime, Kruella D'enfer, Mar e Add Fuel. Esta arte urbana pretende fixar aspetos importantes, significativos e identificativos para as pessoas daquele bairro. Por exemplo, os animais aquáticos simbolizam o mar, fazem referência à proximidade do bairro ao mar; as mulheres (principalmente mulheres africanas) remetem para a valorização do papel da mulher; o “mundo nas mãos”, como forma de simbolizar o multiculturalismo, a apologia das diferenças culturais; a varina, pois já alguns anos existia uma varina que todos os dias ia para a rua vender o seu peixe, tornando-se assim numa referência/personalidade importante para a comunidade.

No final da visita tiraram-se várias ilações como a importância da arte para refletir sobre determinados aspetos (racismo, multiculturalismo, diferenças culturais, o papel da mulher, etc.). Depois da visita refleti com o jovem da Casa dos Búzios sobre alguns pontos essenciais observados ao longo de toda a visita. Iniciei a conversa referindo: “Uma das coisas que me chamou mais à atenção foi a convivência e união das pessoas do bairro. Não viste na Rua do Congo? Estavam todos cá fora no convívio, a jogar à bola e a passear com os seus cães. Compreendi também que todos se conhecem uns aos outros, o que é fantástico”. O jovem ressaltou dois aspetos também eles importantes para esta reflexão partilhada e com a qual concordei: “Isso é muito bom, eles na sua comunidade dão-se muito bem, mas em sociedade eles não se dão. Além disso, existe muita violência entre grupos de bairros sociais diferentes”. Eu rematei: “Bem visto, não tinha pensado nisso. Eu acho que eles não se dão tanto à

sociedade porque se sentem discriminados. Acredito que ainda existe muito preconceito e exclusão em relação às pessoas dos bairros sociais”.